

Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção



José Matias Alves | Ilídia Cabral (Eds.)

Prefácio

João Costa

Mai 2020

Ficha técnica

Título: Ensinar e aprender em tempo de COVID 19: entre o caos e a redenção

Organização e Edição: José Matias Alves & Ilídia Cabral

Prefácio: João Costa

Autores: Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, Anabela Macedo, Anabela Sousa, António Oliveira, Carla Baptista, Cristina Palmeirão, Diana Soares, Fernando Paulo Sousa, Hélder Martins, Ilídia Cabral, Irene Cortesão Costa, Isabel Lage, Joaquim Azevedo, Jorge Machado, Jorge Nascimento, José Matias Alves, Letícia Silva, Lídia Santos Sousa, Lília Silva, Luísa Pereira, Manuela Gama, Maria José Tavares, Marisa Carvalho, Paula Mota, Pedro Jesus, Raquel Duarte, Rogério Gonçalves, Rui Pedro, Sandra Lídia Rodrigues, Sofia Mendes, Sónia Soares Lopes, Vitor Alaiz.

Paginação: Francisco Martins

Data: maio de 2020

Local de edição: Porto

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

ISBN: 978-989-54364-6-0

Índice

Prefácio	4
1. O (re)encontro de gerações em tempo E@D	7
2. 2020_Um (não)lugar entre o caos e a criação.	11
3. Ser professora em tempo de pandemia - (Covid – 19)	18
4. Catarse Pandémica: o fundamental das coisas simples	24
5. Ensino e aprendizagem da matemática em tempos de COVID19 - um simples exemplo - “A educação na (re)construção de um futuro melhor”	28
6. A urgência da escola num ecrã e a aproximação ao essencial em educação. É possível percorrer este caminho?	34
7. Tempo de incerteza... mas também de esperança	38
8. Aprender a viver no caos	42
9. Digitais por obrigação	55
10. Educar em Qualquer Lugar	60
11. A Intermitência dos tempos que correm... ..	64
12. O ensino e a aprendizagem em tempos de COVID-19 à luz da teoria da ação comunicativa de Habermas	67
13. O espaço e o tempo educativos e os desafios em tempo de COVID 19	76
14. Não basta abrir a janela	79
15. COVID e educação: da emergência às oportunidades	83
16. Fechou se uma porta, abriram as janelas de p@r em p@r	87
17. Entre o caos e a esperança	93
18. A sala de aula: um lugar sem lugar definido.	99
19. Da Escola ... Epicentro da Economia e do Mundo	102
20. Certezas que o vírus não abalou	106
21. O sentir dos alunos num novo contexto de aprendizagem	110
22. O que não cabe nos formulários [Sempre_Nunca_Às vezes]	113
23. As incertezas da segurança ou as inseguranças da Certeza	116
24. Acesso, equidade e aprendizagem: Desafios em tempos de Covid 19	119
25. O Moleskine de bolso.....	123
26. Nada será como antes.....	127
27. Quando as aulas entraram em casa.....	130
28. Estar à distância	133
29. Impactos: metamorfoses, desigualdades e... expectativas	136

Prefácio

João Costa | Secretário de Estado Adjunto e da Educação

E de repente, sem termos tempo para nos prepararmos, o campo lexical da escola alterou-se e passou a incluir palavras como aula síncrona, distanciamento, plataforma, COVID19, máscara, chat, online, gel... Sabemos que os sistemas educativos europeus não tinham sido afetados tão negativamente desde a II Guerra Mundial. De um dia para o outro, as escolas fecharam-se e o sistema educativo viu-se alterado não por vontade, mas por imposição.

Os professores portugueses revelaram o seu profissionalismo e capacidade de adaptação, as escolas organizaram-se. Do lado do Ministério da Educação, fomos produzindo recursos, orientações, colhendo práticas, estabelecendo parcerias, para apoiar o trabalho às escolas e aos professores neste momento difícil (coligidas em <http://apoioescolas.dge.mec.pt>).

Os testemunhos e os olhares deste livro, que tenho a honra de prefaciá-lo, são prova desta capacidade de adaptação, da inquietação associada, da preocupação com os alunos. São também voz de um contexto que não se esperava, que gerou mais trabalho, muitos caos e muitas organizações, muito trabalho para todos, inversões de papéis, cansaço pelo trabalho e pela vontade de que o vírus desapareça depressa.

Houve profissionais que nos mantiveram sempre protegidos: os serviços básicos não nos falharam (água, luz, recolha de resíduos), os serviços de saúde deram provas de uma capacidade de trabalho inestimável. Também as escolas não pararam. É justo o reconhecimento aos profissionais da educação pela sua capacidade de resposta.

Tenho alguma relutância em alinhar com os que veem nesta crise uma grande oportunidade ou que apregoam a mudança na educação, falando de um “novo normal”. Desde logo porque a pandemia, para muitos, é o começo de uma crise financeira e social muito grande, como se adivinha já pelos números do desemprego e pelo impacto terrível na economia. Também porque a mera mudança de meios não significa uma alteração paradigmática. Descubrem-se novos caminhos, sem dúvida, mas é cedo para fazer avaliações de impactos ao nível das aprendizagens e da eficácia do ensino a distância, assunto a que voltarei. Há poucos dias alguém me falava desse tal “novo

normal” na educação e eu respondi que, se este for o novo normal, eu quero ser anormal. Porque me faltam as pessoas. Porque me faltam os abraços.

Aprenderemos com este contexto e avaliaremos no tempo certo. Por agora, abrimos os olhos, porque a pandemia e as suas consequências puseram o sistema educativo debaixo de uma lupa enorme, que torna tanto que já sabíamos absolutamente evidente e urgente. Destaco quatro aspetos:

Nenhuma máquina substitui um professor. Educar é um ato relacional. O cérebro vai à escola, mas também vão o corpo e as emoções. Os melhores algoritmos do mundo não substituem o olhar atento do professor ao aluno que está perdido ou o que se intui a partir da postura. O algoritmo não vê o brilho nos olhos do aluno que entende o que se lhe explica. Por isso, apesar de passarmos a dominar novas técnicas, desenganam-se os que pretendem um ensino em que a digitalização substitui a relação.

Só a escola presencial é elevador social. A escola garante mobilidade social, porque é transmissora de conhecimento – o principal instrumento para a tomada de decisão esclarecida – mas também porque garante aos que menos têm a atenção personalizada, a refeição que não existe em casa, a proteção quando está em risco, o afeto que falha noutros espaços. Esta pandemia acelerou desigualdades. Os mais desprotegidos ficaram mais distantes e mais evidentemente desligados do currículo. Já estavam desiguais, já estavam distantes. Mas agora a distância e a desigualdade tornaram-se muito visíveis quando, por ironia, eles ficaram mais invisíveis.

É preciso continuar a trabalhar a avaliação. Com tanto trabalho desenvolvido, os principais debates públicos foram sobre avaliação – na verdade sobre classificações. A nota final é do segundo período? A média é esta ou aquela? É justo avaliar os alunos em ensino a distância? Torna-se evidente que, em linha com o trabalho iniciado com a publicação do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* e com os referenciais para avaliação inscritos na legislação recente sobre currículo e educação inclusiva, é preciso diferenciar na avaliação para que esta seja justa, diversificar instrumentos de avaliação para que não se ache que se faz à distância o que se aplica em condições radicalmente diferentes no regime presencial. Torna-se urgente esclarecer mais uma vez que toda a avaliação é eminentemente formativa, caso contrário não cumpre a sua função. Em suma, entender que avaliar não é classificar.

O sentido de ser comunidade educativa. Conforme estes textos tão bem ilustram, os papéis de cada um foram bastante alterados. Os pais estão mais conscientes do trabalho que os filhos fazem e são chamados a um apoio maior. Os professores estão mais expostos, porque ao invadirem a casa dos alunos têm também mais olhos postos na sua aula. Ser comunidade nunca foi tão importante. Já sabíamos que a qualificação académica dos pais é preditor do sucesso escolar. Mas não tem de ser assim. Citando o Professor Joaquim Azevedo: “a escola é democrática, mas não é justa” quando não garante sucesso a todos, porque tantas vezes o sucesso depende de uma família por trás. A pandemia abre-nos os olhos que entram pelas casas das famílias. Nada é novo, mas entende-se a dimensão ecossistémica da escola. Todos dependemos de todos e não é justo esperar que tudo caia em cima dos ombros de um só, seja do professor, do aluno, da família ou de quem mais estiver envolvido. Educar implica colaborar, o que se tornou evidente nas plataformas de colaboração online que se criaram.

Relação, visibilidade, diferenciação, colaboração. Já eram necessárias. O vírus tornou-as evidentes.

Também tornou evidente a importância de uma investigação sobre a escola que é mais do que reflexão. Tem de ser prática e proximidade. Tem de sugerir o que fazer, em vez de constatar apenas o que poderia ser. A escola faz-se de prática, sustentada em teoria, mas vivida em métodos, recursos e instrumentos concretos, a aplicar nas aulas reais, com os alunos de carne e osso. Por isso é tão importante este livro, que traz olhares do terreno, do estudante, da família, do professor. A coleção de testemunhos e de reflexões é o primeiro passo para que as práticas eficazes se multipliquem e para que a teoria não se elabore sem as evidências dessa escola real, ainda que num contexto que nos parece surreal.

Levaremos desta pandemia novas técnicas e meios. Mas só levaremos mudança se os velhos desafios da mobilidade social, da justiça educativa, da inclusão, tornados agora tão evidentes, forem definitivamente assumidos como a função principal da escola.

1. O (re)encontro de gerações em tempo E@D

Adília Cruz | adilia.cruz@agesc-arouca.pt

Doutoranda em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Uma aldeia perdida nas montanhas mágicas, a duas dezenas de quilómetros da vila, num percurso sempre a subir. Chegando ao topo, somos surpreendidos pela beleza e imensidão da paisagem. De um lado, o xisto, do outro o granito. A diversidade na paisagem é fantástica. À direita, as minas de volfrâmio abandonadas e, à esquerda, a aldeia tradicionalmente rural, genuína, ainda muito viva, com pessoas autênticas e que pertence a um cenário que parou no tempo há uns cinquenta anos. As ruas estreitas desta aldeia, onde as grandes lajes acamam o caminho marcadas pelo desgaste das incontáveis passagens dos carros de bois, lembram histórias esquecidas. Ruas que não são mais do que trilhos, muitas vezes sem saída, onde nos cruzamos aqui e ali com algum habitante, dos vinte e dois que ali residem com idades entre os 56 e os 93 anos. Podemos também deparar-nos com animais de espécies variadas, dos perus à vaca arouquesa, muitas vezes assustadoras para quem vive diariamente envolto em veículos poluentes que transitam as ruas que percorremos no nosso dia a dia, como é o caso dos nossos alunos de 7.º ano, que decidiram conhecer de perto esta realidade tão bucólica, perdida no tempo, mas tão próxima no espaço.



Durante todo o primeiro semestre, professores e alunos de três turmas de 7.º ano trabalharam no projeto “Aldeias tradicionais”, numa lógica de interdisciplinaridade e de proximidade com a aldeia. Foram inúmeras as tarefas que estes alunos realizaram, nas diversas disciplinas, em sala de aula e mesmo em contexto de visita de estudo. As aprendizagens desenvolviam-se em torno de uma realidade que lhes era próxima, que fazia parte do seu património local, mas distante das suas vivências.

Todos os alunos conheceram a aldeia e os seus habitantes. Sentiram os cheiros, o silêncio e o tempo a passar devagar, muito diferente daquilo a que estavam habituados.

As pessoas da aldeia também vieram à escola, conviveram com os alunos, estiveram na sala de aula, participaram numa lição de fotografia e vídeo, interagiram com estes jovens, cantaram com eles cantigas do tempo do volfrâmio, almoçaram na



escola, conheceram um espaço que estava muito distante daquilo que, na sua memória, estava associado à palavra “escola”. Foi um dia muito preenchido e nos seus rostos conseguia ver-se o deslumbramento do momento vivido e do prazer que aquela partilha significava nas suas vidas.

No Natal, os alunos enviaram, via CTT, postais personalizados para cada habitante da aldeia. Tratou-se de uma tarefa simples, algo estranha, por não fazer parte do quotidiano de comunicação dos alunos, uma geração muito mais familiarizada com a linguagem digital. No entanto, foi assumida, o que fortaleceu os laços entre os intervenientes, favorecendo as aprendizagens das disciplinas de uma forma interdisciplinar e globalizante.

Nesta linha de procedimentos, os alunos desenvolviam as suas competências, viam sentido naquilo que faziam, davam ideias e motivavam os próprios professores a serem mais ambiciosos neste projeto de aprender na aldeia. Os materiais para a construção de um



e-book sobre a aldeia aumentava e a criatividade dos alunos surpreendia-nos cada vez mais. Na sua diversidade, todos contribuía superando as nossas expectativas, uns porque dominavam as ferramentas digitais, outros porque apresentavam grande capacidade criativa. Também havia os que escreviam textos muito interessantes e ainda os que estavam sempre prontos a apresentar novas ideias.

Repentinamente, tudo mudou a 13 de março de 2020. Toda esta dinâmica foi interrompida, sem pré-aviso, por algo invisível, mas forte o suficiente para nos separar a todos fisicamente, sem possibilidade de combinarmos uma estratégia que desse continuidade a esta ligação humana que, durante seis meses, se criou entre estas duas, diria até três, gerações.

Sem grandes orientações superiores, fomos trabalhando com os alunos de uma forma bastante intuitiva e, vendo agora já com algum distanciamento, pouco adequada

à situação que todos vivíamos, principalmente os nossos jovens, assustados, sem meios informáticos, muitas vezes com fome... o nosso objetivo era cumprir o nosso dever, contudo, não reuníamos, não falávamos e o efeito foi catastrófico, pois os alunos e os encarregados de educação começaram a dar um feedback de saturação que nos obrigou a parar e a refletir sobre o que estávamos a fazer. A equipa educativa, parou, descontraiu e, mesmo sem orientações, começou a dialogar realizando reuniões online para traçar uma estratégia de como deveria trabalhar com estes alunos. Como continuar a ter sucesso com todos e cada um?

Decidimos fazer mudanças em algumas disciplinas, nomeadamente em TIC, e consideramos que fazia todo o sentido continuar com o projeto da turma, definindo algumas tarefas possíveis de realizar neste formato de ensino à distância, nomeadamente a construção do e-book. Após esta resolução da equipa educativa, tomamos conhecimento do plano de ensino à distância do Agrupamento e fomos confrontados com a tomada de decisão do conselho pedagógico de retirar o espaço de desenvolvimento destes projetos, em todas as turmas, em ensino à distância. Esta deliberação, sem ouvir as respetivas equipas, foi recebida com alguma surpresa e consternação por não atender aos interesses dos alunos tão envolvidos neste projeto. Para além disso, dado o estado adiantado de desenvolvimento do projeto, não fazia nenhum sentido pará-lo. Continuá-lo poderia manter a motivação dos alunos para o desenvolvimento das aprendizagens, de forma significativa e mais aliciante, mantendo a ligação com as pessoas da aldeia que, neste momento, estariam também a precisar de ultrapassar a situação de isolamento em que se encontram.

Por vezes, por muito que se aposte na inovação e numa aprendizagem de maior qualidade, através de metodologias ativas, transformadoras e inclusivas, confrontamos com amarras que, internamente a escola, numa posição “defensiva”, de preocupação de cumprimento de programas, opta por tomar decisões pedagógicas inflexíveis, castradoras da autonomia dos professores como decisores do currículo, obrigando-os, muitas vezes a dizer, “eu sei que não devia fazer, porque o conselho pedagógico decidiu, mas eu faço”, num grito de libertação a este tipo de decisões que condicionam o trabalho das turmas. A decisão do conselho pedagógico em substituir a metodologia do trabalho de projeto transdisciplinar, implementada e a decorrer no âmbito da autonomia e flexibilidade curricular e constante no plano de inovação da

escola, canalizando o tempo respetivo para as disciplinas envolvidas o gerirem isoladamente, quando as orientações e a concetualização do E@D aponta exatamente para a implementação daquele tipo de prática como rotina do processo de ensino e de aprendizagem, para além de contrariar tudo o que é desenhado no plano E@D da tutela, evidência uma clara tendência de desvalorizar as metodologias inovadoras, por uma prática de ensino individualizada e de transmissão de conhecimento.

Um dia, uma das diretoras de turma destes alunos, recebeu uma chamada telefónica, inesperada e surpreendente, de um senhor da aldeia a perguntar por todos nós. Num tempo em que tudo é questionável, tudo é uma incerteza, os idosos são o grupo de maior risco face ao coronavírus e a partilha desta chamada foi como um sinal de que não podíamos parar esta relação. Na reunião seguinte da equipa, decidimos que iríamos propor aos alunos, em trabalho de grupo, a elaboração de uma carta personalizada para cada habitante da aldeia para lhe dar apoio, saber se precisaria de ajuda e fazê-lo acreditar que não estava só. Também levaríamos em frente a ideia de construir o e-book que compilaria não só todo o trabalho realizado como o que havia ainda a realizar e que serviria para, num tempo futuro, os alunos entregarem aos habitantes da aldeia.

Concluimos que esta situação ultrapassa o próprio processo de ensino aprendizagem, indo ao (re)encontro de uma geração com a qual conseguíamos criar uma forte ligação humana, uma empatia importante para que os alunos se colocassem na perspetiva do outro e, mais facilmente, superassem a incerteza que se tornou a nossa vida. Neste caso concreto, aprendemos muito com as pessoas da aldeia, que apesar de viverem uma vida de isolamento com, ou sem vírus, mantêm um espírito de convivência social, tão saudável quanto o silêncio que saboreamos por minutos naquele povoado. Com toda a certeza foi esta a melhor das aprendizagens...

2. 2020_ Um (não)lugar entre o caos e a criação.

Alexandra Carneiro | alexandracarneiro@cfaepvarzimvconde.org

Professora do Ensino Secundário / AFC – CFAE Póvoa de Varzim e Vila do Conde; Consultora do SAME

Não sei se a Terra já é toda ela um “não lugar”
Marc Augé, 2019

1. De repente, a irrealidade do quotidiano.

Nos dias em que ainda se discutia a declaração de pandemia e a possibilidade de uma quarentena planetária e a irrealidade das notícias nos surpreendia diariamente, os professores procuravam estabelecer um fio de prumo para os seus alunos, reforçando a importância do estudo, o valor da escola, o papel das rotinas... os alunos perguntavam: “o que vai acontecer?”, e nós: “nada nada vai acontecer, vai correr tudo bem...” enquanto do outro lado do mundo, outro mundo acontecia e nada nada parecia correr bem... De repente, o outro que só nos chegava, distante, pelas notícias, abalroa-nos a normalidade, numa urgência de reclusão, de interioridade forçada...

De um dia para o outro, os professores sentiram os efeitos poderosos da máquina tutelar – distante e próxima – que os fechou no seu espaço privado residencial e a escola passou a entrar pela casa dentro; e os professores continuaram a trabalhar para fazer o que sempre fazem: preocupar-se com os alunos e as suas aprendizagens, motivá-los, orientá-los. Nenhum professor pensou “ok agora não precisamos de trabalhar tanto...” Ao invés, sentimos uma grande pressão para, como nunca, melhor apoiar os alunos e as suas necessidades e no Centro de Formação (CFAE) a preocupação cresceu no apoio aos professores na transição para o ensino online. E todos passamos a trabalhar muito mais.

2. A docência num não-lugar?

“Estamos no mundo com referências totalmente artificiais, mesmo em nossa casa, o espaço mais pessoal possível: sentados diante da TV, a olhar ao mesmo tempo para o telemóvel, o tablet e com os auriculares de ouvido ... Estamos num *não lugar* permanente.” Estas palavras de Marc Augé são de 2019 (adaptado). Descobrimos da pior maneira a verdade destas palavras - trabalhar em casa é difícil.

Para nós, professores, trabalhar em casa foi sempre uma realidade presente, viva, criadora de ruturas no contexto familiar. Mas este período de confinamento que nos faz

trabalhar em casa e a partir de casa é mais difícil ainda - para não falar do agravamento relativamente às professoras a quem acresce, em muitos casos, o tal trabalho 'de casa'. Dizer que estes dias têm sido um desafio à loucura, ou à desgraça, ou a ambas!, é um understatement... As restrições de movimentos, de espaços, de equipamentos, reconfiguraram as rotinas numa realidade onde as fronteiras que eram líquidas se evaporaram e o limite é-nos heterónimo – a escola impôs-se nas nossas vidas não apenas como professores mas como pais, impôs-se nos nossos tempos não apenas nas aulas mas nas reuniões que se prolongam muito para além do razoável, pelos emails que chegam em qualquer dos sete dias e em horas que deveriam ser de descanso, fazendo emergir esta realidade de que a escola é um lugar de vários mundos, parafraseando Derouet (citado por Estevão, 2004, p.51).

A tecnologia que suporta integralmente a atividade profissional é a tecnologia que, até aqui, permitia ou facilitava algum lazer. Hoje, maio 2020, não há oscilação entre os tempos profissionais e privados, público e privado. Tudo parece o mesmo – tudo parece outro: outro tempo, outro lugar. Giddens dizia, em 2002, que a globalização é “também um fenómeno «interior», que influencia aspectos íntimos e pessoais das nossas vidas” (2002, p.23) Essa influência, que era visível na forma como concebíamos e distinguíamos o tempo profissional e o tempo de lazer (fosse na navegação online, no acesso a bens culturais ou às viagens), crava-se na essência deste confinamento que é em si mesmo um não lugar, diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado que cada um de nós é; o não lugar que era representado pelos espaços públicos de rápida circulação e grande despersonalização está hoje nas nossas casas, onde entram alunos e colegas, eles próprios localizados em outros tantos lugares que se tornaram públicos.... Desfoquem-se os enquadramentos, insira-se fundos! Tudo em nome de um equilíbrio que é preciso resgatar para nos ajudar a manter o controlo dos nossos pedaços frágeis, juntos.

Estão os professores a atingir um ponto de rutura? Ao volume de trabalho que tinham, acresce agora esta exigência de navegar no mundo do ensino online – numa distância que se quer superar ainda que nada substitua a relação – física – entre professor e aluno. Para a maioria, ser professor é um privilégio, amamos os nossos alunos e o nosso trabalho e levamo-nos ao limite do esforço para que um aluno mais possa ser bem-sucedido no seu percurso. Ao mesmo tempo, vivemos nessa navalha que

nos leva de “os professores são heróis” a “os professores não fazem o suficiente e exigimos mais!” E o sistema, a tutela (como noutros subsistemas sociais – veja-se o SNS...) aproveita-se desse esforço que os seus profissionais estão disponíveis para fazer, não dando tempo para pensar sobre as medidas tomadas e que interferem nas vidas de todos. Quando teremos tempos para parar e refletir criticamente no que estamos a fazer? Que práticas estamos a mudar? Que crenças e convicções sobre educação e sobre escola estamos a pôr em causa? Estamos a caminho de uma mudança de paradigma? Como, se em alguns casos nem mudamos a forma ou a estrutura das aulas e continuamos a fazer online o que fazemos presencialmente? Quando vamos pensar seriamente a avaliação? E porquê continuar a insistir em exames? A que lógica estamos a obedecer? À da salvaguarda dos alunos, diremos nós professores. E em que medida está salvaguardado um aluno que fica 5 horas consecutivas, intervaladas por 10 minutos a cada 60, em frente a um computador ou um telemóvel? Estamos a ir além dos limites – dos tempos, do espaço, do corpo, da mente. Estamos em modo de sobrevivência, potenciando a possibilidade de estar a prejudicar os nossos alunos. E quando nós, como professores, começamos a quebrar, não há como estarmos totalmente lá para os alunos. Todos nós fomos convocados a fazer o impensável. Para além de todos os impensáveis que o sistema educativo exige de nós. E fizemo-lo e fazemo-lo diariamente. No território do CFAE, em todas as Escolas e Agrupamentos se contam histórias de superação de limites – de equipamentos, de acesso, de apoio em situações sociais adversas... e como os professores disseram “presente” em condições tão peculiares. Mesmo estando no limite de se transformarem, enquanto professores, em não lugares.

No CFAE, enquanto equipa, temos estado disponíveis para as escolas/agrupamentos e para os colegas; enquanto indivíduos, envolvemo-nos em projetos paralelos de apoio aos professores e aos alunos. Porque importa transmitir a segurança que nós estamos a trabalhar com eles, apoiando-os neste processo que também é de aprendizagem. Não se exige aos professores que acertem à primeira – devemos aprender uns com os outros e com os alunos também. Para que tudo seja mais fácil, mais simples, mais eficaz e, em conjunto, se reinvente a afetividade possível do relacionamento humano que a todos estará certamente a faltar.

3. “A escola como espaço de preocupação”¹

Comprometidos como estão com a sua profissão – para além das atividades familiares mais ou menos intensas e todas marcadas por esta experiência COVID_19 - os professores cumprem as horas de aulas, mais as horas de reuniões e depois disso, continuam noite dentro a analisar o trabalho dos alunos para lhes dar retorno, responder a emails – de coordenadores, de colegas e de alunos - preparar aulas, escrever sumários, verificar o registo das presenças e ainda se arranja tempo para frequentar formação, para aprender mais, para fazer melhor... E estamos a fazer funcionar. E se isso é fundamental para os nossos alunos, é igualmente fundamental para os próprios professores. Porque o envolvimento emocional e afetivo da profissão docente não passa só pela sala de aula, passa também pela sala dos professores, pelos grupos disciplinares, pelos conselhos de turma, pelo apoio das lideranças. E pelo Centro de Formação.

Neste momento da vida escolar, continuamos a tirar tempo às nossas famílias porque há uma família que está na escola e que é parte integrante da nossa identidade: essa família faz de nós professores. Isso tem sido visível na equipa do CFAE que este ano integrei, na forma como continuamos a trabalhar, mas também a tomar café, juntos à distância, todos os dias – e quase no mesmo horário! E fazemos isso, não porque seja obrigatório, mas porque amar a profissão e a escola é criar uma rede de afetos identitária.

Com muita frequência na educação - não apenas em situações limite como a que vivemos -, as diretivas tutelares são emanadas como reações rápidas a problemas complexos. Muitas vezes, são tentativas de parar rapidamente um problema antes mesmo de termos dedicado algum tempo para investigá-lo e compreender como está ou pode afetar os nossos alunos e que maneiras existem para resolver quaisquer necessidades que não estão atendidas. A formação dos professores deve constituir uma oportunidade para refletir sobre a justiça social em que a escola pública se enraíza e conduzir a ação pedagógica para a igualdade e a justiça e não para o rendimento escolar. Neste ano de trabalho, é esta a minha visão do papel dos Centro de Formação: fazer parar. E para que este tempo COVID_19 não nos transforme - pessoas e profissão – em

¹ Guichard, 1995

não-lugares, paramos para que a conversa possa girar em torno dos alunos. Seja no trabalho em equipa CFAE (restrita ou com os colegas representantes para a formação) ou com os formadores ou com os colegas que frequentam formação, a nossa preocupação tem sido colocar perguntas que façam parar: “Como é que o nosso trabalho está a atender às necessidades dos alunos e das famílias? Como estamos a acompanhar a saúde mental e o bem-estar dos alunos? Como estamos presentes para os alunos? Como estamos a facilitar que os alunos se sintam parte de uma comunidade?”

Estas perguntas recentram a reflexão sobre o trabalho docente na escola como organização “complexa, plural e multidiscursiva [que] coloca aos professores desafios que nenhuma formação, inicial ou contínua, pode olvidar” (Estevão, p.56). A destabilização da forma escolar tradicional deverá dar azo à criação de condições para que os nossos alunos - que continuam a ser todos diferentes – possam encontrar nesta nova realidade escolar uma experiência de socialização e de aprendizagem positiva e para nós professores - que continuamos a ser todos diferentes - o reconhecimento de que fazer uma escola diferente está ao nosso alcance (Alves e Cabral, 2017) – e os CFAE têm um papel fundamental a desempenhar nesse processo.

4. Existo, logo...

Penso no que tem sido este ano letivo, enquanto representante para a Autonomia e Flexibilidade Curricular no CFAE. Tudo parece mudar debaixo do sol (Azevedo, 2001) e não apenas relativamente ao que esperava de mim própria ao aceitar este desafio e o que tem sido (re)construir-me nesta identidade, neste trabalho, nesta equipa - toda ela nova. As descobertas que fiz neste território de 12 Agrupamentos/Escolas tão diversos, com equipas tão empenhadas e professores tão envolvidos e com preocupações e projetos diferentes. Tenho reforçado a minha convicção profunda de que a educação é “o campo privilegiado para a realização do direito universal à humanidade de cada ser humano” e os professores, seres aprendentes, aprendem fazendo aquilo que não sabiam ainda fazer (Meirieu *dixit*). São assim os dias de professores.

Tudo isto é difícil. Tudo isto é assustador. Mas antes do tempo COVID_19 já sabíamos que cada escola é um mundo; o que esta catástrofe nos mostrou é que não há limites para o engenho dos professores, nas suas equipas pedagógicas e com as suas

equipas diretivas, quando se trata de resolver problemas e apoiar os seus alunos e famílias, na comunidade educativa. Problemas complexos requerem medidas e orientações que permitam às escolas e aos seus professores agir identitariamente – e as soluções têm ido para o terreno, seja por iniciativa dos Agrupamentos, das Associações de Pais, de grupos de professores ou dos Centros de Formação... “alegrias, apesar de tudo”, relembra Augé (2019).

No mundo fora da escola, o do distanciamento social (seja por COVID_19, seja por indiferença...), existem os alunos cujo contexto familiar é composto por pessoas que querem e podem ficar em casa, trabalhar a partir de casa, manter a esperança em casa e continuam a existir os alunos cujas famílias não têm casa, não têm trabalho e, pouco a pouco, vão perdendo a esperança. São mundos com expectativas diferentes face ao impacto do que a escola pode ser nas suas vidas. E a escola subsiste gerindo os mundos que dela exigem resultados académicos, resultados sociais, resultados pessoais, apoio psicossocial e assistencial, promoção da saúde e da vida saudável, integração cívica, práticas cidadãs... Cada um dos mundos que habita na escola está em tensão com os outros, pelo que cabe aos professores construírem coerência e legitimidade, identificando os seus quadros de referência e compreendendo a sua racionalidade (Estevão, p.55). Por isso, talvez possa ser missão dos CFAE criar lugar. Para respirar, fazer uma pausa. Ter conversas fáceis e, sobretudo, ter as conversas difíceis. Ouvir as realidades que estamos a viver. Ouvir as histórias dos outros e usar essas histórias para entender melhor. Ao terminar, peço ajuda a Kant, para lembrar que em educação o importante é que as crianças aprendam a pensar – e que os seus professores nunca cessem de o fazer.

Referências bibliográficas

Alves, M. & Cabral, I. (Orgs.). (2017). Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. ISBN: 978-989-99486-5-5. Disponível em:

http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Uma_Outra_Escola_E_Possivel_%20Mudar_regras_da_gramatica_escolar_e%20os_modos_de_trabalho_pedagogico.pdf

Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação. Ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Estevão, C. (2004). *Educação, Justiça e autonomia. Os lugares da escola e do bem educativo*. Porto: Edições Asa. ISBN: 9789724137056.

Geli, C. (2019, jan 31). Marc Augé: “Con la tecnología llevamos ya el ‘no lugar’ encima, con nosotros” (Entrevista). *El País*. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2019/01/31/actualidad/1548961654_584973.html

Guichard, J. (1995). *La escuela y las representaciones de futuro de los adolescentes*. Barcelona: Laertes.

Guiddens, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.

3. Ser professora em tempo de pandemia - (Covid – 19)

Ana Luísa de Carvalho Fernandes de Ataíde e Melo | analuisaamelo@gmail.com

Professora do ensino secundário (Grupo 410-Filosofia)

I

Em frente ao computador, a cadeira espera por mim. Tem sido este o meu lugar nos muitos dias da quarentena. Foram muitos dias.

Os primeiros dias

Foram muito estranhos os primeiros dias. Obrigados a um recolhimento, forçados a uma solidão, a uns e a outros foi dado um tempo novo. À deriva, sentia-se o silêncio e o peso dos dias numa desordem em que as paredes de casa eram porto de abrigo. As ruas, vazias de gente, enchiam-se de gatos e gaivotas que, soltos, eram donos do espaço. Foi um tempo de silêncio, mudo. Frio. Fechado. Foi um tempo fechado.

Os dias do meio

A pouco e pouco, foi-se fazendo um outro tempo. Um tempo com ordem, uma outra ordem. Esbateu-se a noção do tempo. Abrandaram-se os dias. Ficaram todos iguais. Foram-se seguindo, uns atrás dos outros. Com vagar, pudemos olhar para dentro de nós, pudemos ver-nos como somos dentro de nós.

Quase agora

A pouco e pouco, lá fora, a primavera foi chegando, lenta, suave, com as cores e os cheiros a fazerem-se notar. Uma luz mais limpa estreou-se nos dias que foram ficando mais claros e leves. Respirava-se. E ao respirar-se, um outro tempo chegou. O tempo do recomeço.

II

Aprende-se a fazer, fazendo. Mas também refletindo. À luz do que já se sabe. Com vista à ação renovada.
Alarcão, I. (1996)

Em casa, em cima da mesa os livros, os cadernos, as pastas. Havia que recomeçar.

Centrada num ensino à distância, era necessário pensar as aulas fora da sala de aula. Consciente da situação que o distanciamento impõe, era preciso pensar. E voltei aos livros. Os livros. Aqueles que, num sereno abandono lá estavam, à minha espera.

Voltei aos livros da escola e também àqueles outros que sempre nos ensinam, que nos recentram no essencial. São os *clássicos* da ação pedagógica que, sem tempo, nos fazem voltar ao âmago do que é ensinar e fazer aprender. Revisitar a matriz conserta, restaura e inspira a ação docente. Faz-nos “re”parar, “re”pensar, enfim, “re”fletir na nossa ação. Foi assim que me preparei.

Reli os autores que me motivam, interpretei o que li, pensei como fazer e deixei-me levar ao “sabor do saber”. E assim recomecei a trabalhar.

III

Planificar é uma paixão: é entrar em transe com a perspectiva de uma turbulência que não se deseja. O planificador é sempre um indivíduo dominado pela “emoção” (...) A resposta à pergunta “O que é que pretendemos?” – é uma resposta terrível. (...) Depois de ter enunciado o que deseja, só o insensato não tem medo do que virá a seguir. O medo é paixão.
Hameline, D. (1999)

Num exercício recorrente na planificação e seleção da informação, imaginei-me na cabeça dos alunos que, sem me verem (já tinha decidido não usarmos, nem eu nem os alunos, a câmara do computador), deviam “aprender”.

Planear levou muito tempo. Foi paradoxal. Tinha um excesso de ideias que, frequentemente, resultavam em pobreza de resultados. Foi assim durante algum tempo. Até que, por fim, à semelhança das peças de um puzzle que repentinamente se encaixam fazendo-se ordem, os resultados começaram a surgir. Objetivos definidos, estratégia decidida, atividades clarificadas, avaliação adequada.

Não foi um trabalho solitário como nunca o pode ser um trabalho que se quer pedagógico. Não se pode ensinar, nem aprender, sozinho. Entre pares, com aqueles colegas com quem se partilham os dias da profissão – com *os irmãos do mesmo ofício*, num esquecimento do tempo, fez-se o necessário e o que desejámos.

Chegou, finalmente, o tempo de começar. Começámos. Num misto de surpresa e desconfiança aquelas primeiras aulas foram uma experiência inesquecível. Lembraram-me, vagamente, uma experiência radiofónica de há muitos, muitos anos. Só, em frente

ao computador, os alunos surgiram-me no ecrã identificados por letras em pequenos círculos. Conhecendo-os a todos pude, com alguma facilidade, identificá-los. Sendo possível partilhar os documentos pela imagem, as aulas foram sendo ilustradas com o que tinha preparado como suporte. E as semanas foram passando.

Mas não foi, nem é, fácil.

Duas observações foram imediatas: os bons alunos conseguem, com pouco esforço, acompanhar os assuntos e as atividades; os alunos com algumas ou maiores dificuldades, muito dificilmente o fazem. Pouco acompanham o convite à atenção e ao trabalho. E, muito rapidamente, desligam.

Uma outra constatação triste foi a desigualdade socioeconómica que impede que o acesso à técnica - entenda-se aos computadores, telemóveis e internet - seja igual para todos. É que alguns alunos

não dispõem, realmente, de condições económicas e técnicas imprescindíveis para uma aprendizagem mediada pela tecnologia. Esta realidade emerge com uma visibilidade confrangedora com tudo o mais que lhe está associado. Para além da iliteracia nas mais básicas funções que a tecnologia exige sente-se, também, a inexistência de algum *background* sociocultural que agrava, ainda mais, a situação. Embora expectável, o confronto com a realidade foi, e é, doloroso.

IV

Mais pausadamente, foi-me permitido fazer outras observações, que me fazem pensar. Saliento três: a **relação pedagógica**, o **ensinar e aprender** e a **linguagem do ensino**.

I - A relação pedagógica

Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos.
Nóvoa, A. (2009).

Do ponto de vista relacional, qual é o poder de uma relação pedagógica “à distância”? Neste formato, que “laço” se tece entre professor e aluno? O que resta da “sala de aula”? No fundo, que sentido tem a presença do professor num espaço

doméstico e em contexto familiar? Quem é ele? Que lógica sugere o conhecimento sem o contexto - espaço, tempo e relação - escolar? Que valor se reconhece a esse intruso que, num dia e hora marcada entra numas tantas casas e altera o ritmo dos dias? Quem é o professor “dentro de casa”?

Estas interpelações foram-me muito reais. Habituada a uma relação pedagógica *in vivo*, acabava, acabo sempre, as aulas com uma sensação de vazio. Mantém-se o vínculo já sedimentado pela convivência de um tempo comum, mas “não estou” com os meus alunos; estou com “a voz dos meus alunos” e perco aquela presença que só a corporeidade oferece. Conheço-os porque já foram “meus”, mas não é este o “nosso” espaço de encontro ou, pelo menos, não o é na plena aceção. Nesta relação, conheci-os um pouco mais. Soube muitas coisas.

Soube que há irmãos novos para a Rita e o Pedro tomarem conta (muitas vezes ao seu colo); que o cão Turra faz, o dia inteiro, companhia ao João, que a Madalena se sente infeliz por não poder ver a avó, confinada em casa, ... soube ... muitas vidas. Vidas que se misturaram com os temas em análise, que irrompiam nos momentos síncronos (literalmente), e que, na minha cabeça e coração, se prolongavam ao longo dos dias. Vidas que me recentraram no essencial desta profissão: para além de ensinar e aprender, os alunos são gente, pessoas que têm outras vidas. É importante manter um vínculo de conhecimento mas, também, um vínculo entre o professor e o seu aluno nas pessoas em que ambos se reconhecem. Manterem-se referências do que são um para o outro, sem que se percam os laços de uma relação que a presença fortaleceu.

II - Ensinar e aprender

A televisão e o cinema podem fascinar sem atrair. Nunca poderemos substituir os docentes pelos meios audiovisuais, porque estes não esperam nada dos alunos, não têm esperança neles nem expectativa do seu movimento.
Cunha, Pedro D'Orey
(1996)

Uma outra interpelação prende-se com o que envolve ensinar e aprender.

Numa primeira fase, o exercício de “estar na cabeça dos alunos” fez-me enfatizar a necessidade de orientar bem as ações que desencadeiam aprendizagens. Centrei-me

na “instrução” correta e isenta de ambiguidade que orientasse o aluno na realização do que pretendia. Objetivos definidos, tarefa esclarecida. Foi importante. Resultou.

Menos eficaz se revelou a orientação do trabalho de pesquisa que nem sempre me permitiu os resultados esperados. A melhorar, sem dúvida. Compreendi que será um aspecto a que me dedicarei em tempo oportuno.

Mas, no decurso dos dias, surgiram-me outras questões. Da avaliação que sempre solicito sobre as ações realizadas, os alunos referem como muito positivos alguns aspectos que se prendem com os *timings* dos processos de aprendizagem. Referem que, livres no tempo e no espaço, gostam de trabalhar em casa, sem prisão nem horário. Esta observação, compreendo-a bem. Qual de nós, professores, não aprecia o trabalho no seu espaço e ser dono do seu tempo, sem campainha ou barulho? Sugerem um sistema misto, uma mistura entre ensino presencial na escola e autónomo fora da escola, embora com menos tempo em casa e uma reformulação do tempo presencial. Dizem que passam demasiado tempo na escola, que têm pouco tempo livre e que o excelente seria um equilíbrio entre o tempo escolar presencial e algum em casa, livres. Indicaram vantagens, mas nunca, e nesta observação foram unânimes, nunca poderiam prescindir da presença e função do professor. Aprender, dizem, exige ensinar e nestas ações são imprescindíveis três fatores: professor, aluno e presença física de professores empenhados.

Este comentário dos *meus* alunos levou-me a sorrir, sabendo que eles não veriam esse sorriso. Mas sorri. E até me comovi.

III - A linguagem do ensino

A mão diz verdades e alegrias de que a língua é incapaz.
Steiner, G. (1997)

As aulas presenciais são encontros de muitos mundos diferentes. É um espaço de inter-relações que ultrapassa a vulgaridade dos encontros entre desconhecidos. Ensinar é sempre uma ação muito mais vasta do que “ensinar a matéria”. É um encontro multidimensional que ativa em todos os que nele intervêm uma miríade de aspectos em que se comunica muito, mas muito mais do que aquilo que se fez na transposição didática. Por isso, esta foi uma experiência simultaneamente pobre e rica. Pobre, porque a distância não permite ir além de um domínio concetual que fica aquém do desejado;

rica, porque nos permitiu – a nós professores e, sobretudo, aos alunos – esse reconhecimento da linguagem não verbal que, inerente à presença física é, também e, garantidamente, uma linguagem do conhecimento. Mostrou-nos a todos a fascinante riqueza da comunicação, a pluralidade de facetas que o ato pedagógico contempla. É que ensinar é “ir além de...” e quanto mais se vai, mais se encontra na inter-relação, aquela centelha intraduzível que alguns chamam o “tacto pedagógico”. Frequentemente, manifesta-se na silenciosa leitura de um olhar que, segundo os meus alunos, é o que mais falta nos tem feito. Olhar é, afinal, aprender. Também um gesto, um trejeito, um sorriso, nos fizeram e fazem falta. Muita falta. Nesta vivência, sempre me faltou essa materialização física e, talvez por isso, me dou por insatisfeita. A linguagem da pedagogia é ver, é sentir, é escutar, é deixar todos os sentidos em alerta numa ânsia da substância em que se quer tocar.

Enquanto professora, este foi um tempo que me convocou, mais uma vez, a uma profunda reflexão sobre aquilo que o ato educativo mais intensamente possui, a sua interpelação, densidade, beleza criativa e transformadora.

Referências:

Alarcão, I. (1996). Reflexão crítica sobre o pensamento de Schon e os programas de formação de professores. In *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Cunha, Pedro D'Orey. (1996). *Ética e Educação*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

Hameline, D. (1999). *O educador e a ação sensata*. In *Profissão Professor*. (2ª Ed) Org. António Nóvoa. Porto: Porto Editora.

Nóvoa, A. (2009). *Imagens de um futuro presente*. Lisboa: EDUCA, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Steiner, G. (1997). *Errata*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

4. Catarse Pandémica: o fundamental das coisas simples

Ana Paula Silva | apspas@gmail.com

Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa; professora de Filosofia e Psicologia na Escola Secundária Fontes Pereira de Melo, Porto

Neste tempo caótico, são 5 tópicos para escrever as razões e os sentimentos de uma professora em catarse das coisas simples, essenciais para vida presente e futura.

Felicidade

“Des-veladas” as nuvens que turvam os nossos dias vamos descobrindo que a FELICIDADE tem sido um conceito sobrevalorizado. Olhamos para o passado recente e percebemos que tropeçávamos nela em cada esquina da vida e, na pressa de a procurarmos no que não tínhamos, não a encontrávamos na sua transparência. Ela estava no sentido com acordávamos para um dia de trabalho, no significado de um abraço ou de um olhar, na simplicidade do respirar ...sem medo. Pensávamos que ela era um lugar, uma posse, uma conquista. Descobrimos que ela é, sobretudo, um sentimento de liberdade que abre o coração e a mente para valorizar cada momento em que estamos vivos. A Felicidade deixou de ser um sentimento e transformou-se numa emoção de ter e transmitir esperança.

Perfeição

Assumi(a)mos a perfeição como um direito. A relação afetiva perfeita, os filhos perfeitos, o trabalho perfeito.... Numa vocação muito exigente nós professores desmotivamo-nos, reclamamos e exigimos a nossa cota parte de perfeição: na concentração, no comportamento, na aprendizagem. Por vezes de uma forma auto-flagelante, sentimo-nos frustrados e perdidos entre “o ser” que nos é dado e o “dever ser” “a que acreditamos ter direito. Às vezes, alimentando essa frustração, suspiramos pelo “antes é que era” Vivendo na esperança de uma lei ou “orientações superiores” que produzam uma mudança no sentido de “outra Escola”. Mas, pela violência do inesperado, percebemos que viver é fazer mudar (e não esperar que aconteça). E que se cada um de nós fizer a sua parte “tudo ficará bem “(não ficará perfeito ... mas a

descoberta introspectiva fundamental é que percebemos que nunca foi ... e que nunca será!) Porque a perfeição não existe, o que nos faz crescer é a procura da sua verosimilhança, em cada ação, em cada decisão, em cada palavra. É na sua busca que somos.

Saudade

Ninguém senão os portugueses sente em plenitude esta palavra. Ela não encontra significado noutras línguas pois transborda o “sentir falta”, o “sentir a necessidade “. Saudade é, efetivamente, uma questão de pele, pois o *sentimento* de saudade traz consigo uma forte sensação de incompletude, de privação, de ausência, de rutura com o que nos define. E, com ela, a certeza de que o que vier nunca será igual. Nestes tempos de calamidade descobrimos que se pode sentir saudade do que não valorizávamos como importante e até do que ainda era apenas possibilidade. Saudade da alegria, do riso, das correrias (enfim... até do barulho dos corredores!), das aulas que nos estimulavam a debater com os alunos temas que nos fazem crescer, das conversas apressadas na sala dos professores, das gargalhadas refrescantes que, por vezes perturbam mas alegram o ambiente da sala de trabalho, das relações de cumplicidade positiva com todas as outras pessoas que completam a comunidade educativa . Descobrimos que (afinal) temos saudade do trabalho, porque (re)descobrimos que ensinar é muito, muito mais do que trabalhar. Então sentimo-nos bem por sentir saudade da Escola e da sua gente porque percebemos que essa gente também nos completa.

Ensino

A partir de 16 de março os professores (re) descobriram outros caminhos para o ensino. Como um tsunami o prefixo “re”(re)entrou nas nossas vidas profissionais. Revisitar, replanificar, reorganizar, reavaliar, reenviar, reportar, reaprender. De forma urgente e necessária, pelo “re” foi necessário e urgente adaptar, ajustar, personalizar. Com as plataformas digitais ou correio eletrónico, foi (re)descoberto o potencial do feedback pedagógico em termos de crescimento e motivação.

Se procurássemos um sinónimo português para este conceito seria “reportar”. Nos seus vários significantes existem dois (que exprimem com clareza este sentido) e que são fundamentais na relação pedagógica: “informar “e “levar (parte de um todo)

para outra pessoa". Hoje, de forma continuada, o *feedback* pedagógico tem demonstrado como os professores mesmo à distância não são distantes, desvinculados, tecnocratas. Fazem-no com palavras personalizadas, esclarecedoras, positivamente críticas e incentivadoras. Redescobriremos como elas consolidam a relação pedagógica conferindo-lhe uma dimensão assertiva, afetiva, comprometida.

Quando um professor (no *feedback* de uma tarefa formativa) envia uma simples mensagem como: "Lourenço tens de rever a resposta X porque não consideraste Y e Z e assim a resposta não está completamente correta" e recebe um: "Obrigada professor, vou melhorar e reenvio"; quando a professora critica o empenho: "Luís, a tarefa pedida permite que faças a gestão autónoma do teu tempo de estudo de forma a que a entregues com exigências de qualidade e criatividade. Rápido pode não ser sensato. Sei que és capaz. Podes fazer muito melhor!" e recebe: "Tem razão professora, foi um bocado para despachar por causa das tantas tarefas, mas sim, posso e devo fazer melhor. (Não se preocupe cumprirei o prazo); ou quando a professora elogia: "Parabéns Matilde, as tuas respostas demonstram conhecimento, mas também reflexão e preocupação argumentativa. És uma nascente de vontade de aprender. Orgulho." E recebe: "Adooooooooooooorei professora!!! É tão bom quando alguém reconhece que estamos a fazer bem! (mostrei aqui à família para ver se também reconhecem)".

E às vezes o *feedback* pedagógico potencia o seu alcance, mesmo quando essa não era a intenção. Aconteceu comigo e foi uma surpresa que me tocou imenso: como normalmente termino todos os meus *feedbacks* com "Fica bem.". Todos os alunos também começaram a terminar o seu contacto comigo com "Fique bem, Professora ". E agora quando nos despedimos nas aulas síncronas muitos, antes de sair da reunião, cumprimentam-se dizendo: "Fiquem todos bem! ". Então descobri que todos tínhamos aprendido uma coisa muito impactante nestes dias: que somos importantes uns para os outros, preocupamo-nos que os outros estejam bem! Que uma turma é *ser e sentir* que somos um nós.

Reaprender

Esta é, talvez, a mudança mais potenciadora para o ensino pós-pandemia. Os professores relembrou que já foram alunos e como é difícil aprender o novo se não houver abertura, motivação para a aprendizagem. A necessidade faz cumprir serviços

mínimos das tarefas que nos pedem, mas a abertura ao novo gera motivação e melhoria que não teria sido procurada pela mera necessidade. Porque, para muito de nós, esta crise pandémica foi (e é) um tempo de reaprender e de nos reinventarmos nos métodos, nos processos e até na visão do ensino.

Quando for escrito o capítulo “Escola em Tempos de Pandemia” no livro da História da Educação em Portugal haverá uma parte chamada “*Renascimento - um reaprender promissor*” e será de louvor aos professores lusos. Porque redescobriram (e assumiram) que para ensinar de outra forma era necessário aprender a dominar outros *dialetos pedagógicos* para que a comunicação fosse mais rica. Redescobriram como as comunidades de aprendizagem são locais (presenciais ou virtuais) onde as suas inseguranças se cruzam e encontram eco noutras inseguranças e que é colaborativamente que se encontram portos onde atracar e aprender. Não para ficar ancorados, mas para procurar aliados com quem se aventurar em águas desconhecidas. Porque ensinar é querer ir sempre mais além.

Os professores querem a sua Escola de volta, mas muita coisa será diferente. Será diferente também a compreensão que a memória coletiva dos Portugueses reconstruiu da imagem do Professor. Com respeito e reconhecimento perceberam que quando o país convocou os professores para assegurar o vínculo à Escola e à aprendizagem dos seus alunos, possibilitando-lhes algum sentido de normalidade à sua vida inquieta, com exaustivo trabalho, profissionalidade, mas sobretudo com sentido de missão, responderam convictamente: contem connosco!!!

5. Ensino e aprendizagem da matemática em tempos de COVID19 - um simples exemplo - “A educação na (re)construção de um futuro melhor”²

Anabela Valério Marrafa Macedo | marrafamacedo@gmail.com

Professora de Matemática do grupo de recrutamento 500

A oportunidade que foi dada ao Agrupamento de Escolas Prof. António da Natividade (AEPAN) para integrar o programa TEIP e a certeza da força do nosso Lema empoderou paulatinamente e intencionalmente a sua ação no sentido de criar ambientes potenciadores da mudança no processo ensino – aprendizagem. O expoente máximo desta intencionalidade foi a abertura da Sala do Futuro no final do ano letivo de 2018-2019, pensada pelo AEPAN e construída pelo Município de Mesão Frio, constituindo-se como uma medida do Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar.

Esta Sala do Futuro é também uma das medidas do Plano Plurianual de Melhoria TEIP do AEPAN, em que está prevista a monitorização do número de presenças das turmas e a criação de um acervo, com as atividades desenvolvidas naquele espaço. Na drive da coordenação TEIP foi criado um documento, para a calendarização das aulas pelos professores, possibilitando, desta forma, o registo à distância, estando visível para todos os professores do AEPAN.

Este espaço é, por excelência, uma oportunidade para os professores desenvolverem as atividades, com recurso a ferramentas colaborativas e na nuvem, uma vez que ainda existem alguns constrangimentos ao nível das funcionalidades como o word, excel, power point. No entanto, o facto destas funcionalidades existirem na nuvem criaram a necessidade nos professores de se adaptarem e desenvolverem competências nas novas tecnologias.

Ainda no ano letivo transato de 2018-2019 e no âmbito do PPM-TEIP, os professores de Matemática do AEPAN apresentaram uma proposta de adequar um espaço e transformá-lo num Laboratório de Matemática. Imediatamente a ideia foi aceite pela diretora do Agrupamento e num envolvimento com a autarquia e uma

² Lema do Agrupamento de Escolas Prof. António da Natividade, Mesão Frio - Território Educativo de Intervenção Prioritária- TEIP

entidade de Mesão Frio foram reunidos os recursos necessários para a criação e embelezamento do espaço. Neste espaço, existem alguns dos tabletes que foram adquiridos no âmbito do programa TEIP para o desenvolvimento de atividades. Atualmente os tabletes estão a ser disponibilizados pelo Agrupamento aos alunos que não têm computador de modo a continuarem ligados à escola.

No ano de 2017 sugeri à diretora do AEPAN trazer o conceito de Sala do Futuro para o nosso Agrupamento de Escolas. Dadas as potencialidades do conceito, a diretora do AEPAN promoveu um primeiro contacto presencial com a Sala do Futuro em Setúbal, nesse ano e, ao longo dos anos seguintes, teve a preocupação de disponibilizar formação aos professores e potenciar as competências na área das ferramentas WEB, para capacitar os professores do Agrupamento de Escolas. Uma das formações realizadas foi precisamente no âmbito da Sala do Futuro, realizada em Mesão Frio e da responsabilidade do colega responsável pela Sala que visitámos, a 1.ª Sala do Futuro em Portugal.

No ano de 2018, por iniciativa própria, realizei um MOOC- Laboratórios de aprendizagem, disponibilizado pela Direção Geral de Educação. No ano letivo transato, aproveitei a oportunidade de realizar novamente a mesma formação, mas agora como ação de formação acreditada.

Este ano letivo, dei continuidade à utilização de algumas ferramentas web colaborativas com os meus alunos das duas turmas, uma do nono e outra do décimo ano de escolaridade, nas disciplinas de Matemática e Matemática A, respetivamente. As ferramentas colaborativas que utilizo na minha prática letiva, com estas turmas, são as seguintes: padlet, google docs, google slides e geogebra. Todos os alunos estavam inscritos no respetivo padlet.

Da necessidade de dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem não presencial, resultante das decisões face à pandemia da COVID-19, continuei a estar com as duas turmas, de acordo com o meu horário, utilizando as ferramentas Zoom e uma mesa de desenho que tinha adquirido meses antes. Estas duas ferramentas possibilitam que o ensino seja em tempo real, através do compartilhamento do écran do meu computador.

O mural padlet, de cada uma das turmas, está dividido em retângulos, um por cada aluno, sendo a coluna da esquerda, o espaço privilegiado para a comunicação

professora-turma. Cada aluno publica os seus trabalhos na respetiva coluna. No caso do 9.º ano, acrescentei a coluna #estudoemcasa, com o respetivo link e as atividades complementares. No passado dia 15 de março contactei os alunos através do padlet com a seguinte mensagem: “Boa tarde, por favor disponibilizem os vossos emails no respetivo separador e façam download do "Zoom" no vosso computador ou tablete ou telemóvel e criem uma conta pessoal. Pretendo estar convosco no horário da Matemática através do zoom. Vão passando a palavra aos vossos colegas. Obrigada.”

Relativamente aos alunos do 9.º ano ainda existem alunos com variadas situações, que estão a ser resolvidas progressivamente, num esforço conjunto com a diretora de turma e a direção, pois ainda não é possível ter todos os alunos presentes nas aulas do Zoom.

Dei continuidade ao cumprimento do programa e a partir das aulas disponibilizadas pelo Ministério da Educação, “#estudoemcasa”, reforço a necessidade dos alunos assistirem às aulas, promovendo em cada aula o registo no google docs, por cada aluno, de um conceito que tenha sido trabalhado nas aulas de Matemática a que assistiram, não podendo haver repetições. Um aluno sugeriu que, enquanto estivessem a assistir às aulas na televisão poderiam estar com o google docs aberto para realizar o registo. Em cada aula, falamos sobre os temas trabalhados e os alunos registam os conceitos. Utilizo um código de cores para realçar quem ainda não fez (vermelho) e utilizo a mesma cor para identificar o mesmo conceito registado por alunos diferentes e, na aula, os alunos identificam quem escreveu primeiro e o outro aluno terá de alterar o conceito. Esta tarefa trabalha a necessidade de os alunos prestarem atenção às aulas na RTP e trabalhar a identificação de conceitos específicos e não gerais. No geral, os alunos escrevem “volumes” e afirmam que naquela aula não há variedade de conceitos para que cada aluno identifique um. Após o diálogo na aula, um aluno escreve a fórmula do volume de um prisma: “ $V = \text{área da base} \times \text{altura}$ ” e conseguem encontrar outros conceitos. Para além desta tarefa, são propostas outras, de acordo com o conteúdo que está a ser trabalhado. O trabalho decorre muito mais devagar, estão a chegar cada vez mais alunos e quando foi possível que mais alunos estivessem com a turma, via Zoom, tiveram de ser integrados, reduzindo ainda mais o ritmo da aula. No entanto, é um processo que decorre dentro da normalidade. Relativamente às outras tarefas propostas, relacionadas com “Ângulos numa circunferência”, foi-lhes solicitado que,

passassem para o caderno o quadro-resumo que existe no manual, numa determinada página, constituído por 5 esquemas, com as respetivas fórmulas para determinar as amplitudes de tais ângulos, mas deveriam começar por desenhar um ângulo ao centro, relacionando a sua amplitude com o arco correspondente. Esta tarefa deveria ser realizada com régua e compasso. Após a realização desta tarefa, deveriam tirar uma fotografia e publicá-la no padlet, no respetivo retângulo. Naturalmente que foram diversas as situações: alunos que fizeram, que não fizeram, que se esqueceram do 1.º esquema e que fizeram as circunferências à mão. Neste caso, via padlet, abaixo da publicação do aluno, solicitei que corrigisse o trabalho e utilizasse o compasso. O aluno respondeu, no padlet, afirmando que não tinha compasso, uma vez que ficara na escola, na capa de educação visual. Disse-lhe para usar uma moeda. O trabalho continua por corrigir. Para além desta forma de realizar a tarefa, solicitei que a realizassem no geogebra, dado que todos os alunos têm conta nesta plataforma, decorrente de um trabalho realizado na Sala do Futuro e a partilhassem num grupo na plataforma geogebra, construído, por mim, para o efeito. Todos os professores de Matemática do Agrupamento de Escolas têm acesso a este grupo, como forma de partilha de boas práticas.

Iniciei o trabalho nesta plataforma precisamente com esta turma, portanto, também estou a aprender juntamente com os meus alunos. As dificuldades da utilização da ferramenta são muitas vezes resolvidas pelos próprios alunos que, por vezes, conduzem a aula, através do compartilhamento do écran do seu computador e realizam as construções para a turma. Os alunos já conseguem fazer tantas coisas, incluindo a escrita de fórmulas, através do menu Fórmula LaTeX disponibilizado no geogebra. A utilização deste menu resultou do facto de uma aluna me questionar, via padlet, como poderia escrever as fórmulas das amplitudes dos ângulos no geogebra. Realizei um pequeno vídeo, com a gravação do meu écran, enquanto escrevia um exemplo de uma fórmula e publiquei-o no padlet. Esta utilização generalizou-se e mais alunos utilizaram esta funcionalidade. Semanalmente, no tempo de apoio a exame que consta do respetivo horário da turma, dou continuidade ao apoio na realização da tarefa, mas sempre que possível é o próprio aluno, com dificuldades, que partilha o seu écran e realiza a tarefa, estando os restantes alunos a verem como o colega faz. Após as construções, os alunos devem utilizar a ferramenta de recorte, para passarem as suas

construções para um documento word e publicarem no padlet. Em nenhuma aula expliquei o quadro-resumo. Os alunos estiveram a trabalhar os conceitos sem ser através da sua exposição e os alunos puderam construir o seu próprio conhecimento. Quando passámos para a realização de exercícios de aplicação, houve alunos que responderam corretamente. Neste momento, os alunos estão a construir no geogebra e a partilhar no grupo, polígonos regulares inscritos numa circunferência. Antecipando este conteúdo e realizando a revisão do conceito de soma dos ângulos internos de um polígono convexo lecionado no 7.º ano de escolaridade solicitei aos alunos que consultassem o seu caderno do 7.º ano e procurassem uma determinada grelha. No prazo de 10 minutos, dois alunos publicaram uma fotografia da ficha e aproveitei-a para realizar a revisão do conceito. Registo ainda, em grelha, o cumprimento das atividades propostas, dando feedbacks contínuos (usando cores, vermelho: ainda não cumprido, amarelo: pode ser melhorado e indico o que deve realizar e verde para a tarefa cumprida) e publicando essa informação no padlet, onde os encarregados de educação podem acompanhar o trabalho desenvolvido pelos seus educandos.

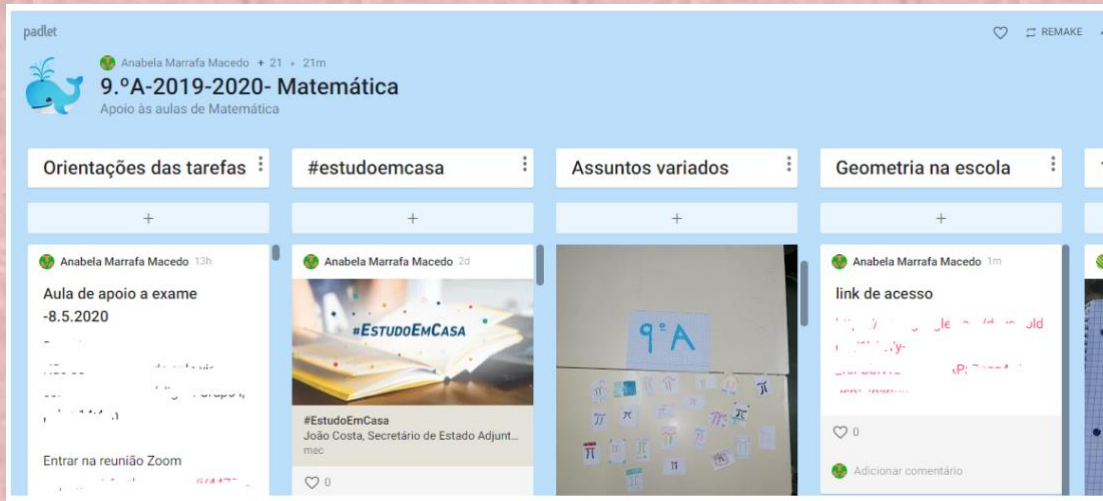


Figura 1 – Exemplo da utilização do padlet

Relativamente ao 10.º ano de escolaridade, a partir do 3.º período, todos os alunos assistem às aulas. Antes desta situação de ensino à distância, o estudo das funções foi feito recorrendo essencialmente ao geogebra. Os alunos ainda não sabiam trabalhar com as suas calculadoras gráficas, havendo modelos da Casio e da Texas Instruments, incluindo o modelo TI-Nspire. Recorri aos colegas de Matemática do Agrupamento de

Escolas e um deles disponibilizou-me dois emuladores, o da Casio e o da Texas. Com base nestes emuladores, partilhando o écran do meu computador, exemplifico as funcionalidades das calculadoras e, em simultâneo, os alunos com a TI N-spire conseguem, entre eles, aprender a trabalhar com as respetivas calculadoras.

Estamos em tempos de aprendizagens, quer os professores quer os alunos. Relatei alguma da minha prática, simples, mas com vontade de continuar a levar o conhecimento até aos alunos.

Se vai ficar tudo bem? Não sei, mas tenho a certeza de que estou a contribuir para minimizar as consequências dos efeitos desta pandemia, até porque num tempo longínquo, nos meus 7/ 8 anos, eu, uma criança igual a tantas outras, deixei de estudar durante dois anos, por causa de uma guerra, no entanto, aproveitei a oportunidade que me foi dada e consegui fazer dois anos num.

E os pais que tive, tudo fizeram para que as suas filhas continuassem a estudar e hoje sou professora de Matemática, com muito orgulho.

Aos meus pais!

Agradeço a colaboração do meu marido Paulo Macedo, da diretora do AE Aldina Pereira, do Perito Externo da UCP, Jorge do Nascimento Silva.

6. A urgência da escola num ecrã e a aproximação ao essencial em educação. É possível percorrer este caminho?

Anabela Sousa | sousanabela@gmail.com

Professora do Ensino Secundário, Agrupamento de Escolas n.º3 de Rio Tinto

A primeira temporada da série inicia sem publicidade ou divulgação. Nos ecrãs de vários equipamentos a escola, as escolas, constroem uma narrativa alternativa. Os primeiros episódios surgem sem guião estabelecido, e a personagem central procura sobreviver e adaptar-se num contexto diferente do qual aprendeu a agir, declarando, a cada instante, *estar on*.

O exercício tantas vezes ensaiado de pensar o futuro da escola, certamente não arriscaria uma mudança tão drástica, repentina e sem qualquer preparação. Ainda assim, dos três cenários de evolução dos sistemas de ensino propostos por António Nóvoa (2009: 4), o que se alicerça na importância das novas tecnologias emerge como inevitável no atual contexto de pandemia: “A educação pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, tendo como referência professores reais ou virtuais”. Este cenário imagina formas de ação totalmente distintas das conhecidas até aí: escolas passam a ser plataformas digitais de aprendizagem, disponíveis 24 horas por dia, todos os dias; estratégias e ferramentas interativas promotoras da individualização do ensino e de percursos de aprendizagem diferenciados.

A condição de necessidade extrema sempre foi motivação para transformações que permitissem a continuidade. Aos muitos sentimentos associados a tal condição de excecionalidade respondem, como refere António Damásio (2017:238) “o conhecimento, a razão e a imaginação, ou seja, a inteligência criadora”. É também assim que os diversos atores e autores da escola têm respondido. Ainda que sem tempo de reflexão, porque a ação (pedagógica) é sempre prioritária em tempos de crise, a escola à qual foi imposto o encerramento abriu-se, revelando e clarificando muito do que a “caixa negra” guardava em si.

Sem tempo e com muitos meios (diferentes), o trabalho educativo organiza-se em torno do que é essencial à sua nova condição de se *manter on*. Esta sala de aula que passa a estar no ecrã do computador, do telemóvel, da televisão parece focada no essencial da sua função, garantir situações de aprendizagem a todos. Ao longo do

tempo, porque, em muitos locais do mundo, a escola se havia afastado dessa condição de sobrevivência, muitas outras foram as funções que lhe foram sendo atribuídas, matizando esta sua essencialidade.

Numa luta que foi assumida como “de todos”, rapidamente se estabeleceram comunidades de cooperação para enfrentar as novidades do contexto a distância. Centenas de partilhas, horas de pesquisa, formações rápidas e à medida permitiram continuar essa aventura de encontrar novas soluções. Um mundo de oportunidades de melhorar as aprendizagens, de desenvolver competências que o espaço e tempo limitados e espartilhados no horário não permitiam. O ensino tem então, a oportunidade de se tornar no acompanhamento próximo, ainda que a distância e mediado por diversas ferramentas, das aprendizagens e da evolução de cada aluno. Talvez nunca, na história mais recente do ensino, se tenham planificado tantas atividades com o propósito de proporcionar a aprendizagem. Muitos professores saíram do palco, deixaram de ensinar e construíram guiões que permitiam aprender, que permitiam orientar e guiar o percurso de cada aluno. As oportunidades de uma avaliação ao serviço das aprendizagens foram muito amplificadas pelos “convites” ao feedback individual e à criação de rubricas de avaliação nas diversas plataformas digitais. A avaliação tradicional do teste é colocada em causa pelas novas condições de pandemia, que sugere outras formas de pensar o modo de classificar e certificar as aprendizagens. O aluno passa a ser o centro de todos os guiões da escola. Só assim a escola continuaria *on*. Alguns dos episódios desta saga tornam-se, assim, inspiradores para a mudança de outros.

O contágio do qual que se protege através do ecrã, coloca a escola e os professores na condição de maior abertura ao exterior de que há memória. As aulas são seguidas pelas famílias que pela primeira têm a possibilidade de contactar/ver todos os professores, conhecem os seus modos de trabalhar e entendem (?) os desafios da aprendizagem.

Mas há também novas soluções para problemas (antigos) com que a escola sempre se deparou? A insistência da transposição de modelos escolares tradicionais dos países mais desenvolvidos para esta condição de sobrevivência, pela natural seleção realizada pelas condições do meio, não resistiria. E não, a escola não chega a todos. O afastamento físico não resolve e pode até agravar as desigualdades e colocar mais

constrangimentos à equidade. Todos os que se mantêm ligados a esta nova escola não têm oportunidades idênticas, alguns estão apenas em modo *stand by*, outros não têm as competências individuais e *familiares* que permitam dar continuidade à tarefa da escola. Ainda mais quando, quase sem perceber, a escola se aproxima desse outro cenário possível, identificado por Nóvoa, do regresso a formas de educação familiar. Está também a abrir-se este outro caminho, muito facilitado com a disponibilização de tantas ferramentas para famílias pedagogicamente bem apetrechadas. A urgência em avançar e a pressa de arranjar respostas traz riscos associados.

Seria ingénuo, da parte do guionista, não dar conta das dimensões que tendem a despertar maior interesse em séries que se adivinham com mais temporadas. As tensões latentes em discursos políticos de aparente consenso, as prioridades insinuadas ou declaradas nas medidas implementadas, a ausência ruidosa de alguns temas, são também essenciais para a construção deste momento da escola. Entre um discurso normativo que declara a prioridade de uma avaliação formativa, as escolas (as outras, as confinadas ao seu espaço físico) organizam-se para garantir condições para resposta(s) aos exames nacionais, priorizando, para além do discurso, as aprendizagens que são alvo de testagem externa, acentuando as implicações reconhecidas no desenvolvimento do currículo. Esta emergência do regresso às condições presenciais do ensino revela a desconfiança no sistema criativo construído para realizar aprendizagens *à prova* de exame nacional e não dá alternativas aos que não pretendem contribuir para a disseminação de um vírus, ou aos que têm medo. Neste regime de excecionalidade de condições de acesso ao Ensino Superior há renovados e mais intensificados “medos”, que significam tão só condições distintas de (im)possibilidades de escolha. Ressurgindo também, por esta via, o outro cenário hipotético colocado por Nóvoa (2009) alicerçado na definição da educação como “bem privado”. Limitando-se o Estado a criar e divulgar indicadores de qualidade das escolas, permitindo uma escolha pelas famílias e financiando os mais desfavorecidos.

Entre os diversos cenários, e as múltiplas possibilidades híbridas de evolução da atual escola no ecrã, esta situação poderá constituir-se como uma oportunidade de (re)construir uma escola centrada na sua função essencial, centrada na aprendizagem. Não se trata retomar lógicas programas mínimos, ou as tendências do *back to basics*, mas antes colocar como preocupação principal a aprendizagem, em todas as suas

dimensões, do saber, do saber-fazer, do questionar e do criar. Nesta perspetiva, é essencial assegurar que “que todas as crianças adquiram uma base comum de conhecimentos” e não considerar “o insucesso e o fracasso como fatalidades impossíveis de combater” (Nóvoa, 2009: 12). Uma escola em que cada aluno concretize aprendizagens verdadeiramente significativas e, nesse processo atribua um sentido à escola.

A escola apenas *on ecrã*, crê-se, não substituirá nos tempos mais próximos a experiência da partilha e da construção do saber mediada pela relação pedagógica, pela palavra olhos nos olhos, e pelo sentimento de pertença a uma comunidade que partilha objetivos. Mas, num tempo que se afasta da convencional ordem dos processos rotineiros em que vivíamos imersos sem a questionar, devemos assumir a perspetiva de Damásio (2017: 332) “devemos estar abertos e atentos quando decidimos abordar o desconhecido”.

Referências bibliográficas

Damásio, António (2017). *A estranha ordem das coisas. A vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Nóvoa, António (2009). Educação 2021: Para uma história do futuro António Nóvoa. Consultado em 13/05/2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/670>.

7. Tempo de incerteza... mas também de esperança

António Oliveira | antmbo@gmail.com

Professor no Agrupamento de Escolas de Pedrouços

*Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!*
José Régio

Cumprem-se sessenta dias de confinamento! Sessenta dias de experiências e sentimentos únicos, porque único tem sido este tempo de COVID 19! Será, portanto, conduzido pelos sentimentos que fui (fomos) experienciando, que partilharei algumas das experiências vividas.

Entre a angústia e a preocupação

Não terei sido o único que, na semana que antecéu o fecho das escolas, fui vivendo com preocupação e alguma angústia... Nessa semana o “coronavírus” e o “COVID 19” tornaram-se o centro das conversas na sala de professores, no início e final de cada aula, nos corredores das escolas e do “poder” e... em casa quando ao jantar todos se reuniam! As notícias que nos chegavam iam fazendo aumentar diariamente a nossa preocupação, que se foi transformando em angústia à medida que ia crescendo o número de pessoas – sim, porque era e é de pessoas que falamos e não apenas de “casos”, como se de um estudo estatístico se tratasse – infetadas, nomeadamente em Itália e em Espanha.

Declarada a pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a saída para a escola – de todos lá em casa – passou a ser vivida com a preocupação própria de quem sabe que vai, mas não sabe ao que vai, nem o que o espera: «tem cuidado», «lava as mãos»... enfim, frases que passaram a ser habituais. Em cada regresso a casa a dúvida instalava-se, dúvida que se manteve/ mantinha/ mantém até que se cumpra a quarentena.

Como reagir perante o desconhecido? Como nos preparamos para o inesperado? Sim... foram (são) tempos de angústia e preocupação os que se viveram (vivem): conosco, com a família com quem partilhamos a casa, com os nossos pais e irmãos, com os nossos amigos, com os nossos colegas, com os nossos alunos... com todos os que

se cruzavam nos caminhos da nossa vida. Foi, sem dúvida, com algum alívio – e até com algum agrado – que acolhemos a notícia do fecho das escolas e do dever de recolhimento.

Com o tempo a angústia foi-se desvanecendo, mas permaneceu a preocupação – talvez não do mesmo tipo! Reconfortados pelo recolhimento no nosso lar, embora as notícias do agravamento da situação fossem diárias e nos assaltassem permanentemente fosse em que meio de comunicação fosse, a preocupação surgia agora acompanhada de um sentimento de solidariedade e da consciência de que era preciso reagir.

Entre a solidariedade e o dever

Os dias seguintes foram vividos entre este duplo sentimento: de solidariedade e de dever. Solidariedade para com todos os profissionais que se encontravam a combater ativamente a pandemia, fosse na área da saúde, fosse na da segurança ou nas outras áreas que permaneceram ativas quando o país literalmente “parou”. Solidariedade que se manifestou não apenas nas múltiplas mensagens de gratidão que pulularam nas redes sociais e nos órgãos de comunicação social, mas, pessoalmente, no levar muito a sério o dever de recolhimento, cuidando de mim e dos outros e saindo apenas para o estritamente necessário.

Concomitantemente, foi-se criando um sentimento de dever para com as famílias dos nossos alunos, para com os meus colegas... o dever de reagir e de procurar contribuir para a minimização dos efeitos da pandemia, fazendo chegar a escola a casa. Foi essa, também, uma forma muito particular de solidariedade.

De alguma forma, este também foi um tempo de descoberta e de aprendizagem. Novas palavras que entraram no nosso vocabulário, novos modos de comunicar, novas experiências... todo um “mundo digital” que se abria e que era preciso conhecer, dominar para dele podermos usufruir: poucos de nós até àquele final de março teriam ouvido falar de “zoom”, de “teams” ou de “meet”...

A solidariedade foi *encaminhada* para esse esforço de, no mais curto espaço de tempo, preparar e criar condições para todo um novo modo de estar, de agir e de interagir. Profissionalmente estive envolvido na criação dessas condições que permitissem, ao Agrupamento de Escolas (AE) onde sou professor, dar uma resposta

minimamente eficaz aos docentes, aos alunos e às suas famílias. As duas últimas semanas de março foram, por isso, de grande azáfama: i) escolhida a plataforma que iríamos utilizar, foi necessário inserir todos os dados de docentes e alunos; ii) entretanto, num esforço comum de Diretores de Turma e docentes das várias disciplinas, criaram-se turmas, disciplinas, canais de comunicação...; iii) foi tempo, então, de dar apoio e resposta às dúvidas dos colegas, fazendo parte de uma espécie de equipa de “suporte técnico”; iv) finalmente, tornou-se ainda necessário criar condições para a realização das reuniões de Conselho de Turma do final do 2º período. Tudo isto foi necessário fazer enquanto, também eu, me familiarizava com a plataforma, interagía com os alunos, com a equipa da direção... e procurava manter saudável a vida familiar, num espaço agora ocupado 24 horas pelos seus cinco membros.

Quando as reuniões de Conselho de Turma do final do 2º período chegaram ao seu término, tendo acompanhado diariamente a sua realização – ora como membro interveniente, ora como “equipa de suporte” –, procurando garantir que todos tinham acesso e que estavam criadas as condições para a sua realização, um outro sentimento me visitou: o cansaço!

Entre o cansaço e o desafio...

Esgotado, mas com o sentimento de dever cumprido, chegamos à semana da Páscoa com a consciência de que o desafio ainda não tinha terminado. Qual atleta, o descanso fez-se em plena competição! O “breve” sentimento de cansaço foi, subitamente, envolvido pela necessidade de corresponder ao repto que era cada vez mais esperado: o de criar condições para que as aulas do 3º período decorressem em ambiente digital! Uma coisa foi terminar o 2º período: faltavam duas semanas e, entre colocar a plataforma em funcionamento e chegar à maioria dos alunos, a interação tinha ocorrido quase em regime de apoio à distância. Agora, o desafio que se aproximava era de outra grandeza, pelo que de mudança representava! Lecionar todo um período à distância, “obrigava” não só a repensar a organização da escola, mas também a(s) prática(s) letiva(s), o modo de ensinar e de proporcionar aprendizagem.

Assim, foi uma Semana Santa bem diferente a que foi vivida este ano! Foi uma semana de trabalho intenso: reuniões de Direção, de Conselho Pedagógico, de Departamento e de Grupos disciplinares... e, ainda, construção do Plano de E@D (Ensino

à Distância) do AE: tudo para que, na data prevista, estivessem criadas as condições para se iniciar o 3º período. A primeira semana do último período e os dias que lhe antecederam foram de grande exigência, mas também de grande riqueza. Os docentes tiveram que agendar as suas aulas síncronas no “canal certo”, para que os alunos tivessem acesso e fazer a monitorização e apoio a esse processo foi interessante e motivador. Interessante porque pude constatar a capacidade de adaptação dos nossos professores que, apesar das adversidades, são capazes de dar resposta positiva. Motivador, pois testemunhei o esforço de colegas que, apesar de já vislumbrarem o final da sua carreira, sem computador disponível e apenas com recurso ao telemóvel, desenvolveram aulas síncronas com os seus alunos, interagindo e gerando aprendizagens.

Apesar das contrariedades, dos constrangimentos e dificuldades, o esforço de adaptação a esta nova realidade de E@D é visível e digno de reconhecimento e gratidão que, a seu tempo, a comunidade educativa saberá demonstrar.

A experiência profissional que tenho vivido tem gerado um gradual sentimento de satisfação e de esperança no futuro. Estou convicto que, parafraseando Fernando Pessoa, “tudo vale a pena se a alma não é pequena”. A resposta à pandemia que, como AE, fomos capazes de dar, faz crescer essa convicção – o número de alunos e famílias a quem chegámos e o apoio que lhes proporcionámos, procurando através das aulas síncronas diminuir a quantidade de tarefas assíncronas que exigiriam acompanhamento parental; a partilha de experiências entre docentes, bem como a sua familiarização crescente com aplicações e metodologias de E@D; mas também, o trabalho colaborativo desenvolvido, com maior partilha de tarefas e sentido de corresponsabilidade e compromisso, patentes na capacidade de antecipar problemas e de construir respostas flexíveis para lhes fazer face – e um sentimento de moderada satisfação.

Apesar de doloroso e angustiante pelo que representa, este tempo de crise pandémica foi-se constituindo como uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Foi e é um tempo que não deixou de ser de preocupação e de angústia, de cansaço e de desafio, de incerteza... mas também de esperança. Um tempo de, como dizia José Régio, “desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!”.

8. Aprender a viver no caos

Carla Baptista | baptistacarla@gmail.com

Professora do ensino secundário, doutoranda em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Professores e alunos estão desde 16 de março a vivenciar uma experiência forçada de ensino remoto, de aprendizagem remota. Cada um em sua casa.... Sempre associámos os papéis de aluno e de professor à instituição (edifício) escolar. Na escola, sou a professora. Em casa, sou a mãe e a mulher.

Hoje, em casa, eu sou a professora e a mãe e a mulher... De manhã, quando me levanto, despeço-me do meu marido que sai para a empresa onde trabalha e digo até logo ao filho que se encaminha para o seu quarto. A “escola” do meu filho é agora no quarto dele; a minha “escola” é agora o meu escritório de casa.

Sou professora há vinte e dois anos e geralmente é-me possível percepcionar com significativa nitidez a forma como os alunos se envolvem, como reagem, como aprendem, o que sentem... como vivem o processo de aprendizagem. Apercebi-me desde logo que esta nova experiência não me permitia com facilidade ler os alunos... Instalou-se um nevoeiro. A presença física frequente traz obviamente à comunicação mais clareza. Precisamos agora de um maior esforço, de nos reinventarmos para podermos continuar a ver. A palavra tem vindo a cumprir essa função. A palavra escrita.

Através da palavra, tenho procurado vislumbrar o que os alunos têm sentido, como têm vivido estes tempos, os seus medos e preocupações, as suas alegrias e satisfações, bem como o que pensam sobre esta experiência de aprendizagem. Como professora de Português, tenho o privilégio de ler textos escritos pelos alunos, tenho o privilégio de ler textos de 114 alunos (três turmas do sétimo ano de escolaridade, uma turma do nono ano de escolaridade).

Como se sentem?

Se para alguns alunos o isolamento trouxe desagrado, mal-estar, sofrimento e até angústia, para outros o estar em casa trouxe sentimentos de conforto, de equilíbrio e de bem-estar.

O mal-estar trazido pelo isolamento perceciona-se por palavras como:

Desde que comecei o isolamento a 13 de março tenho-me sentido muito cansado e stressado, além de estar um pouco triste e aborrecido.

(...)

Desde o início do isolamento que os tempos têm sido difíceis para mim e suponho que para todos.

(...)

Sinto-me como se estivesse preso dentro de quatro paredes... é umas das piores sensações de sempre.

(...)

Repetitivo e cansativo são os dois melhores adjetivos para caracterizar o meu dia a dia.

(...)

Sinto-me triste agora com o passar do tempo... pensei que iria ser rápido...

Às vezes estou tão farta de estar nesta situação que me deito na cama e mergulho em todos os meus pensamentos.

Uma das razões mais apontadas para o desagrado de estarem em casa é a falta de convívio, da presença de amigos e familiares, “Cedo notei que a falta de convívio com os colegas, amigos e alguns familiares era devastadora”, “Como todos sabem o isolamento não é nada fácil, nem me façam falar na dificuldade que é não poder abraçar ou estar com alguém que adoramos.”

Mas as questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem também justificam os sentimentos de sofrimento/angústia:

(...) a minha experiência tem sido desesperante dadas as dificuldades que tenho sentido em me adaptar às diferentes plataformas digitais adotadas pelos professores. Daí andar constantemente agitado, ansioso e preocupado com a possibilidade de não conseguir cumprir as tarefas no prazo estipulado pelos professores, nem aceder na hora exata às aulas através do Zoom, etc...

Há, por outro lado, partilhas de vivências muito positivas, alegres até:

Na minha opinião, a quarentena não está a ser muito má, em comparação com o que os meus amigos estão a passar e o que me têm transmitido. Pois estou na aldeia e saio de casa todos os dias, aliás tenho mais liberdade aqui, do que normalmente tenho na cidade. Estou com os meus primos, normalmente só estava com eles nas férias de verão, ou durante alguns fins-de-semana. Estou com uma atitude positiva e a sentir-me bem! Não tenho ansiedade, nem problemas de isolamento, porque a

aldeia é pequenina e não existem casos de COVID-19 (pelo menos por agora) nem aqui, nem em todo o concelho.

Os sentimentos de aparente tranquilidade e de bem-estar estando em casa, mesmo em apartamentos de cidade, surgem mais regularmente nos rapazes mais velhos, surgindo várias vezes testemunhos como “tenho passado bem e sinto-me ótimo”.

Pelos testemunhos dos alunos, percebe-se que globalmente se sentem bem, seguros, ainda que no início do isolamento tivessem passado por receios e inseguranças. Com o decorrer do tempo, foram percebendo que em casa estavam seguros acerca do contágio do vírus.

No início do isolamento estava com bastante medo do Covid-19. Apesar de eu estar em casa, os meus pais continuaram a trabalhar fora de casa e eu tinha medo que eles ficassem doentes. Agora já me habituei! Não penso tanto e nisso e até gosto de estar em casa.

Interessante verificarmos que há alunos que sentem e percecionam a peculiaridade desta situação, tendo consciência de estarem a viver algo único na vida das pessoas que os rodeiam:

A ideia de não poder ir mais para a escola, não fazia para mim muito sentido. O que ia acontecer no resto do ano escolar? E os meus amigos? E o meu futebol? Demorou algum tempo para aceitar estas novas regras. Nem eu, nem os meus pais, nem os meus avós tínhamos alguma vez passado por isto.

Se há 3 meses me tivessem dito que pouco tempo depois todo o mundo estaria nesta situação, eu provavelmente não acreditaria.

Parece, às vezes, que os jovens não conseguem perceber bem o que sentem, percecionado eventualmente contradições, estranhezas, indefinições:

Nesta quarentena sinto-me um pouco estranho não sei se é por não ver ninguém ou então se é por estar assim tanto tempo em casa a ver o sol de uma forma platónica....

Nesta situação toda não tenho feito muitas coisas, tenho jogado jogos virtuais como jogos de tabuleiros coisas que eu gostava e gosto de fazer só que já fico aborrecido

de as fazer... Parece que os sentimentos se inverteram nisto tudo... o que eu gostava já me aborrece, o que eu não gostava tenho vontade de fazer, só que não posso.

Outros há que enfrentam a situação com humor:

A minha experiência neste de isolamento tem sido tecnicamente normal, não tenho feito nada de anormal o que é um bocado estranho, visto que eu tenho um pouco de anormal no dia a dia.

O que mais me agradou sinceramente foi poder andar de pijama o dia todo...

Os alunos vão mostrando também como o ser humano a tudo se vai habituando. E aquilo que é estranho, diferente, fora do comum, depressa se transforma num “novo normal”, trazendo de novo o sentimento de calma, de equilíbrio:

No início do isolamento eu sentia-me com muito medo e com outros sentimentos estranhos, porque era uma coisa nova, uma coisa nunca vista que parecia e é muito perigosa tinha muito medo, porque também via outros países em estados terríveis com um gigante número de mortes, mas neste momento eu sinto-me com medo também mas não com tanta intensidade, porque já estou habituado a sentir isto e habituado a ver notícias de países a piorar outros a melhorar. Habituado a esta confusão gigante.

No início do isolamento eu estava feliz por experimentar uma nova forma de estar nas aulas, uma nova experiência, mas agora neste momento já parece uma coisa muito normal.

Surgem igualmente partilhas dos alunos relativas a angústias/medos que advêm da observação da realidade familiar – pais e avós:

Neste momento, a 05/05/2020, sinto-me um pouco entediado e com medo porque o meu pai pode não trabalhar mais este ano, pois ele é agente de viagens e como é óbvio ninguém quer ir de férias nesta situação. E a minha mãe tem estado muito stressada com o seu trabalho porque ela tem teletrabalho e estão sempre em cima dela, e nem tem tempo de comer.

Aquilo que não me agrada nada é o que vai acontecer com os meus pais que estão stressados e preocupados.

Gostaria de ajudar nas despesas de casa, porque o meu pai tinha um café mas devido ao Covid-19 teve de encerrá-lo então está complicado...

A coisa mais difícil da quarentena é o facto do meu pai trabalhar no hospital S. João e há catorze dias o vírus chegou ao serviço mas, felizmente, ele está bem e hoje fazem os catorze dias e ele não apresentou nenhum sintomas, o que é um alívio... mas o que me faz continuar nervoso (o pai trabalhar no hospital)...

Uma das coisas que mais me custa, é estar longe deles (avós), e a pior parte é que não sei quando posso voltar vê-los, pois sabemos que já saíram à rua sem nos dizer - e arranjam sempre uma desculpa (a minha avó já foi a um supermercado, sendo que não precisava, pois uma mercearia conhecida lhe leva tudo o que precisa a casa, para que não precise de sair, mas foi na mesma porque disse que a manteiga estava com 10% de desconto...).

Outros testemunhos apontam para o facto de alguns alunos conseguirem (ou tentarem...) por si só acalmarem os seus receios, as suas ansiedades:

O que me ajudou também a acalmar foi um livro que estou a ler “As vantagens de ser invisível”, é tão bonito e acalma mesmo o coração....

Ao longo da minha vida sempre me foi transmitida a ideia que, onde quer que eu estivesse, eu arranjaría sempre forma de ser feliz e de me divertir!

Sinto-me triste, por ter saudades de estar com os meus amigos. Mas agora tenho um gatinho bebé, o Limão, que me faz muita companhia!

Vários são os alunos que manifestam preocupações ambientais, uma verdadeira consciência ambiental. Um dos jovens aponta que

Tem sido difícil, mas há quem agradeça que isto tudo tenha acontecido, a mãe Terra. Nos últimos tempos tem havido muita poluição, facto que tem provocado a extinção de várias espécies. Agora, com todos recolhidos em seus lares, tem aumentado a qualidade ambiental que permite a várias espécies um desenvolvimento mais saudável, tendo-se assistido, inclusive, a algumas visitas ao nosso habitat por parte de alguns animais que normalmente não circulam por cá.

Referências ao espírito comunitário surgem também nas palavras dos alunos como algo que os agrada, “uma das coisas que eu gostei muito nesta quarentena foi o facto de um vizinho começar a tocar piano para todos, para nos divertir.”

Aspetos negativos do isolamento

Os alunos partilham aquilo que consideram os aspetos negativos do isolamento, referindo globalmente a ausência de estar pessoalmente com amigos, com familiares, “não poder falar com elas (pessoas) cara a cara, não poder estar com elas pessoalmente”.

Surge também como negativo o tédio, o não ter mais o que fazer:

Não sei mais com que me entreter, já corri os cantos todos à casa e já assisti à maior parte séries e filmes da Netflix...

estou a dar em maluca

não sei mais que inventar para fazer... ver Netflix já me cansa...

Há jovens que não têm estado com os pais, referindo como negativo o “não estar com os meus pais, uma vez que estou na aldeia com os meus avós”.

Mas, por outro lado, há quem considere estar sempre com a família em casa um aspeto também negativo:

O que mais me agradou é o mesmo que me desagradou, a minha família, eu adoro o facto de estar com eles, mas o contacto é muito restringido e já começo a dar em louco com eles.

Aspetos positivos do isolamento

As palavras dos alunos referem aspetos positivos do isolamento, tais como não acordar cedo, estar mais tempo com a família, ter mais tempo livre, ter tempo para refletir, para valorizar o que não costumavam valorizar e até o facto de ter trazido o sentimento de saudade da escola. Eis alguns dos testemunhos:

Aprendi a dar valor à liberdade.

Nunca pensei em vir a dizer isto, mas sinto falta da escola.

Uma das lições que aprendi com esta pandemia foi dar valor às pequenas coisas do dia-a-dia, tais como: ir ao cinema, lanchar num café, ir a uma gelataria, visitar os familiares...

Ótima oportunidade para criar laços mais fortes com a minha família, por isso comecei a ir mais vezes para a sala, ver filmes com a minha família, fazer jogos, entre outras coisas.

A coisa que me agrada nisto tudo é que temos tempo para refletir e estarmos mais unidos com a nossa família...

Num momento em que permanecemos todo o tempo no mesmo espaço, aprendi a respeitar, a colaborar, a inventar/criar, a valorizar mais o calor humano, a viver cada momento e um dia de cada vez

Alguns jovens entendem que a situação os amadureceu e/ou fê-los conhecerem-se melhor:

(...), mas por outro, percebi que sou muito mais introvertida do que pensava.

(...)por causa da quarentena, a minha maturidade aumentou bastante, comecei a compreender as coisas tão melhor do que antes, sinto que cresci, acho que estarmos numa situação de pandemia me fez ver tudo de outra forma.

Como passam o tempo?

Os alunos vão ocupando o seu tempo em casa realizando os trabalhos da escola, com as aulas síncronas, a visualizarem vídeos no *youtube*, estando ao telemóvel, vendo o *Estudo em Casa* da RTP, vendo séries e filmes (mais as raparigas), jogando jogos digitais (mais os rapazes), cozinhando (mais as raparigas), “aprendi a cozinhar”, aprendendo coisas novas ligadas à casa, limpando e arrumando o quarto (raparigas), “uma das coisas que tenho feito para ocupar os meus tempos é arrumar. Tiro tudo dos armários, das gavetas e das prateleiras e aí percebo realmente as coisas que tenho e não necessito.”; a ouvir música; brincar com o cão; a desenhar; a adiantar os resumos; a falar com os amigos; a “fazer festas com a minha irmã, como antigamente”.

Outras partilhas referem-se à ocupação do tempo com a leitura de livros, o desenho e a escrita:

(...) mais para o final da tarde/noite, fico a ler - nesta quarentena já reli os 6 livros do Harry Potter, e estou agora a ler o último. A minha mãe já se preveniu, e arranjou-me muitos mais livros - apesar de eu querer continuar a ler Harry Potter para sempre.

reler os meus livros antigos...

(...) tenho lido e desenhado bastante e algumas vezes também escrevo alguns textos.

As palavras dos alunos parecem indiciar que o trabalho proposto pela escola ajuda a ocupar o tempo em casa:

Com as aulas da escola o tempo passa a correr, passo a maior parte do tempo a fazer trabalhos das diversas disciplinas, o que me ajuda a distrair a mente e não me sentir esgotada por estar em casa (estou sozinha em casa, os meus pais trabalham e só estou com eles a partir do fim da tarde).

O que gostariam de fazer?

Os alunos vão partilhando o que gostariam de fazer, caso pudessem sair do isolamento:

- ir ao *shopping*
- estar com os amigos. Estar com os amigos para “me rir até me doer a barriga”.
- ir à praia
- estar com outros familiares
- sair à rua
- estar ao ar livre
- saborear o sol
- andar de *skate* à beira mar
- continuar a praticar as modalidades de desporto

Eis dois testemunhos dos alunos sobre o que gostariam de fazer e não podem:

Embora existam muitas atividades para realizar sem sair de casa, sinto saudades de ir às compras, à escola, à natação e obviamente, de visitar os meus familiares.

Claro que de vez em quando me apetecia ir ao parque da cidade fazer exercício ou dar um passeio à beira mar, acho que é o que me está a fazer mais falta, olhar para as maravilhosas paisagens que este mundo deslumbrante tem para nos oferecer.

Como descrevem o modo de aprendizagem?

Diversos testemunhos apontam para o facto de os jovens sentirem que o trabalho escolar a realizar em casa é frequentemente penoso e complicado, havendo referências também ao facto de os trabalhos da escola ocuparem em demasia o tempo semanal dos jovens:

Apesar de ter muito mais tempo livre agora, continuo muito ocupada com as tarefas da escola e a meu ver, os professores enviam muitas mais tarefas agora do que nas aulas presenciais.

Alguns professores mandam muitos trabalhos em muito pouco tempo, é difícil gerir isso tudo.

Mas o que mesmo me desagradou nesta experiência foi mesmo o método de ensino, pois as aulas são mais difíceis e demoro muito mais tempo a realizar os trabalhos. Daí sentir que neste sistema de ensino aprendo muito menos do que aprenderia em sala de aula (quer em qualidade quer em quantidade)... a presença dos professores é fundamental para a aprendizagem correta das matérias. Resumindo, volta sistema tradicional de ensino.

Em relação às aulas eu acho que temos que fazer muito mais do que quando tínhamos aulas na escola.

Acho também que neste modo de ensino, os professores(as) dão muito mais trabalho.

Surge muito frequentemente alusões à falta da presença de professores e colegas, “aprendo na mesma, mas faz-me falta ter os professores e amigos à minha beira”.

Perante a questão “aprendes melhor em casa agora ou aprendias melhor na escola?”, a maioria dos alunos percebe que aprendia melhor na escola, existindo testemunhos todavia que defendem a ideia que aprendem melhor em casa.

Os jovens que consideram aprender melhor em casa apontam razões como não haver tanta confusão/barulho, conseguirem uma melhor organização, terem um horário mais livre, conseguirem estar mais concentrados:

Esforço-me bastante e sou melhor a estudar sozinha, porque a minha cabeça trabalha melhor sem distrações”

Sozinho em casa consigo estar mais concentrado do que nas aulas presenciais. Além disso, acho que fazer as tarefas com a ajuda dos livros e dos materiais que os professores enviam, é um bocadinho mais fácil.

Na minha opinião as aulas assim são muito melhores, pois, não há tanto barulho e é como se fosse uma aula individual como se fosse só a falar para mim, logo consigo melhor concentração e aprendizagem.

Sinto que estou a aprender de uma forma diferente, mas estou a gostar da experiência de aprender assim. Acho que estou a aprender melhor.

Eu acho que consigo consolidar uma matéria muito melhor do que antes, devido ao número de exercícios, apesar que seja um pouco mais difícil aprender novas matérias.

Os jovens que consideram que aprendem melhor na escola apresentam razões como existirem muitas distrações em casa; não gostarem de estar muitas horas à frente do computador (preferindo a presença física); poderem na escola comunicar melhor com os professores; existir melhor concentração na escola; a presença na escola permite esclarecer mais eficazmente as dúvidas, “aprendemos melhor a matéria”; na escola, os professores controlam melhor a atenção dos alunos. Na verdade, vários são os testemunhos que apontam para uma perceção de uma melhor aprendizagem na escola:

(na escola) eu acho que o estudo era mais aprofundado comparando com o que estamos a ter.

Os professores (na escola) conseguem dar mais atenção e conseguem ver se estamos atentos nas aulas.

As aulas síncronas do 3º período vieram ajudar, porque permitem esclarecimento de dúvidas e abordagem de novos assuntos....

Quanto à escola tenho conseguido aprender através do computador. Não vou mentir que às vezes era um bocadinho difícil concentrar-me. Cada barulhinho era o suficiente para me distrair mas, ao passar das semanas, isso já nem me incomoda, consigo focar-me e adquirir conhecimento.

(...) não gosto nada do ensino virtual.

Penso que aprenderia melhor se tivesse na escola.

O que mais me desagradou foi e é ter algumas dificuldades nos trabalhos pedidos. Eu sinto que estou a aprender, apesar de a ajuda ser diferente.

Durante o isolamento tenho aprendido novos conceitos, mas não no mesmo ritmo com que anteriormente aprendia. O contato direto com os professores e colegas contribui para uma melhor aprendizagem.

Estou a aprender bem, mas na escola aprendia-se um pouco melhor, porque existe maior interação e há mais dinâmica.

Na minha opinião as aulas à distância são muito diferentes do que as presenciais, há muito mais dispersão e desinteresse por parte dos alunos, mas acho que esta forma de aprendizagem vai continuar a ser utilizada gradualmente no futuro.

Com alguma frequência surgem palavras que parecem apontar para a ideia de que os alunos com menos autonomia, menos responsabilidade, com mais dificuldades têm agora mais entraves, obstáculos no processo de aprendizagem. Estudar em casa implicará responsabilidade e autonomia. Eis alguns testemunhos neste sentido:

(...) que está a ser mais difícil de aprender, porque é muito diferente da escola, na escola as professoras conseguem explicar mais facilmente através do quadro, mas nesta forma de aprendizagem, um aluno com dificuldades pode ser prejudicado, pois pode ter dúvidas e não sabe como apresentá-las à professora, e na escola isso é completamente diferente, pois o aluno pode simplesmente mostrar o seu caderno diário e o seu livro.

No meu caso consigo aprender toda a matéria sem dificuldade, seja nas aulas presenciais seja nas aulas síncronas, mas tenho certeza de que nem todos os alunos o conseguem fazer com tanta facilidade.

Eu sinto que (em casa) aprendi muito mais, mas não foi por causa dos professores a mandar trabalhos, mas por ter entendido que tinha de me desenrascar sozinha, e estou bastante orgulhosa.

Este método de ensino é muito interessante e eu estou a gostar bastante, claro que exige muita mais dedicação, estudo autónomo e o facto de não termos a presença do professor faz com que tudo seja bastante diferente....

Conclusões possíveis

A partir das palavras escritas dos alunos e a partir da minha experiência atual como docente de quatro turmas, proponho-me refletir sobre algumas possíveis conclusões:

1. as experiências vividas pelos alunos no isolamento são muito diversificadas, dependendo da sua personalidade e do seu contexto familiar;
2. há adolescentes a acomodarem-se (talvez em demasia) ao conforto da casa, não tendo que enfrentar os desafios, os entraves próprios do ambiente social escolar;
3. os alunos que apresentavam já antes problemas de autonomia, de gosto, de sucesso no processo de aprendizagem escolar veem agora aumentados os obstáculos, os problemas;
4. no ensino remoto, a monitorização das aprendizagens dos alunos é muito mais difícil de concretizar;
5. o processo de ensino remoto forçado parece não estar a cumprir, pelo menos totalmente, a função regular do processo de escolarização;
6. a presença física do “outro” (professores, colegas....), ainda que fulcral no processo de escolarização/de aprendizagem, não tem sido possível, o que tem impedido uma eficaz comunicação/ relação entre professor-aluno. É notória a indispensabilidade dos professores...
7. a tecnologia digital apresenta-se como uma ferramenta útil, mas não é ainda dominada por alunos e por professores.

Estaremos a viver um tempo da reflexão, mas talvez dificilmente estaremos a viver um tempo da resposta.

Um dos pensamentos que muito me tem acompanhando prende-se com a situação dos alunos que têm famílias afastadas (ou mais afastadas) da cultura da escola. O que acontecerá em setembro/outubro próximos com as crianças/jovens destas famílias estando a viver seis ou sete meses sem a imersão na cultura escolar? Que impacto terá o domínio único familiar em algumas situações durante tantos meses?

Parece-me, mais do que nunca, agora e proximamente, fundamental desenvolvemos as nossas práticas de educação escolar sob os princípios da individualização, da flexibilidade, da personalização, da diversificação, de forma a sustentarmos a garantia do sucesso escolar de todos e de cada um dos nossos alunos. Isto porque parece evidente que a situação atual e os seus impactos no futuro próximo tendem a reforçar as desigualdades sociais. Nas palavras de Boaventura Sousa Santos³ “(...) a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele.”

Lembro-me hoje das palavras de Camões sobre a fragilidade humana. Mas também sobre a coragem e os atos heroicos, pois sendo o Homem “um bicho da terra tão pequeno”⁴, continua perante a vida incerta e cheia de perigos a lutar incessantemente.

³ Sousa Santos, B. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina.

⁴ in *Os Lusíadas*, Camões (Canto I, estância 106, v. 8)

9. Digitais por obrigação

Cristina Palmeirão | cpalmeirao@porto.ucp.pt

Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH)

A nossa responsabilidade é o nosso dever de cuidado do outro, de acolhimento do outro, que é o lugar onde nasce a necessidade imperiosa da justiça, o lugar onde a *polis* é essa praça de hospitalidade onde estão todos os outros, sujeitos e autores da história. Não há amanhã que cantam. Ou são os nossos passos que atravessam as fronteiras e reconhecem e cooperam e se comprometem ou não haverá mais caminho (ainda que se continue penosamente a caminhar sem se saber para onde).

Azevedo, 2011, pp. 336-337

1. Aconteceu ... 2020.

Em Portugal, o mês de março marca o começo de um novo tempo. O tempo COVID_19 (OMS, 2020). Um tempo desigual de todos os outros já vividos. A pandemia instala-se. O ritmo de crescimento das pessoas infetadas ganha velocidade. As ruas esvaziaram-se. O trânsito desapareceu. As escolas fecharam. Em poucos dias fecharam também os mercados, o comércio de rua, as igrejas, as empresas, os grandes centros comerciais, ...

As casas encheram-se. Fica quem está. As visitas são suspensas - entre familiares, entre amigos, nos hospitais, nas estruturas residenciais, nas penitenciárias... A mobilidade entre instituições e países é proibida. A ordem é: Fique em casa. O apelo repete-se insistentemente. Os órgãos de comunicação social, públicos e privados, enchem os ecrãs mostrando os efeitos do Covid-19, reiterando a necessidade imperiosa de cumprir as medidas extraordinárias adotadas pelo governo para conter a propagação do vírus. O isolamento social torna-se uma estratégia vital para a segurança de todos, todavia uma medida difícil de levar a cabo, porque impede a “proximidade da mão amiga quando mais se precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo e o aplauso na vitória” (Bauman, 2006, p. 31). Ansiedade e medo relativamente aos que nos são próximos e em relação a nós próprios, sentimentos que se misturam com a responsabilidade maior de prover o bem-estar de todos e de cada um.

Realidades complexas que nos ajudam a melhor compreender a emergência rápida do teletrabalho e o de prover o *Ensino a Distância*, medidas obrigatórias para sustentar riscos maiores no campo da economia, da educação e em particular no projeto de vida de cada pessoa.

2. A ascensão do ensino online

A mudança na escola no século XXI anima, desde há muito, diálogos plurais no campo do sistema educativo. Na base a evolução das sociedades e a necessidade de promover um paradigma educativo flexível, capaz de promover a aquisição de conhecimentos, competências e outras qualidades valorizadas nas novas sociedades. Um desafio ininterrupto que precisa acompanhar as vicissitudes do nosso tempo e, sobretudo, responder às singularidades das novas gerações. É forçoso articular pedagogias velhas e pedagogias novas (Resweber, 1995), no sentido de implementar pedagogias participativas (Formosinho, 2014) e assim promover uma ação educativa centrada na aprendizagem e com as pessoas. O sentido é o veiculado pelas cidades educadoras e, portanto, “a criação e desenvolvimento de todos os mecanismos possíveis de comunicação e participação de cidadania (...) assim como o máximo aproveitamento dos recursos existentes” (Villar, 2001, p. 15).

Tendo presente o panorama de pandemia em que vivemos e terminado o estado de emergência, iniciamos uma nova fase, desta vez, em regime especial de calamidade pública, onde o voltar às aulas só foi possível no formato de *Educação Online*, uma realidade manifesta que inviabiliza a pedagogia do toque e de proximidade e que obriga todos a ensinar e a aprender de modo digital, envolvendo a tecnologia eletrónica – computadores, internet, televisão, plataformas digitais.

A ascensão do ensino online não aconteceu de forma gradual, como desenvolvimento e reconhecimento das suas mais valias na didática do ensino ou como estratégia de motivação e de diferenciação pedagógica para os alunos. Sobre os primeiros recursos tecnológicos, enquanto ferramentas capazes para promover a inovação e a diferenciação pedagógicas passaram já longos anos. A este propósito, Marco Cruzeiro (2019), citando Costa (2009), reitera que “são pouco significativas as práticas escolares de utilização das ferramentas tecnológicas para aceder e trabalhar informação, produzir recursos educativos e potenciar aprendizagens mais ativas e

colaborativas (p. 283), isto apesar dos investimentos e criação, em 2007, do Plano Tecnológico de Educação!

Facto é que, sem negociação possível, o digital é agora uma obrigação sem prerrogativas, porque surge por efeito do Covid-19. “A pandemia expulsou os alunos da sala” e das escolas, não deixando outra alternativa que não o ensino online, a única solução possível para, de forma rápida, ativar o plano de contingência educativo e cumprir o ano letivo de 2019/2020 sem matar um ano na vida dos alunos.

Aparte estas contingências, o esforço de todos é real, professores, alunos e famílias, implicam-se e equacionam estratégias para se envolverem num movimento educativo ímpar, com um programa educativo e de aprendizagem desafiante, exigente e ainda muito trabalhoso por carência de uma cultura tecnológica regular, burilada na metodologia ação-formação-ação e com numerosas formas de ser utilizada.

No campo da concretização, as dúvidas instalam-se e as limitações avolumam-se em ordem às questões da equidade de acesso, eficácia e qualidade dos processos de aprendizagem, aos contextos e envolvimento familiar, ao volume das tarefas nas aulas síncronas e assíncronas, às novas conflitualidades e dificuldades que limitam o contato e a relação entre o humano e a tecnologia.

3. A mudança na relação entre o humano e a tecnologia

Os paradoxos das sociedades contemporâneas, mais agora em termos de pandemia, geram a consciência e a necessidade de uma ligação humana *sui generis*, mormente no que respeita à relação entre o humano e a tecnologia. Um exercício complexo e particularmente difícil que mistura tempos, espaços, vidas e projetos e que tanto pode aproximar como afastar pessoas e instituições. O desafio é aprender a viver em tempo de pandemia, fazendo uma gestão parcimoniosa do que é do domínio pessoal, familiar, escolar, profissional e do cuidado. O ponto é decidir com a racionalidade possível, num exercício permanente de escuta ativa, enquanto competência nuclear para a boa comunicação, presencial ou a distância.

Face à nova situação, no domínio escolar e no papel de docente, importa gerar contextos educativos criativos, inovadores e inclusivos onde a comunicação assertiva é o trunfo que importa ativar para facilitar os processos de envolvimento e de aprendizagem, reformulando abordagens conotadas com o modelo escolar tradicional,

em ordem a uma práxis não diretiva, onde o conhecimento acontece por efeito da relação pedagógica construída entre professor-aluno e aluno e professor, em função da missão específica do ser professor. Isto é, “Pelo questionamento, pela pesquisa, pela narrativa, pela exposição, pela exemplificação, pela experiência, pela leitura orientada – sempre o professor é professor porque ensina, é professor porque o trabalho que dele se espera é gerar e gerir formas de fazer aprender, mesmo se, por vezes, o não consegue com sucesso” (Roldão, 2009, p. 47).

Assegurar a diversidade requer uma cooperação interativa que desafia a redefinição dos processos educativos em ações mais humanistas, flexíveis e possíveis de gerar dinâmicas, mesmo que à distância, de uma cidadania responsável triangulada entre Professores-alunos-família. Neste contexto de calamidade pública, o sentido de responsabilidade obriga ao uso de todos os meios para nos ligar uns aos outros e, claramente à “metamorfose da escola” (Nóvoa, 2020), com vista à criação de ambientes de aprendizagem inovadores e a uma aprendizagem cooperativa, carregada de intencionalidade pedagógica e de compromissos entre as pessoas.

4. Notas de um percurso ... pessoal

Sorte a minha! A minha experiência em aulas *online* são uma realidade efetiva há já algum tempo. Uma estratégia estruturada e pensada para otimizar tempos pessoais e profissionais de pessoas adultas, muitas das quais já inseridas no mercado de trabalho, oriundas de diferentes partes do mundo. Uma dinâmica pedagógica reconhecida como positiva, articulada com as aulas síncronas, assíncronas e presenciais. Porém, o carácter obrigatório das aulas *online*, como imposição do isolamento social, gerou sentimentos contraditórios – no professor, nos alunos e nos professores-formandos; incertezas e preocupações.

De alegria por conseguirmos continuar ligados, em processos formativos e de aprendizagem; de angústia por nem sempre nos conseguirmos manter conectados por questões de natureza técnica e formativa; tristes por impossibilidade do encontro e do diálogo frente a frente. Com dúvidas e preocupados por desconhecermos o tempo que está para vir e se a comunicação e a aprendizagem acontecem de facto.

Resta-nos a esperança de que ***tudo vai ficar bem*** e, no momento, as palavras positivas de compreensão e de resiliência das pessoas com quem vamos tendo a possibilidade e o privilégio de interagir ainda que *online*. Concluo, parafraseando uma das minhas alunas. “Gosto e acredito

na metodologia criada (...) onde a proximidade e a troca se fazem presentes. Não me sinto desamparada ou sozinha nesse processo que estamos conhecendo e experienciando” (TP).

Notas Bibliográficas

Bauman, Z. (2006). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.

Cruzeiro, M. ; Machado, J. & Andrade, A. (2019). Formação de professores e utilização das tecnologias digitais na escola. In *Revista Portuguesa de Investigação Educacional. Educação, inclusão e sucesso para todos*. nº19. Porto. Católica Editora, pp. 281-307.

Formosinho, J. (2014). Da aprendizagem da transmissão pelo ofício de aluno ao desenvolvimento de pedagogias participativas. In Formosinho, J.; Machado, J. & Mesquita, E. (2014). *Luzes e sombras da formação contínua. Entre a confrontação e a transformação*. Ramada, Edições Pedagogo, pp. 13-25.

Nóvoa, A. (2020). A Educação em tempo de pandemia. https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpflo, 09.05.2020.

Resweber, J. (1995). *Pedagogias novas*. Lisboa: Teorema.

Roldão, M.C. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: FML.

Villar, M. B. (2001). *A cidade educadora. Nova perspectiva de organização e intervenção municipal*. Lisboa: Instituto Piaget.

10. Educar em Qualquer Lugar

Fernando Paulo Sousa | fernando.paulo@cm-porto.pt

Vereador da Educação da Câmara Municipal do Porto

A Educação é um ato de amor.
Paulo Freire

Vivem-se tempos conturbados. Às vezes passamos dias à espera de uma palavra e ela não vem. Outros dias eis que nos chegam as palavras que precisamos e nem sempre lhes damos o devido valor. Mas houve, também, certamente, outros dias que era a nossa vez de deixar voar as palavras e nem sempre o fizemos.

Mas a vida é mesmo assim. É feita de coisas boas e coisas menos boas. De encontros e desencontros. É construída na relação e na partilha com as pessoas e está contida em momentos passados, nos instantes vividos e em tantas outras coisas que nos ajudaram e ajudam a dar-lhe sentido e significado. E futuro.

São dias diferentes, um tempo exigente e disruptivo. Há quem diga que são tempos apocalípticos. De repente tudo mudou à nossa volta. São dias de combate à pandemia, que nos interpelam a cada instante. Abdicámos da nossa escola para todos e das nossas relações familiares, pessoais e profissionais e em muitas situações do imperativo ético de não deixar para trás ninguém, especialmente as pessoas mais vulneráveis. Ontem ouvi uma senhora de idade avançada comentar que quando nos sentimos privados de fazer certas coisas por vezes surge uma vontade intensa de as podermos fazer. Como se sentisse nostalgia pelos momentos passados e ansiedade que este presente não faça qualquer ligação com o futuro. São tempos perigosos. Julgo que nos acontece o mesmo com as pessoas, com a nossa família, com os nossos amigos ou colegas de escola ou de trabalho. Ficamos cheios de vontade de estarmos juntos, de nos abraçarmos, de quebrarmos silêncios. Outras vezes parece que as notícias se transformam em histórias sem respostas certas ou erradas, a partir das quais se desencadeiam turbilhões de sentimentos.

O Filósofo José Gil alerta “este confinamento não é um lazer. Mesmo que haja quem consiga transformar este tempo em tempo de ócio, coletivamente isso é impossível. O tumulto e a catástrofe que desabam sobre o nosso país e sobre o mundo todos os dias não podem deixar de nos angustiar. No entanto, além do que a

transformação da vida quotidiana traz de novo ao indivíduo – que muitas vezes descobre uma vida nova (mas nunca sossegada e livre) – está a formar-se um outro espaço de comunicação entre as pessoas. Trocam-se e-mails, poemas, mensagens mais pessoais e próximas, textos, frases nunca anteriormente possíveis. Isto implica uma ação – que se revela necessária, às vezes, no fechamento em que estamos. (que não é um espaço público ou de opinião pública) vai desenvolver-se e, talvez, modificar um pouco as relações entre as pessoas”... (Público, cit.).

Mas a aventura da vida continua. As nossas crianças têm escola sem terem de se deslocar. Os bons professores continuam a ser bons professores. Certamente percebem o que mais importa em cada momento e sabem encontrar a forma de comunicar, de ensinar e ajudar a aprender, individual e coletivamente.

A pedagogia tal como a filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo; é uma atitude, uma certa maneira de pensar, ser e estar perante o mundo. Talvez o ato de educar também seja isso mesmo. E de acompanhar.

A Covid.19 mata, mas essencialmente as pessoas mais velhas. Não consigo conceber comunidades sem idosos. E sem crianças. As crianças na maioria dos casos são assintomáticas. Também não serão transmissoras. Mas não podem estar com os avós. Não podem dar-lhes um abraço. Não podem ir à escola. Os edifícios estão fechados, mas as escolas estão a funcionar! Transformaram-se em escolas digitais com professores e alunos de carne e osso. E com mães e pais. A escola passou para dentro de casa. As crianças não podem brincar umas com as outras. Mas podem comunicar e inventar brincadeiras. É brincando que as crianças exercitam a criatividade, aprendem coisas novas e despertam o interesse para atividades. E entretanto a nossa vida transformou-se no cumprimento de imensas regras. Há uma espécie de mandamentos: primeiro higiene das mãos; segundo etiqueta respiratória, terceiro distanciamento social, quarto higienização e desinfeção das superfícies, quinto monitorização de sintomas, sexto proteção individual, sétimo... temos que nos inspirar!

Mas a educação pode acontecer em qualquer local contrariamente a este vírus que nem sempre se expressa, pouco o conhecemos e nalgumas pessoas até é assintomático.

A propósito da educação e do ato de educar, de ensinar e aprender, lembrei-me de um e-mail que recebi em fevereiro, poucas semanas antes desta pandemia. Foi fácil encontrá-lo, graças às ferramentas digitais, e diz o seguinte: “Olha o que o menino escreveu para o blog da escola sobre um livro que lhe deste de Eugénio de Andrade, com contos em poesia. Nos testes que trouxe hoje tinha praticamente tudo certo e obtive Muito Bom a Matemática, a Português e a Estudo do Meio. E 100% a Inglês. Ele anda mesmo bem, a professora diz que anda muito atento, deixou de conversar na aula e é muito inteligente, educado e cumpridor. Estou mesmo orgulhoso e feliz! Foi ele que escreveu o texto sozinho no computador! Já usa bem o word. E também sinto que é um menino feliz. Que está bem connosco, com os amigos e com o mundo”.

Apesar da pandemia, percebi que não se alterou o entusiasmo no ato de cuidar deste pai. O confinamento até contribuiu para acompanhar e participar mais na aventura de educar em torno de quatro aprendizagens fundamentais que ao longo da vida serão pilares de conhecimento (Jacques Delors, 2012): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. A sala de aula transformou-se em quarto, em jardim, em sótão. Em livro. Em música. Em sms. Em contactos, em gestos, em afetos. Em mar. Em qualquer lugar. A avaliação é importante, faz parte do processo; mas não é o centro da educação.

E o que dizia o texto para o blog da escola escrito pelo menino de 9 anos?

Este Livro é a Minha Cara, comecei por ler o título. E prossegui “Escolhi o livro de Eugénio de Andrade “Aquela nuvem e outras” com vários contos em poesia e que foi escrito para o seu filho Miguel enquanto ia crescendo. O livro tem 21 contos de poesia e gostei muito de todos. A poesia é um tipo de literatura que gosto muito e esse também foi um dos motivos pelo qual o escolhi como “este livro é a minha cara”. Destaco entre os contos do livro «o gato» que anda no jardim á roda do pudim; «o lagarto» que parece um ministro e que anda sempre janota; «gatos» que vêm da Índia, da Pérsia e Alexandria e que rodam de noite e dormem de dia; «a formiga» que dá sete palmos a correr e sete metros devagar só para lambar o mel que escorre dos dedos do Miguel; «a andorinha» branca que batia na janela para anunciar a chegada da primavera e o poema «não quero, não», não quero ser soldado nem capitão.

Li este livro, oferta do meu padrinho, nas viagens de casa para a escola. Enquanto o meu pai conduzia, eu lia para ele. Lembro-me de um dia em que ia a ler e quando dei

por mim estava a procurar formas pintadas de animais do livro com as nuvens do céu. Foi um momento engraçado e divertido”. Tudo mudou, a escola também. Ninguém desistiu das crianças. Ensinar e educar é, com efeito, um ato de amor em qualquer lugar.

11. A Intermitência dos tempos que correm...

Hélder Filipe Silva Martins | heldermartins@ribadouro.com

Externato Ribadouro/Colégio da Trofa.

No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e noturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada.

José Saramago, As Intermitências da Morte, 2005

Contrariamente à Morte saramagiana, que cessou funções ao apaixonar-se, a Morte quotidiana, de um dia para o outro, decidiu assinar contrato sem termo com uma entidade acelular, desprovida de metabolismo próprio e com um apetite voraz por hospedeiros humanos.

A alma lusitana, salgada pelo terror vivenciado nas mais diversas civilizações, recolheu à recôndita e escudada caverna familiar. Fecharam centros comerciais, restaurantes, bares, estádios, museus, igrejas, empresas e escolas. As gargalhadas, o tilintar dos copos aquando dos brindes, os hinos comemorativos das claques e as contemplanções religiosas deram lugar a uma sonoridade timbrada pela mortalidade matemática e pelo chilrear inaugural de uma primavera diferente.

Assisti, atónito, à desertificação crescente daqueles que considerava serem *habitats* seguros – as escolas onde trabalho foram, igualmente, despojadas de gente e o ímpeto de conservar os seus *pulsares* levaram-nos a colocar nas malas os materiais necessários para que se evitasse a instalação de outros *não lugares*. Do trabalho colaborativo entre Lideranças de topo, intermédias e Professores nasceu um *esquema de ensino a distância* e, ao terceiro dia de exílio, através de uma plataforma digital, desconhecida pela maioria, deu-se início a um outro tempo de ensino e de aprendizagem.

As *ciberescolas* abriram as suas portas e o cruzamento entre *alunos nativos digitais* e professores *cyborgs* materializou uma inovação tecnológica que trouxe fôlego, entusiasmo e novos ritos – liga e desliga microfone; partilha ou não partilha ambiente

de trabalho; aciona ou bloqueia câmara. Os *hotspots* de internet preservaram os fios de uma rede capaz de sustentar o peso do término do segundo período. As nossas escolas, organizações aprendentes, reinventaram-se e em contexto pandémico foram capazes de otimizar procedimentos avaliativos e de cumprir a sua função certificadora.

A interrupção letiva da Páscoa converteu-se num tempo de dormência e os pães ázimos em símbolo de êxodo desta estranha forma de viver.

Ultrapassada a vibração tecnológica, o terceiro período solicitou um aprimorar ao nível da gestão dos tempos, de modo a equilibrar a componente síncrona e assíncrona da modalidade de trabalho a distância selecionada. Trouxe, também, a necessidade de um olhar atento e reflexivo em torno das práticas pedagógicas. Mudaram os ambientes, que de espaços privados passaram a *praça pública*, e as condições de aprendizagem, pois o universo digital disponibiliza, *in loco*, um manancial de informação. Contudo, não se alterou significativamente o modelo pedagógico. A aula continuou dominada pela exposição dialogada, quando metodologias ativas como a aprendizagem baseada em projetos, a aprendizagem baseada na resolução de problemas, a instrução em pares, entre outras, ao colocarem a tónica no aluno construtor de conhecimentos e no professor *orquestrador de aprendizagens* se coadunam mais com os ofícios desejáveis para o aluno e para o professor do século XXI.

Muitos são os fatores que contribuem para esta cristalização das práticas pedagógicas, destacando-se, na minha perspetiva, a rendição ao *upgrade* tecnológico, que atesta que a inovação pedagógica não se esgota na instrumentalização digital; a cegueira do cumprimento dos extensos programas enciclopedistas, que subalternizam as estratégias de ensino-aprendizagem, enquanto caminhos para alcançar os conteúdos; a pressão de performatividade, pois a passagem das salas de aula de *jardins secretos* para *mundos sem fronteiras* expõem o professor ao escrutínio de um Outro que, globalmente, considera o *professor-mestre* como o modelo a seguir e o monopólio das provas externas estandardizadas, que contribuem para a inculcação de um mimetismo e afunilamento curriculares e para a reificação de uma lógica dominante de reprodução e de recuperação de conteúdos.

A mudança desejada(?) nos modos de trabalho exigiria uma alteração nos modos de avaliar, com soberania das práticas de avaliação formativa, mediante recurso a um *feedback* contínuo, sistemático e personalizado, valorização do erro enquanto elemento

potenciador de aprendizagens significativas e implementação de estratégias de autorregulação/metacognitivas. Se possuo dúvidas quanto à força do ensino a distância na desmistificação da maior fiabilidade atribuída aos instrumentos de avaliação de pendor sumativo, reconheço na revolução digital subjacente uma oportunidade para a melhoria da recolha de dados, ao serviço de uma avaliação eminentemente processual e para uma gestão mais equilibrada do tempo necessário para a sua operacionalização.

A nível micro, no que respeita à minha experiência em contexto de sala de aula, saliento pela negativa, a incerteza associada à realização das tarefas pelo aluno, a dificuldade na leitura da linguagem não verbal e o dilema permanente entre a exposição de novas temáticas, mediante o discurso dominante do professor, e as aprendizagens sólidas e lentas protagonizadas pelo aluno. Pela positiva, destaco a maior diversificação de estratégias de ensino-aprendizagem, em particular a possibilidade de uma maior utilização da estratégia da gamificação e da prática da integração de conhecimentos pela coadjuvação com colegas de outras áreas disciplinares, a construção de *portfolios* digitais e a economia de tempo na recolha de evidências para a verificação das aprendizagens

A nível pessoal, sinto que vivi esta quarentena no limbo entre a prisão domiciliária e a liberdade condicional. Fui coordenador, professor, pai e marido. Tudo no mesmo espaço e às vezes em simultâneo. Percebo, por isso, a dificuldade experienciada por muitos profissionais de ensino, assim como a tendência para a vinculação a um modelo pedagógico mais tradicionalista, pois o controlo traz, muitas vezes, segurança, sobretudo em tempos de grandes intermitências.

O futuro, esse, é incerto, continua envolto em nevoeiro. O otimismo diz-me que o ser humano jamais se vergará à doença e espero que, de um modo análogo ao romance de Saramago, surja o dia em que mais ninguém morra de COVID.

12. O ensino e a aprendizagem em tempos de COVID-19 à luz da teoria da ação comunicativa de Habermas

Ilídia Cabral | ilidiarv@gmail.com

Professora Auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa | Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa

O contexto deste texto

A 12 de março de 2020 o Primeiro-Ministro português anuncia o encerramento de todas as escolas do país a partir do dia 16 do mesmo mês, para tentar conter a propagação do surto de Covid-19. Os impactos do SARS-CoV-2 chegam, assim, à Educação. Em pouco mais do que um fim de semana, escolas e professores preparam-se para uma modalidade de ensino *online*, na tentativa de *fechar o 2º período* e ainda na expectativa de um 3º período escolar *normal*. Tal não aconteceu e as aulas de todos os alunos do básico e secundário mantiveram-se em regime *online*.

Neste cenário, as organizações escolares do país foram-se reinventando (umas mais, outras menos), para tentarem continuar a assegurar o ensino nestas condições extraordinárias, mas incontornáveis. Por entre planos de contingência mais ou menos estruturados, mais ou menos lógicos e mais ou menos eficazes, o sistema de ensino e aprendizagem foi-se movendo, efetivamente, entre o *caos* da incerteza, do desconhecimento, da ausência de fronteiras e da fragmentação e a *redenção* de quem encontrou na crise uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento profissional e organizacional.

Neste texto procura-se analisar e explicitar este binómio *caos-redenção* na Educação em Portugal durante o período da pandemia, a partir da mobilização da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, ilustrando a análise feita com pequenos episódios, narrados com base em testemunhos reais de pais, professores e alunos.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e o caos nas escolas

Habermas, um dos mais prestigiados filósofos e sociólogos contemporâneos, desenvolveu a *Teoria da Ação Comunicativa*, teoria com um elevado potencial

explicativo da ação organizacional em geral, mas que tem vindo a ser, também, aplicada em particular às organizações escolares.

Nesta teoria, o autor distingue entre *sistema* e *mundo da vida*. O sistema é entendido como a esfera social regida por mecanismos autorregulados como o mercado e o poder administrativo, enquanto que o *mundo da vida* é visto como a esfera regulada pela busca do entendimento através de procedimentos mediados linguisticamente e engloba três componentes estruturais: cultura, sociedade e pessoa (Habermas, 1987).

Defende Habermas (ibid.) que, nas sociedades modernas, temos assistido a uma progressiva *colonização do mundo da vida pelo sistema*, ou seja, a modernização social levou a que o mundo da vida, progressivamente racionalizado, perdesse potencial comunicativo e caísse sob a dependência do sistema. Assistimos, então, a um paradoxo, no qual a racionalização do mundo da vida torna possível a emergência e o crescimento de subsistemas, cujos imperativos se voltam definitivamente contra o próprio mundo da vida.

O sistema tende a ser regido com base numa administração burocrática que assume a função de coordenar as mais diversas ações, arrastando-se para a periferia os processos comunicativos mediados linguisticamente, típicos da organização do *mundo da vida*. Desta forma, assistimos a uma reificação das estruturas simbólicas do *mundo da vida*, levada a cabo pelos imperativos sistémicos que se tornam autossuficientes (Habermas, 1984, 1987). A *colonização do mundo da vida* dá-se quando os imperativos sistémicos retiram os elementos prático-morais das esferas públicas e privadas da vida. Assistimos, assim, à monetarização e à burocratização quotidianas em ambas as esferas.

A teoria da ação comunicativa pode ajudar-nos a compreender o processo de burocratização habitual da escola, mas principalmente em tempos de COVID-19. De facto, com a passagem das *aulas* para dentro de casa, o Estado, mesmo que indiretamente, passa a regular, vigiar e penetrar nas relações familiares de uma forma intrusiva e que ameaça o equilíbrio do *mundo da vida*, que passa a ser regulado pelos imperativos do sistema educativo. É nesta tentativa de colonização que se gera o *caos* que ilustramos em cinco atos na secção que se segue.

A força do sistema em cinco atos – ilustrações educativas em tempo de COVID-19

Nesta secção do texto narram-se cinco práticas educativas que obedecem à lógica do *sistema*, ou seja, a uma lógica eminentemente burocrática, gerando o caos e o desencontro entre os diferentes elementos do sistema. Estas são narrativas produzidas com base em experiências reais que ocorreram desde o encerramento das escolas.

1. Diário de uma dona de casa desesperada

12 de março de 2020 | quinta-feira

A situação com a COVID-19 agrava-se em Portugal. Percebo que muito em breve, vou ter que ficar em casa a trabalhar. O governo decretou o fecho das escolas em todo o país a partir da próxima 2ª feira. Não sei como vou gerir isto...

13 de março de 2020 | sexta-feira

Estive ainda a trabalhar normalmente. Fui ao supermercado e trouxe mantimentos para bastante tempo. Fui ainda jantar com os meus pais.

15 de março de 2020 | domingo

A empresa decretou teletrabalho. Saída rápida para ir à Staples comprar tinteiros e folhas. Isto com os miúdos não vai ser nada fácil...

16 de março de 2020 | segunda-feira

Primeiro dia de aulas a distância dos miúdos. Levantei-me, arranjei-me e acordei os três. Pequeno almoço e preparação da mesa da sala para que os três possam estudar lá: um computador antigo que *vai dando para o gasto* e um tablet. É tudo o que se pode arranjar.

Abro o meu email enquanto os três se pegam à bulha na sala. Tenho sete emails do Agrupamento de Escolas. Um do professor do Manel, com uma série de fichas e atividades para imprimir e para ele fazer ao longo da semana (e ainda vamos no que que está no 1º ciclo...). Outro, da Diretora de Turma do João, a reencaminhar fichas das 9 disciplinas do 6º ano, todas para fazer e enviar por email e cinco emails dos professores

do Zé (como está no 9º ano e há mais disciplinas, suponho que ainda vou receber mais emails).

Corro para a impressora e começo uma produção de dossiers em série para cada um dos meus filhos...

Entretanto, vou ao congelador tirar alguma coisa prática para fazer para o almoço e no caminho olho para a pilha de roupa que está no escritório (dispensei a D. Augusta por tempo indeterminado, porque a senhora tem diabetes e não podemos arriscar...).

Embalada pelo som da impressora, penso que devia levar umas frutas e uns legumes aos meus pais para não terem de sair de casa e começo a estruturar mentalmente o plano de contingência que me pediram na empresa até amanhã...

17 de março de 2020 | terça-feira

Dormi quatro horas. Passei o dia de ontem a organizar os materiais e as atividades dos miúdos, a tentar resolver os problemas tecnológicos deles, a enviar evidências do trabalho aos professores, a cozinhar, a limpar e a não conseguir trabalhar nem um terço do que precisava. Consegui trabalhar um pouco a partir das 22h30, depois de deitar os três, e acordei às 5h00, para conseguir adiantar trabalho antes de eles acordarem e começar tudo de novo. Estou exausta...

20 de março de 2020 | sexta-feira

Chega. Não aguento mais. É impossível ter os três a estudar no mesmo espaço ao mesmo tempo, fazer o meu trabalho e verificar as aprendizagens de cada um, procurando explicar-lhes o que não percebem. Desisti, em nome da minha sanidade mental.

O Zé que estude sozinho e que faça o que conseguir, que já é grandinho. Os outros dois, fazem turnos. De manhã está um na *Playstation* e o outro a estudar e depois trocam. Fazem o que puderem, como puderem e quando puderem. Porque eu... não posso mais!

2. Luzes, câmaras, classificação!

Excerto de um email da escola:

Informamos os Exmos. Encarregados de Educação que neste período escolar os testes serão feitos online a partir da plataforma X. Os alunos deverão ter as câmaras ligadas durante a realização dos mesmos.

Exemplo de uma escola que, ao invés de se preocupar com a manutenção das aprendizagens dos alunos, se preocupa com a manutenção das práticas instituídas, mesmo quando completamente desajustadas da situação que vivemos. Vamos lá contribuir para o *show!* Fazemos de conta que está tudo igual e que faz imenso sentido usar testes *online* como forma de classificar os alunos: *Luzes, câmaras, classificação!* E podemos todos dormir tranquilos porque teremos, certamente, evidências fidedignas para sustentarmos as classificações finais dos nossos alunos. Ou não...

3. Comunicar para desinformar

O telemóvel tocou. Era a Diretora de Turma da Sara, preocupada, porque esta não tinha realizado uma das tarefas de trabalho autónomo que lhe tinha sido enviada. Achou estranho, pois apesar de a Sara não ser propriamente uma *aluna modelo*, normalmente cumpria com as tarefas propostas. Falou com a filha, num tom um pouco agressivo, de quem avisa que não vai tolerar *baldas* só porque agora se trabalha a distância. A Sara começou a chorar: “Mãe, se tu soubesses...” e mostrou-lhe a caixa de entrada do email da escola, onde se encontravam dezenas de emails de todos os seus professores. Percebeu, então, que de cada aula *online* que a Sara tinha, e que estão devidamente marcadas no calendário da plataforma, todos os alunos da turma recebem um email a avisar que a aula vai começar. Há professores que, não contentes com isto, enviam muitos outros, avisando os alunos para não se esquecerem de fazer o trabalho autónomo, relembrando que o caderno diário é muito importante e deve estar organizado, relembrando o trabalho de casa... O resultado são dezenas e dezenas de emails estéreis, que não servem para nada a não ser para impedir os alunos de conseguirem detetar os poucos emails que realmente importam, como aquele onde estava a tarefa que a Sara não fez...

4. Um, dois, três: toca a saltar (nem que a avó se passe...)

No início as coisas fizeram sentido. A professora de Educação Física apresentou aos alunos uma série de jogos e de atividades que estes poderiam fazer quando

quisessem com os seus familiares, nas varandas, nos jardins, ou mesmo nos espaços exteriores adjacentes a casa. Depois, teriam que enviar um email à professora a dizer como tinha corrido. Mas isto só durou duas semanas, porque o sistema não se compadece com flexibilizações deste género que podem deixar os *malandros* dos alunos sem fazer Educação Física. E como é o sistema (neste caso, a escola) que sabe o que é melhor para os seus alunos e para as famílias, há que fazer Educação Física *à força*. Vai daí, as aulas desta disciplina passaram a ser *online*, com a professora Paula a esgueirar-se para cima e para baixo, para um lado e para o outro... e um, e dois... e vamos lá... e venham comigo... e eram flexões e abdominais e torsões e outros que tais, num rodopio de movimentos que todos deviam imitar em casa.

O António estuda num quatinho que partilha com a avó durante o dia, desde que começaram as aulas *online*, porque os pais estão na sala em teletrabalho e a irmã mais velha estuda no quarto e precisa de muita concentração, porque já está no secundário. A avó tem a televisão ligada o dia todo e vai-se entretendo com os programas da Cristina e da Júlia, que ouve em alto e bom som para não perder pitada. O António usa os auscultadores para não perturbar a avó quando está nas aulas. Na primeira aula de Educação Física *online*, pôs os calções e lá foi ele: para cima, para baixo, para um lado, para o outro, flexão, abdominal e “Ops! Saltem comigo!” A avó do António ficou doida: “Olha que o moço está maluco! Tu queres ver? Pára quieto ó rapaz! Que te dou já duas que te viro!”. O António desligou a câmara, sentou-se e ficou a ver a professora em rodopios ofegantes... E assim fez em todas as aulas desta disciplina, com medo de levar *duas lamparinas que o virassem*... Passados alguns dias, chega o telefonema: “A professora de Educação Física está muito preocupada. Diz que o António não está a ligar a câmara e que não sabe se ele está mesmo a fazer as aulas... Passa-se alguma coisa?...” Não, senhora professora. Não se passa nada. É só a vida a acontecer. Em tempos de COVID-19.

5. *Qu’isto agora nem há fins de semana*

Liguei à Cristina para saber se estava tudo bem com ela. A Cristina é uma entusiasta. Põe o máximo de si em tudo quanto faz. E neste tempo de ensino a distância forçado, foi a primeira a querer aprender, reaprender, estar presente, fazer diferente, pensar, refletir e ajudar os colegas.

“Está tudo bem, amiga! Esta semana já assisti a três *webinars* espetaculares: um sobre planeamento da ação educativa, outro sobre gestão curricular e outro sobre avaliação. A Odete não está a conseguir lidar com isto, coitada! Por isso eu preparei-lhe tudo no Teams, ontem à noite, para ela só ter que aparecer. E olha, o Diretor voltou a cravar-me para colocar aqueles conteúdos interativos na plataforma que aprendi no curso *online* da semana passada. Eu ainda tentei dizer que estava sobrecarregada e tal, mas ele diz que ninguém faz como eu... Bem, o que vale é qu’isto agora nem há fins de semana e acabei por fazer isso no domingo. No sábado não deu porque tive que ir às compras para mim e para os meus pais e a casa já estava uma vergonha e tive que dar um jeito. As reuniões de organização do plano de ensino à distância é que vão ter que passar para as 19h, porque entre as 18h00 e as 19h00 tenho que ver as tarefas dos miúdos cá em casa e não consigo antes. Mas olha, o que interessa é resolver, não é?”

Não, Cristina. Não é. O que interessa não é (não pode ser) resolver a qualquer custo. Claro que nestes tempos tão atípicos e difíceis, todos tivemos que fazer cedências e trabalhar ainda mais e fora de horas. Mas não pode deixar de haver qualquer tipo de fronteira entre o trabalho, a família e a vida pessoal, sob pena de não aguentarmos mais e deitarmos tudo a perder. É importante que as fronteiras sejam porosas e permitam alguma flexibilidade, mas não podem, simplesmente, desaparecer. Porque com esse desaparecimento desaparecerão dimensões essenciais da vida, das quais precisamos para nos alimentarmos e continuarmos a ser os melhores profissionais que pudermos. Não é tempo de nos perdermos no sistema, mas sim de o humanizar, com sageza, espírito crítico e uma gestão eficaz de prioridades feita coletiva e colaborativamente. É tempo de deitar fora o que não faz sentido na Educação e de nos unirmos em torno de objetivos comuns, exequíveis e pertinentes. Dentro das fronteiras que nos preservam do caos e nos abrem as portas para a redenção.

6. Do mundo da vida e da esperança na redenção

É na resistência à *colonização do mundo da vida pelo sistema* que encontramos práticas de *redenção* que devolvem à Educação a capacidade de regulação através de procedimentos mediados linguisticamente de que nos fala Habermas. E estas práticas são uma vitória do sentido sobre o absurdo das medidas burocráticas que nada mais conseguem do que conferir a ilusão do comando e do controlo à cegueira dos sistemas.

Felizmente, a par do *caos*, existem muitas práticas que se regem por uma comunicação clara e clarificadora, redimindo o sistema de uma ação padronizada e acrítica, tendencialmente nefasta para todos os envolvidos. Como a escola profissional que levou os computadores da escola para casa dos alunos que não tinham meios para trabalhar em casa. E que levou também, porta a porta, as maquetes que estes estavam a desenvolver, para que pudessem continuar a trabalhar nelas. E que passou a pedir aos seus fornecedores que os ingredientes e componentes necessários para o trabalho prático passassem a ser entregues diretamente em casa dos alunos. E como os professores que criaram colaborativamente blogues e e-portefólios onde colocaram inúmeros desafios de entre os quais os seus alunos puderam escolher os que mais os motivaram. E como os professores que se juntaram para analisar os conteúdos que faltava trabalhar naquele ano de escolaridade e substituíram as aulas *online* por um projeto integrador a partir do qual os alunos estão a trabalhar de forma articulada competências e conhecimentos de diferentes disciplinas. E ainda como a professora que aproveitou as *aulas online* para trabalhar com os alunos a criatividade, a autonomia e o sentido crítico, desafiando-os a pensar para além das barreiras da sala de aula e acabou por descobrir talentos incríveis que só faltava regar.

A manutenção da tendencial regulação das escolas através de processos excessivamente burocratizados que não levam em consideração as características particulares da situação que estamos a viver, pode colocar em risco a liberdade pedagógica, a iniciativa do professor e, em última análise, chegar mesmo a desresponsabilizá-lo pelas aprendizagens dos alunos, que são aquilo que, no meio de todo este *caos*, nos deveria verdadeiramente nortear. Mas para que tal possa acontecer, é imperativo que se desburocratize o processo pedagógico e que haja uma tomada de decisão que considere o bem-estar e as necessidades de todos os agentes atualmente envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Que o progressivo desconfinamento que iniciamos por estes dias possa corresponder, também, ao desconfinamento das ações irracionais, há tanto tempo presas na teia burocrática de um sistema que se mostra, quantas vezes, impiedoso para com o mundo da vida.

Referências bibliográficas:

Habermas, J. (1984). *The theory of communicative action* (Vol. 1). *Reason and the rationalization of society*. Boston: Beacon Press.

Habermas, J. (1987). *The theory of communicative action* (Vol. 2). *Lifeworld and system: a critique of functionalist reason*. Boston: Beacon Press.

13. O espaço e o tempo educativos e os desafios em tempo de COVID 19

Irene Cortesão Costa | irenecortesao@esepf.pt

Professora adjunta, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti

De acordo com a tradição sociológica (Durkheim, 1977), cada pessoa assume papéis diferentes de acordo com os contextos sociais em que se move, adotando também atitudes, formas de falar, de estar e até mesmo de agir, de acordo com o que os papéis que desempenha nesses contextos e com o que esses contextos esperam de si (Berger & Berger, 1977). No cenário da atual pandemia causada pela COVID 19 e consequente isolamento social, as fronteiras entre os papéis sociais, os papéis de aluno, professor, das famílias e dos profissionais ficam esbatidas, mostrando-se mesmo como dispostas a invadir o espaço umas das outras. O conceito de espaço social que, como Bourdieu (2013) afirma, se inscreve simultaneamente na objetividade das estruturas espaciais e nas estruturas subjetivas que são também o produto da incorporação dessas estruturas objetivadas, fica também com as suas fronteiras esbatidas. Quando um professor dá uma aula *online* a um aluno que está em sua casa, com os seus pais, no seu espaço familiar, o professor interage com o seu aluno esperando que se comporte como tal. No entanto, na mesa casa e muito provavelmente na mesma sala, está a família, que, nestas circunstâncias pode observar esta criança/jovem a comportar-se não como filho/a mas como aluno. O que os filhos sabem que os pais esperam deles enquanto assumindo o papel de filho/a, não é o papel que os professores esperam que eles/as desempenhem. E isto, claramente, faz com que os dois papéis se misturem, se esbatam fronteiras entre duas situações antes claramente distintas. Por outro lado, os professores, de certo modo, entram na intimidade dos seus alunos, deixando também que as suas aulas invadam o seu próprio espaço familiar. O professor também não é “só” professor no seu espaço familiar. Está igualmente a desempenhar um papel que, para a sua família, pode ser estranho, mesmo inesperado e também, por vezes, não compreendido.

Tudo isto mudou de forma muito rápida, de um dia para o outro. Professores e alunos, tiveram de se adaptar a esta nova realidade. Uma nova realidade em que o nosso espaço casa já não é só o “nosso” espaço de intimidade, de lazer, de descanso, da família e dos amigos. De um dia para o outro houve necessidade de partilhar este espaço íntimo,

espaço da interioridade (Bourdieu, 2013) com o espaço público da exterioridade (Giddens, 2003, Bourdieu, 2013) que é o de trabalho.

Como afirmam Serra & Salgado,

A relação que o indivíduo estabelece com o espaço e a forma como este é apropriado, bem como as actividades desenvolvidas em cada compartimento da casa, são factores e indicadores portadores de significados, de informação e compreensão dos modos de habitar, quer actuais, quer ideais (2009, p.14).

Neste novo contexto (quase) todas as divisões da casa se tornaram possíveis salas de aula, possíveis salas para reuniões de trabalho, espaços para produção de trabalhos de grupo à distância. São espaços de trabalho, antes espaços públicos, onde as câmaras dos computadores nos deixam entrever os espaços e tempos que antes eram privados. Ficamos a antever aspetos diferentes sobre colegas, sobre os nossos alunos e eles sobre nós, sobre a nossa casa e mesmo sobre quem a partilha connosco.

Esta questão surgiu-me como muito evidente, na quarta semana de ensino à distância, quando estava a desenvolver uma atividade, que anteriormente seria realizada numa sala de aula com uma turma de 3º ano de uma licenciatura em Educação Básica. Era uma aula de apresentação de trabalhos de grupo, em que as diferentes equipas deveriam fazer a apresentação de um pré-projeto de intervenção. Os alunos utilizaram o PowerPoint, partilhando o ecrã e seguindo-se depois um momento de discussão em grande grupo sobre o que tinha sido apresentado. Nessa altura os elementos de cada grupo tinham, evidentemente, de ter as suas câmaras ligadas uma vez que estavam a discutir os seus trabalhos com colegas e professora. Numa dessas apresentações, uma das estudantes, que normalmente não tem a sua câmara ligada durante as aulas, apareceu na discussão. Estava na cozinha da sua casa e, enquanto fazia a apresentação do seu trabalho, por detrás dela a sua mãe cozinhava tranquilamente, pegando ingredientes no frigorífico, continuando a conversar com alguém que não apareceu no ecrã. O espaço da aula desta estudante estava claramente a penetrar (e invadir?) o espaço íntimo que é a cozinha de uma casa, com os preparativos de uma refeição. E isto acontecia numa situação em que ela, como aluna, estava a apresentar um trabalho, em que estava a falar, por vezes ao mesmo tempo que os seus familiares.

Se a fronteira do que é o espaço/tempo que se pode/deve reservar para as crianças/jovens enquanto alunos é de complexa definição quando se está num contexto

como o que atualmente vivemos, o respeito pelo ofício do aluno (Perrenoud, 1995) e a compreensão do que é que ele significa e implica, é muito mais difícil de perceber para famílias cujo capital cultural (Bourdieu, 2010) não os aproxima das normas e valores culturais e linguísticos da instituição Escola. Isto significa também que os desafios que surgem, de facto não aparecem com a mesma dimensão para todos. Não é “só” a dificuldade de acesso aos meios tecnológicos, ao computador e à internet. Mesmo com isso assegurado, claramente o espaço/tempo de cada criança/jovem para ser estudante, a valorização deste papel e o reconhecimento da importância de respeitar estas fronteiras entre espaço/ tempo público e privado são problemas que se colocam de forma diferente para crianças e jovens. E estas são questões que nós, todos os educadores e professores, não podemos nunca ignorar.

Referências bibliográficas

- Berger, P., & Berger, B. (1977). *Socialização: como ser um membro da sociedade*.
- Bourdieu, P. (2010). *A distinção. Uma crítica social da faculdade do juízo*. Lisboa: Edições, 70.
- Bourdieu, P. (2013). Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos avançados*, 27(79), 133-144.
- Durkheim, É. (1977). *A divisão do trabalho social*, vol. I. Lisboa, Presença.
- Giddens, A. (2003). *A Constituição da Sociedade*. ed. Martin Fontes. Rio de Janeiro.
- Perrenoud, P. (1995). Sentido do trabalho e trabalho do sentido na escola. *Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Organizado por Maria Teresa Estrela e Albano Estrela. Porto/Portugal: Porto Editora, 188-198.
- Serra, A., & Salvado, M. (2009). Espaço Doméstico: Contributos para uma leitura integrada de Habitat. In *Actas dos Ateliers do V Congresso Português de Sociologia*.

14. Não basta abrir a janela

Isabel Lage | i.c.lage@gmail.com

Professora do Ensino Secundário

Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.
Fernando Pessoa

Tomamos o pequeno almoço na cozinha, cumprindo o ritual destes dias de confinamento. O Simão, ainda de pijama, mas já agarrado ao seu smartphone, vocifera que os colegas afirmam que a “stora” de Português pediu para mandar o TPC.

– E tu porque não mandaste? – inquiri, intuindo a resposta.

– Não sabia que era para mandar – apressou-se a explicar. – NÃO SA-BI-A MÃE! – reforçou estridentemente ao mesmo tempo que, arrastando o banco para trás, se levantava e, sempre a teclar, saía da cozinha. E assim, fiquei com a certeza de que ele não tinha feito o trabalho e que alguém já lhe enviava uma cópia.

Ao meu lado, a Laura acabava a sua torrada, em silêncio e sem fazer migalhas. Reparo que combinou a cor dos brincos com a camisa que trazia vestida e que tinha escovado meticulosamente o seu cabelo liso até que nenhum fio ficasse fora do sítio.

Estas semanas de quarentena parecem realçar as diferenças entre os meus filhos. A proximidade a que estamos obrigados amplificou (se é que isso é possível) o meu sentimento de proteção, apeticendo-me cercá-los com um escudo blindado que nenhum vírus ousará ultrapassar. Tento não demonstrar a minha apreensão, ostentando uma normalidade que pretende ajudar a marcar o ritmo das rotinas de um dia a dia que me nego a encarar como um tempo de espera ou de mera sobrevivência. Porque o(s) mundo(s) não para(m), ele(s) prossegue(m) por outros caminhos que desenham trajetórias menos previsíveis e que, por isso, nos causam mais estranheza. A vida do Simão, da Laura, assim como de todos os meus alunos continua como um carreiro de água que, quando encontra um obstáculo, insiste em fluir contornando-o conforme o relevo.

A Laura interrompe o meu pensamento e, sempre económica de palavras, informa que vai para as aulas. Desta vez, não veste o casaco nem pega na mochila preparada de

véspera. Hoje, como tem acontecido nos últimos dias, vai para o seu quarto e liga o computador.

Acabo de arrumar a cozinha, enquanto reparo num melro a espreitar na janela (não existiam melros nesta zona da cidade), e também eu vou preparar-me para começar a trabalhar.

Pelo corredor não deixo de ficar espantada com a vida que vem do quarto do rapaz, que continua a rir e a falar com outros colegas que, tal como ele, alteram constantemente a frequência da voz denunciando a sua idade. O Simão já vestiu uma T-shirt, mas não tirou as calças do pijama, está completamente despenteado e inclinado na cadeira em frente do computador onde a professora já tinha iniciado a aula. Mas não era a ela que ouvia.

Separado pela linha do corredor, outra porta entreaberta, o silêncio. A Laura fixava o ecrã, com a expressão de preocupação que a caracteriza. A cada frase recebida pelos auscultadores alterava o desenho dos seus olhos e endurecia a linha dos seus lábios, revelando uma forma estranha de sofrimento própria dos perfeccionistas.

Senti uma tontura, o meu coração a bater mais forte e uma vontade de entrar no mundo dele, para lhe apertar as regras, e no dela, para lhe aliviar a tensão. Mas, vencida pela memória de atuações mil vezes repetidas, decido continuar para a minha sala de aula duas portas mais à frente.

Sentada à mesa, ligo o *ProBook*, introduzo a *password*, procuro os ficheiros no *OneNote*, preparo o *PowerPoint* e entro no *Teams*. O ecrã começa avidamente a abrir pequenas janelas de onde saltam, uma a uma, algumas faces, ainda embaciadas, que arrastam uns “bons dias” entorpecidos - ecoam em mim as palavras do poeta: “Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio”.

Embora o computador já tenha sinalizado a presença de todos, insisto em fazer a chamada, aproveitando esta oportunidade para trocar uma palavra com estes rostos que, assim, vão tomando forma, redesenhando as feições, agora um pouco mais nítidas e emolduradas por janelas que se vão tornando maiores. É um encontro fugaz, rápido e aparentemente simples, protegido por uma tela, mas que sinto difícil para certos alunos que aqui verbalizam as poucas palavras que enunciarão ao longo do dia. Para alguns, estes momentos (de quase intimidade) denunciam uma solidão oculta em palavras

ensaiadas, que creem projetar a sua imagem idealizada, mas que mais não são do que expressões da sua vulnerabilidade.

Forço-me a ser breve, pois reduzido é também o tempo de que disponho. Revejo a lista de tarefas e salto para um sintético feedback dos trabalhos em grupo que me enviaram na véspera e sobre os quais vou pedindo comentários.

A Inês, aparentando um grande à vontade, vai defendendo o seu trabalho. Com treinada segurança e demasiados *okays* ela explica cada uma das opções que tomou (diz tomou e não tomamos), aproximando-se demasiado da câmara, revela uma maquilhagem subtil e um cabelo ainda não totalmente seco a limitar um rosto que alterna de expressão com demasiada frequência.

Quero falar com o Mário que faz parte do mesmo grupo. Contrariamente à colega, a sua imagem surge muito afastada, escondido atrás dos óculos que ensombrecem o seu rosto. Quando liga o microfone ouvem-se outras vozes. O Mário, monossilábico, explica que o irmão está a ter aulas mesmo ali ao lado, pois só há bom sinal de internet na sala. Desvalorizando a situação, solicito que esclareça um aspeto do trabalho. Acena ligeiramente com a cabeça, não percebo a sua expressão pelo que coloco a imagem em ecrã inteiro descortinando um rosto tenso que olha ligeiramente para o lado, para a continuidade do braço – onde presumo que tenha como extensão um telemóvel por onde comunica com os colegas. Atrás de si duas paredes unem-se, está num canto da sala. Tenho a sensação que à medida que o tempo passa e o silêncio se apodera do momento, a imagem se deforma e as paredes se afastam da pessoa que se torna cada vez mais pequena. Quando o Mário finalmente responde, a imagem volta instantaneamente ao normal – terei sonhado? Tento ser positiva e pôr de lado a quase certeza de que a resposta saltou do telemóvel. Incito-o a continuar a explicação, que lá vai correndo entre frases curtas e momentos de silêncio em que retorna aos seus pensamentos – e mais uma vez me parece ouvir: “Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores”.

Continuo para outro trabalho e outro grupo, tentando criar vínculos, procurando o sentido desta realidade fragmentada, na busca obstinada de uma unidade perdida. Em cada participação encontro um mundo novo, mais ou menos distante, mais ou menos oculto, mas sempre repleto de significados. Apetece-me ficar assim, retida nos olhares, perdida em conversas sobre assuntos que já têm vida própria. Porém, a

miragem de um exame, de contornos pouco claros e assimétricos, faz-me enveredar por uma apresentação em *PowerPoint* que conclui ontem, já tarde, esperando não encontrar lapsos provocados pelo cansaço. Penso novamente, se não devia utilizar as apresentações pronto-a-vestir que as editoras nos mandam, pois constato que a erosão de criar novos materiais todos os dias começa a provocar algum desgaste. Conforme falo sinto-me amputada, uma vez que o gesto não acompanha a palavra, nem a emoção acompanha o gesto. Vou dirigindo perguntas enquanto tento adivinhar as expressões de cada um, agora ocultas pelo *slide* que a partilha de ecrã não me deixa vislumbrar. Nem todos respondem logo. Será que estão com problemas na internet? Ou não estão a ouvir (como o Simão)? Será que temem responder (como a Laura)? Na minha cabeça já misturo as preocupações.

Forço-me a desviar o olhar da moldura sobre a mesa que enquadra uma fotografia de duas crianças sentadas na praia, e volto a focar o ecrã enquanto dou por terminada a sessão de hoje. Recomendo uma pesquisa para a próxima aula, apontando dois *sites* mais adequados na tentativa de encurtar o tempo dedicado aos trabalhos de casa, como vejo acontecer com os meus filhos que parecem cravados ao *PC* muito para além das aulas.

Desvio mais uma vez o olhar da moldura com a foto, que agora confundo com uma janela aberta no computador.

Volto a ver as imagens dos alunos enquanto se despedem e as suas janelas virtuais se vão fechando em mim. Alguns são mais demorados, ficando para o fim e revelando um pouco para além de si. Vejo um poster na parede, uma estante em desalinho, uma porta de vidro com um reflexo de um vulto, alguém sentado... quantas pessoas estiveram hoje na minha sala de aula?

Desligo também eu a sessão, apercebendo-me que mantenho os lábios demasiado apertados. Dou por mim a pensar o que fica desta realidade demasiado superficial, demasiado rápida e demasiado distante.

Do corredor chegam risos de um lado e, do outro, o silêncio.

Tento separar os membros desta equação que afinal é única e decido, definitivamente, mudar de sítio a moldura com a imagem de duas crianças sentadas na praia.

15. COVID e educação: da emergência às oportunidades

Joaquim Azevedo | jazevedo@porto.ucp.pt

Professor catedrático da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Consultor do SAME

Estamos a viver um tempo inusitado, inesperado e imprevisível, que deixou também as escolas e o sistema escolar em apuros, sob um elevado stresse organizacional e profissional. A mudança é disruptiva, em vez de incremental, é reativa em vez de antecipatória, é imposta, em vez de desejada. Isto marca desde logo um tempo muito peculiar e sem precedentes. Um tempo que requer uma atenção redobrada. Neste contexto de emergência escolar, escolas, educadores, alunos e famílias tiveram de se adaptar muito rapidamente, o que em geral terá sido alcançado com sucesso (e muito trabalho e muitos danos).

As escolas e Agrupamentos que estavam comprometidos com processos de inovação e melhoria (PIM), por mais ousados que fossem os seus planos de ação, seguiam estratégias gradualistas e planificadas, dentro do modelo das inovações incrementais. De repente, vindo de fora e de modo inesperado, surge um fenómeno que provoca uma mudança disruptiva, inapelável, que apanha todos desprevenidos, mesmo os que eram mais ousados a percorrer o trilho da inovação e melhoria.

Como as escolas não estavam todas a fazer o mesmo nem se encontravam no mesmo ponto em termos de desenvolvimento de PIM, também agora se encontram em patamares bem diferentes de visionamento e de aproveitamento das oportunidades que eventualmente se abram com esta disrupção.

Há quem esteja a sair à rua e a proclamar que este é o tempo em que o paradigma escolar vai mudar! Não o creio. A “gramática escolar” não muda apenas porque o ensino a distância e por meios tecnológicos substitui temporariamente o ensino presencial. Nada de estrutural mudou, nestes três meses, no modelo moderno de educação escolar que herdámos do Século XVIII e XIX. Por isso, tal proclamação é insensata e ilusória e pode contribuir, mais uma vez, para nos retirar os pés do chão e afastar a cabeça do exercício de responsabilidades concretas. A começar por uma reflexão aturada sobre o que se está a passar, coisa para a qual ninguém parece ter tempo, tal é a torrente de

novas necessidades a que é preciso acorrer e de novas desigualdades que é preciso combater.

Claro que há portas que se entreabrem aqui e ali, que nos alimentam esperanças de melhor educação, de melhor ensino e aprendizagem e de mais desenvolvimento humano, e que por isso valerá muito a pena meter o pé e não as deixar fechar. Mas essas aberturas, se existem, é ao nível de cada escola e Agrupamento Escolar(AE) que estão a ocorrer, não ao nível político macro, pois a este nível nada de substancial mudou . E as oportunidades que se poderão abrir em cada escola e AE dependem das possibilidades e capacidades que aí existam para as identificar, analisar e aproveitar do melhor modo. Se as escolas em Portugal trabalhassem mais em rede, em dinâmicas de entreajuda, seria mais fácil ganharem o necessário balanço para aproveitarem as brechas e oportunidades que se estão a abrir. Sobretudo de modo sustentado, que é o único modo que pode conduzir as mudanças às melhorias. Mas apenas muito raramente se trabalha efetivamente em rede.

Mas devemos perguntar: que oportunidades é que se estão a abrir? Há algo de realmente novo que se esteja a passar, para além do facto de termos generalizado, de emergência, o ensino a distância? Não creio que haja algo de realmente novo (até as plataformas eletrónicas já eram usadas em muitas escolas), mas é verdade que estamos a assistir a algumas instabilidades e desequilíbrios no sistema escolar tradicional que podem gerar boas oportunidades a aproveitar para prosseguir ou iniciar processos de mudança e melhoria.

O desequilíbrio constitui um elemento central nos processos de mudança dentro de sistemas muito estáveis. E os desequilíbrios (e até as quedas) em que, de repente e sem planeamento prévio, estamos a ser forçados a trabalhar, ou seja, ensinar e aprender, a ser escola, podem revelar-se interessantes caminhos de mudança e melhoria, desde que seja possível reunir três condições elementares:

(i) que deles tenhamos consciência, identificando-os com rigor,

(ii) os saibamos pensar e incorporar nas práticas correntes das nossas escolas, o que tem de levar a refazer os percursos já previstos, as prioridades já identificadas e a própria organização escolar,

(iii) e saibamos reunir os recursos, os parceiros e os compromissos necessários para que não se volte atrás na primeira oportunidade de estabilização e reequilíbrio.

As rotinas instaladas nos sistemas sociais estáveis têm uma força terrível, que nem imaginamos quais sejam e os interstícios que preenchem, de tal modo elas condicionam o nosso próprio pensamento (a começar pelo modo como pensamos a escola e a própria inovação e melhoria). Assim, o aproveitamento do desequilíbrio em que sabemos que estamos a ser compelidos a trabalhar, ou seja, das sementes de mudança e melhoria do modelo escolar, não será imediato, nem automático e muito menos simples. Há todo um processo de reflexão-ação que é preciso organizar (urgentemente) em cada escola e AE e que passa pelo menos pelos três passos enunciados. Quem o fizer, poderá evoluir mais e melhor aproveitar as oportunidades.

Para começar o processo, anoto alguns dos desequilíbrios significativos, porque mais comuns e visíveis, e que são potencialmente geradores de PIM.

Aumentou a possibilidade de explorar e conciliar tempos e espaços de ensino e aprendizagem, até os horários afinal se podem reconfigurar sem os dramas anunciados; aumentou a percepção da relevância do trabalho autónomo dos alunos, bem como das possibilidades concretas de o promover; existe um foco momentâneo mais intenso em torno dos processos de aprendizagem e menos sobre a testagem das aprendizagens; construíram-se muitos novos materiais escolares de fomento de aprendizagens mais ativas por parte dos alunos e que se deveriam recolher, analisar e organizar; os educadores organizam melhor o tempo de aula (presencial, que é mais curto, em geral), com mais cuidado, com sequências melhor articuladas; a avaliação, não tão condicionada pela classificação, alarga-se em critérios e ferramentas e o feedback permanente cresce exponencialmente; paradoxalmente, a proximidade, a relação educativa e a personalização dos percursos de aprendizagem e de desenvolvimento podem ampliar-se num tempo de distanciamento social e abrir novos horizontes a alunos e a educadores (“descobri aquele meu aluno, está a revelar-se como eu nunca pensei vê-lo”); a participação das famílias rasga cenários construídos e abre cenas muito novas, positivas e negativas (como a educadora que diz: “os pais não me deixam prosseguir o trabalho de desenvolvimento da autonomia da criança”); as oportunidades de digitalização da educação também aumentaram e abrem-se horizontes de trabalho que se poderiam capitalizar, recorrendo à tecnologia, dentro e fora da sala de aula, usando manuais e outros recursos digitais; ampliou-se imenso o trabalho colaborativo

entre os educadores, pelo menos em alguns ciclos e algumas turmas, o que deve ser capitalizado.

A percepção de que é possível mudar e melhorar a educação, sem que isso represente necessariamente um cataclismo, constitui também uma aprendizagem muito relevante. A constatação de que a equidade corre sérios riscos e que as desigualdades estão a aumentar imenso obriga a ponderar com muito cuidado o aproveitamento das oportunidades que agora se entreabrem.

A escola é um ecossistema humano, sustentado em relações, onde se aprende a saber, a fazer, a estar juntos e a ser, não é apenas nem sobretudo um edifício cheio de salas, onde se aprende por turmas e onde cada professor ensina a todos como se fossem um só. De facto, aprende-se, como agora se pode mais do que nunca verificar, em variados contextos, em diferentes tempos e de variados modos e meios. Há uma nova ecologia da aprendizagem (e do ensino) que deveria ser pensada aprofundadamente, a começar pelos educadores e pelos alunos, e posteriormente projetada, abrindo novos e ampliando os já existentes PIM, em cada escola. Ninguém pode ser deixado para trás e só esta abordagem ecológica tem o potencial de integrar todos e promover cada um.

Todavia, nada do que se está a passar é fácil de pensar, integrar e projetar. Por isso, é preciso organizar as tarefas principais, constituir grupos de reflexão-ação e avaliação, reorientar os órgãos já existentes, partilhar e consensualizar processos e tempos, refazer os planos de contingência como trampolins para novos PIM, antecâmaras de mais e melhor educação. Educar é uma missão sempre inacabada e sempre (im)possível.

Urge meter bem o pé na porta entreaberta das oportunidades em gestação.

16. Fechou se uma porta, abriram as janelas de p@r em p@r

Jorge Machado | director@ecarlosteixeira.net | Diretor no AE Prof. Carlos Teixeira, Fafe

Jorge do Nascimento Silva | jorgenascimentosilva@gmail.com | Consultor da UCP – SAME

Paula Mota | paula.educespecial@ecarlosteixeira.net | Representante dos docentes de Educação Especial – AE Prof. Carlos Teixeira, Fafe

Rogério Gonçalves | rogerio.goncalves@ecarlosteixeira.net | Subdiretor no AE Prof. Carlos Teixeira, Fafe

Sandra Lúcia Rodrigues | sandra.lidia@ecarlosteixeira.net | Diretora de turma AFC no AE Prof. Carlos Teixeira, Fafe

Sofia Mendes | Psicóloga e coordenadora da EMAEI

Fomos surpreendidos, enquanto sociedade, por uma interrupção do nosso quotidiano que tínhamos como tão certo. Fomos colocados à prova, todos, sem exceção, independentemente do estatuto, nível socioeconómico, etnia, opção religiosa ou política, ou profissional. Como muitos têm dito, a Europa e o Mundo não assistiam a tamanha emergência de saúde pública desde a II Guerra Mundial. A 16 de março, não voltámos a entrar na nossa escola nem vimos mais os alunos nem os colegas de trabalho com quem partilhávamos, de forma colaborativa, as melhores formas de ensinar e aprender. O planeta parou! A relatividade científica e tecnológica lembrou ao homem que pouca coisa está sob o seu domínio. O COVID-19 isolou-nos nas nossas casas! Se fosse lá para o Oriente!? Mas era aqui mesmo, na cidade e no campo. Mas os profissionais da educação, as famílias, as autarquias, a sociedade em geral e os alunos revelaram uma enorme resiliência, uma grande capacidade de adaptação à adversidade. Esta pandemia colocou-nos e coloca-nos desafios diários, mudanças repentinas que geraram stresse e ansiedade, mas não o pânico generalizado. Forçou-nos a abandonar a nossa zona de conforto e tem gerado dúvidas, receios, medos, mas também tem contribuído para o nosso desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional.

Em curto espaço de tempo, tudo se transformou. Houve uma rápida mobilização de recursos e de ideias, que nos fizeram adaptar a este “novo normal” modelo de escola. O Agrupamento de Escolas Professor Carlos Teixeira depressa se procurou organizar e relacionar-se com os alunos e as famílias no sentido de manter a aproximação possível e necessária e assim poder disponibilizar-se a prestar o melhor serviço à comunidade

educativa que serve. Foi e tem sido feito um enorme esforço para ter as famílias com o Agrupamento a quem confiam os seus filhos.

Os alunos têm sido verdadeiros heróis, os pais passaram a conciliar as tarefas da família, do emprego e do apoio aos filhos e netos. Os professores, uma classe em franco envelhecimento, foram capazes também de trabalhar com Plataformas Informáticas diversificadas, de se adaptarem à forma de ensinar à distância, de motivar os alunos (alguns descrentes neste processo) e as famílias a esta nova era da nossa vida comum. A união, a solidariedade, a partilha, a força interior de cada um, a qualidade dos profissionais de ensino, apesar da distância, do isolamento uniu-nos como nunca. O empenho de todos tem sido exemplar. Não houve lugar a formação formal. Autoformámo-nos uns aos outros e depressa. Amanhã já seria tarde demais. Procurámos ultrapassar desigualdades entre os alunos colocando a tónica em não dar mais a quem tem mais, aos que chegam primeiro que muitos. Afinal o papel da escola pública tem obrigação de esbater este fenómeno. Estamos conscientes de que os recursos digitais são importantes se fizerem sentido para todos os implicados no processo, isto é, se forem instrumentos onde a partilha enriquece as aprendizagens, de todos.

O mais importante é a forma como chegamos aos alunos, como os fazemos aprender. Não basta ter computador e internet, é preciso priorizar a função do professor e das famílias. Como há muito se defende, os recursos tecnológicos não são um fim em si mesmo, mas sim instrumentos ao serviço das aprendizagens. Que aprendizagens? Uma questão que nos preocupa de forma resiliente. Seguindo aqui o pensamento da professora Ilídia Cabral quando afirma que "professores vão ter de fazer "reset" daquilo que achavam que era ensinar". Há que colocar o dedo no "reset" apropriado. Fechemos a porta para abrir as janelas de par em par.

E abrimos mais uma janela.

Escolhemos a plataforma (ZOOM), sem nos dispersar-nos, e usamo-la com critério, num contexto formativo sustentado em práticas de partilha organizada por equipas "especializadas", isto é, com mais conhecimento e experiência em determinados domínios, porque, nunca, como agora, fez tanto sentido o trabalho colaborativo. Às vezes há males que vêm por bem. O tempo é de agir, de procurar as melhores soluções sem derrapagens, mas com um ritmo acelerado. Acreditamos na linha orientadora do nosso Agrupamento, liderado pelo diretor Jorge Machado. Não dá tréguas, mas sentimo-nos bem e vemos

ficamos confortados com os resultados que vão melhorando em cada dia. E agora? Até estávamos a estrear uma escola nova... quase equipada com tudo que é atual.

De repente, quando tínhamos a escola sede do nosso Agrupamento, recentemente inaugurada pomposamente pelo Sr. Primeiro-Ministro, e tudo funcionava com normalidade, estes acontecimentos surgiram em catadupa e forçaram-nos a uma reflexão imediata e profunda sobre a nossa condição e a adoção de um novo rumo que tivesse em conta a dimensão dos afetos necessários para minimizar o distanciamento presencial. Afinal o lema do nosso projeto educativo está profundamente marcado pela condição humana e pelos afetos - Aprender a Ser Pessoa na Escola de que eu Gosto.

Consideramos os afetos muito importantes para atenuar esse distanciamento nas saudações, nas despedidas e no reforço positivo das tarefas partilhadas quer nas telas de videoconferência, quer nas salas de aula virtuais, componentes consideradas relevantes para motivarmos os alunos para um processo de ensino aprendizagem em contexto *sui generis*. A nossa ambição era continuar a manter os alunos ligados à escola e garantir aprendizagens enquadradas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, tendo presente a perspetiva traçada no Projeto Educativo de construirmos uma escola inclusiva e humanista e que passasse a estar em linha com a diversidade de condições e situações (novas) de isolamento em que os alunos se poderiam encontrar. Pretendíamos possibilitar as interações sociais e ainda promover a recriação de novas estratégias de motivação e metodologias para a realização das tarefas propostas. Muitos de nós consideram esta *recriação* talvez o ponto mais forte de todo o processo, sobre a qual os alunos tendem a demonstrar saudades dos tempos na escola, na certeza de que o trabalho persistente dos seus professores fará emergir uma renovação da conceção de escola, entendido como um renascimento das próprias cinzas, como regeneração de toda a nossa esperança.

Subjacente a todo este processo há um trabalho suplementar do diretor e da sua equipa mais próxima bem como das estruturas intermédias, em particular dos diretores de turma, sobre quem recaiu uma forte inquietação, garantir a força da união para esbater a barreira da distância e que não permitisse que nenhum aluno se alheasse do seu compromisso com a escola.

Durante as duas primeiras semanas de suspensão das atividades letivas o Agrupamento procurou encontrar os recursos indispensáveis à continuidade do processo de ensino aprendizagem, mesmo em condições complexas. Procurámos estabelecer um

contacto permanente com pais/encarregados de educação e alunos para a concertação de meios de comunicação eficazes, na tentativa de se prosseguir com o desenvolvimento de aprendizagens. Para nós este aspeto foi a pedra basilar do percurso feito até agora.

Neste sentido, na primeira semana de confinamento, os telefonemas, e-mails e drive serviram de suporte indispensáveis, quer no envio de atividades a realizar a pedido dos professores, quer nos feedbacks a dar.

Manter ligados os alunos à escola passou, antes de mais, pela atribuição de um e-mail institucional a cada aluno. Este e-mail permitiria dar o passo seguinte, utilizar a aplicação Google Classroom como recurso estratégico para enriquecer o ensino a distância, nomeadamente nas aulas assíncronas.

A par desta perspetiva de trabalho, a escola reorganizava-se com o seu Plano de *E@D*, já usava uma plataforma de videoconferências para as inúmeras reuniões, incluindo as de avaliação, e implementava equipas de apoio, quer de formação informal *para o uso da Classroom*, quer de Cibersegurança, cabendo a esta dar apoio à comunidade educativa na utilização das plataformas digitais e divulgação de recomendações com os cuidados a ter nas redes digitais. Na Implementação do Plano de Ensino a Distância, que arrancou muito cedo, foi uma preocupação primeira os alunos que não dispõem de recursos telemáticos. Recorreu-se, por isso, ao apoio do Município e das juntas de freguesia que, numa primeira fase, fizeram chegar a esses alunos, em suporte de papel, toda a informação necessária para desenvolverem as suas atividades. Mas era importante garantir a estes alunos a igualdade de oportunidades. Tínhamos equipamentos que poderíamos disponibilizar. Sem alunos na escola, havia computadores a mais. Pensámos e concretizámos. Fizemos chegar aos alunos os equipamentos de que tanto necessitavam. Foram cerca de cinquenta. E que falta nos faziam?

Os horários tiveram de ser reformulados de forma a garantir uma componente de contacto direto entre docentes e os seus alunos e uma outra componente para trabalho autónomo e individual, por parte dos alunos. Planificaram-se os domínios, as aprendizagens oficiais articuladas com as ações do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*; estratégias e metodologias; recursos pedagógicos e atividades a realizar. Professores individualmente, conselhos de turma, conselhos de docentes, departamentos curriculares, a todos coube a árdua tarefa de, no pouco tempo que havia pela frente, encontrar as

soluções mais ajustadas à situação. E pensamos que o conseguiram. Caberá agora a cada um dar o seu melhor, sem esquecer que tem uma mão amiga nos colegas de trabalho.

Ao longo do período de interrupção letiva da Páscoa, foi mantido o contacto com os alunos e encarregados de educação para preparação prévia da plataforma *e-learning* a implementar. Temos de enaltecer a dedicação excepcional dos educadores e professores, dos assistentes técnicos e dos assistentes operacionais a esta causa nobre da educação. Muitas vezes trabalharam continuamente, pondo em segundo plano as preocupações familiares, considerando a sua profissão como uma missão a desempenhar. É, ainda, imprescindível considerar particularidades diversas dos alunos, como a gestão do tempo, a motivação e a autonomia, os locais de estudo apropriados que ajudem à concentração, entre outros, tão relevantes para as aprendizagens online e para aquisição de competências digitais. *Uma aula online não pode ser comparada a uma aula presencial.*

Entretanto, em todo este processo, com o apoio do Município, o Agrupamento passou também a distribuir, nas suas escolas, refeições para os filhos em idade escolar de famílias mais carenciadas. Houve que adaptar o plano de contingência a este serviço, de forma a manterem-se os devidos cuidados de higienização e distanciamento social, essenciais à saúde pública.

As circunstâncias envoltas nesta situação de pandemia imprevista geraram muita ansiedade, desgaste psicológico e apreensão por parte dos professores e de todos aqueles que trabalham nas escolas.

Mesmo assim, temos a esperança de que os alunos vão obter aprendizagens eventualmente mais significativas. Também pensamos que a escola deve aproveitar esta experiência para olhar o seu futuro de forma diferente.

E para que se consiga um acompanhamento mais próximo dos alunos e respetivas famílias, o gabinete de psicologia e a equipa EMAEI reforçam os contactos e afirmam “Estamos aqui para ti, para a tua família – à distância, mas sempre presentes!”

Os alunos vão ganhar um *upgrade* digital neste período de confinamento que vai levar os responsáveis pela educação a refletir o mundo da escola pública. Como estará já a ser feito com o plano digital para a educação. Aguardemos.

Estamos a preparar o primeiro balanço sustentado em evidências recolhidas monitorizando os primeiros dias de ensino à distância. A equipa de acompanhamento e monitorização do Plano está a refletir sobre os procedimentos a seguir. Os resultados serão

então partilhados para uma reflexão mais aberta. As diferentes opiniões só poderão trazer confiança aos passos que temos para dar.

Apesar do distanciamento social decretado, quer-nos parecer que nunca estivemos tão perto quando analisamos a relação de contactos de proximidade estabelecida entre os membros da comunidade educativa do Agrupamento de Escolas Professor Carlos Teixeira. A confiar no trabalho e na dedicação de todos os intervenientes no processo educativo desta comunidade, partimos com pouco, mas acreditamos que vamos conseguir um futuro melhor.

17. Entre o caos e a esperança ⁵

José Matias Alves | jalves@porto.ucp.pt

Faculdade de Educação e Psicologia | Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa

No princípio foi um esboço de carta dirigida aos educadores e professores. Dizia assim:

Sei o tempo caótico que vivem. Sei a vontade de quererem fazer o melhor possível. Sei que estão a procurar reduzir o peso da escolarização forçada. Sei que muitas vezes não sabem que fazer. Sei que a casa se transformou numa prisão para quase todos. E que se pode transformar num inferno.

Tenho apenas uma preocupação maior: não afoguem as crianças com classificações, evidências, modismos escolares agora totalmente despropositados. Deixam as crianças em paz e não façam de conta que a escolarização segue os cânones normais. Não segue e não pode seguir. Os pais não podem ser transformados em auxiliares da ação educativa dos professores e das escolas. Esqueçam o mais possível as notas. Promovam aprendizagens e requeiram evidências minimalistas que os alunos possam realizar (não os pais). Tranquilizem miúdos e graúdos. Afirmem a importância da comunicação informalizada, a convivialidade familiar, libertem a casa da lógica da escolarização....

Proponho-me hoje expandir este esboço e escrever a carta seguindo um roteiro de 10 tópicos que se organizam em duas sequências: os primeiros 5 pontos enunciam as dimensões críticas; os segundos as dimensões de oportunidade.

1. O tempo caótico. Todos o sabemos e reconhecemos. Quase todas as rotinas profissionais mudaram. O que era linear e relativamente pacífico complexificou-se enormemente. Vivíamos sós dentro de quatro paredes frente a uma turma (a várias turmas) de alunos. Com muitas falas cruzadas, e necessidade de mandar calar. Hoje desapareceu a turma, a classe, as paredes da sala de aula, o ruído. Da clausura passamos para o espaço aberto onde milhares de olhos nos veem. E ouvem. Mas onde o silêncio

⁵ O presente texto retoma com alterações artigo inicialmente publicado no jornal Público on line de 6 de maio de 2020 com o título Carta Aberta a Educadores e Professores. <https://www.publico.pt/autor/jose-matias-alves>.

imperava e inquietava. Por vezes, há a notícia de que filmam e gravam numa ameaça à privacidade da relação pedagógica. É um tempo síncrono (provavelmente excessivo). Um tempo assíncrono provavelmente desregulado. Um tempo paradoxal em que escola e a lógica escolar invadiu o espaço doméstico. A casa. O lar. De professores e alunos. O tempo caótico é um tempo de desordem, esgotamento, desregulação, imprevisibilidade, efeitos secundários imprevistos, heterogeneidades várias. Distâncias, sofrimentos, ansiedades, perplexidades. Um tempo de excesso de funções, de tarefas, de trabalho (docente e discente). Que tem de ser moderado, sob pena de uma destruição e esgotamento totais.

2. A impossibilidade de reproduzir o modelo escolar. O ensino a distância através de várias plataformas complementado pelo ensino através da televisão não pode reproduzir o modelo escolar. Ele continua muito presente no modo de organizar o conhecimento em disciplinas estanques, na segmentação do tempo e na tendência de expor, de dar a matéria prescrita. Mas o efeito turma, a presença do professor, a relação de proximidade física, desapareceram. Os métodos e instrumentos de avaliação pedagógica – os célebres dois testes escritos por período – têm de ser reinventados para que se adequem à realidade. Este é, talvez, o maior choque à velha gramática. Expor, dar o mesmo a todos como se fossem um só, mandar fazer as mesmas fichas, observar a forma de as resolver... não é mais possível. Não pode ser mais possível. Sob pena do desastre.

3. A dificuldade de chegar a todos os alunos. O ensino a distância aumenta a dificuldade de chegar aos alunos que não têm acesso a computador/tablet/internet. São muitos milhares. O recurso à televisão e ao dito “ensino em casa” é uma tentativa louvável de universalizar o acesso ao conhecimento. Desde que resista à tentação de dar a *matéria e o programa*. Não obstante, é óbvio que se vai incrementar a desigualdade de oportunidades de acesso à educação. Sabemos que sempre existiu. Mas agora esta desigualdade é mais clara e nítida. E ter-se-á de pensar e organizar tempos e formas que proporcionem oportunidades acrescidas de aprendizagem. Que primem mais pela qualidade do que pela quantidade.

4. A impossibilidade de replicar as práticas de avaliação habituais. Já o referimos, mas voltamos ao tópico porque pode ser o nó górdio deste tempo. A obsessão de medir as aprendizagens, de as quantificar, de verificar as evidências do aprendido não pode transformar um meio num fim, típico da perversão burocrática em que o que mais interessa não são as finalidades (neste caso as aprendizagens), mas os meios que as verificam e controlam. Para poder fazer a hierarquia do mérito. E, supostamente, ser justo – suprema ironia e hipocrisia deste tempo.

5. A perda do olhar e o icebergue do silêncio. Neste tempo de distância perdemos o olhar de alunos e professores. Esta é uma das perdas maiores. Podendo embora interagir, o olhar digital não tem nada a ver com o olhar humano próximo e sensível. É um olhar cibernético e frio incapaz de perceber as vibrações da alma dos alunos. É uma perda irremediável que nenhuma plataforma ou tv pode remediar. E o silêncio cresce nesta distância. O professor fala para um universo de alunos que não vê e raramente ouve e não tem de os mandar calar. A fala discente tende a ser residual. A pedagogia da ternura e do afeto esvai-se pelas ruas da amargura. Nos tempos bilaterais, na ação tutorial que também é possível, temos de suprir o mais possível estas perdas. Esta feridas.

6. Gerar aprendizagens múltiplas, diferentes, recontextualizadas. Este deve ser a ambição maior dos educadores e professores. Fazer com que os seus alunos aprendam. E como é que os alunos aprendem? Os alunos aprendem ensinando [explicar, resumir, estruturar, esquematizar....], fazendo [escrever, fotografar, legendar narrar uma história, dramatizar, relatar, interpretar, descrever, catalogar....], falando [argumentar, interagir, enumerar...]. Para que isto possa ser possível os professores têm de falar pouco, elevar os patamares de uma planificação mais estruturada e aberta, passível de ser concretizada nas Zonas de Desenvolvimento Proximal dos seus alunos (todos iguais e todos diferentes). Pensar em situações que levem os alunos a refletir, a agir, a pesquisar, a problematizar, a deliberar, a analisar, a criar, a argumentar, a produzir (perguntas, textos, banda desenhada, fotogramas, videogramas, narrativas, dramatizações, desempenho de papéis...). A pedagogia da descoberta, do problema, da interpelação, do desafio é um caminho que tem de ser sistematicamente percorrido.

7. Fazer dos encontros virtuais interpelações e desafios plurais. A pedagogia enunciada tem de se basear na diversidade e na pluralidade de hipóteses e propostas de trabalho. Tem de propor (e não impor) atividades múltiplas, adequadas aos diferentes contextos, enunciar as condições possíveis de realização, os critérios da valoração e de sucesso. A pedagogia da descoberta e do obstáculo à medida de cada um tem aqui um campo por excelência de realização. Mas que nos obriga a pensar de forma muito estruturada as atividades e os desafios que vamos propor. E só através de um trabalho mais colegial e colaborativo o conseguiremos fazer. As lideranças, nas escolas, nos seus vários níveis de operação têm aqui um papel central de estruturação de sinergias para esta ação coletiva. De criação de redes de suporte à ação muito esgotante dos professores. Temos de evitar, o máximo possível, que os professores se desesperem e se percam nos labirintos onde foram obrigados a entrar.

8. Valorizar a avaliação formadora. Esqueçam as notas e as classificações. Foquem-se numa avaliação que possa gerar mais aprendizagem. Reduzam ao mínimo indispensável a parafernália das evidências, dos registos digitalizados. Não estamos no tempo do classificar, do ordenar, do hierarquizar, do premiar e do sancionar. Estamos num tempo de uma avaliação para as aprendizagens relevantes para a vida. Esqueçam os programas. Centrem-se nas aprendizagens essenciais e no perfil desejável do aluno à saída da escolaridade obrigatória. Nos conhecimentos, nas atitudes, nos valores que é importante promover e desenvolver. Bem sei que há exames para efeitos de acesso ao ensino superior e que, supostamente, é preciso dar a matéria que pode sair nas provas. Não sei bem como se resolve esta quase impossibilidade, e receio muito que os exames sejam fonte de grande iniquidade e turbulência. Mas continua válido argumento: quanto mais os alunos aprenderem melhor poderão realizar as provas.

9. Esquecer a função seletiva e segregadora da escola. Uma das funções sempre praticada pela escola foi a de selecionar os melhores, com base na ideologia meritocrática. Na aparência da justiça, esta ideologia cumpre uma das maiores mistificações da escolarização. Porque a nota seria sempre o resultado da Inteligência + esforço. Quem trabalha, quem se esforça merece ter uma distinção. Mas todos sabemos os mecanismos perversos *dos quadros de valor e excelência*. Todos sabemos que escola

dá mais a quem já tem mais. E exerce, sob a capa da justiça, um efeito de estratificação e de exclusão. Neste tempo crítico não podemos agravar ainda mais esta função. Por isso dizia: esqueçam as notas. Considerem as aprendizagens importantes para vivermos no caos. No limite, considerem as notas atribuídas no final do segundo período [bem sei que este é um conselho heterodoxo, mas deixem, de qualquer modo, enunciá-lo]. Considerem a autoavaliação dos alunos, em funções das metas plurais, dos critérios de êxito.

10. Mas fazer do professor o inspirador, o organizador, o maestro. Este não é o tempo do *debitar* a matéria. Do professor ser o transmissor dos conhecimentos prescritos. É o tempo de inspirar, desafiar, contextualizar as aprendizagens face a novos cenários de vida. De ensinar o que *não se sabe* levando os alunos a pesquisar, a procurar, a aprender a formular problemas, testar hipóteses, compreender os paradoxos do tempo em vivemos.

Vivemos um tempo de sobredeterminação de uma pedagogia da desconetividade, da descontinuidade e da distância. Os discursos políticos e sociais proclamam que há uma imperatividade da distância social, condição primeira de saúde e de sobrevivência. Esta distância contaminou também a pedagogia, que se converteu numa pedagogia do silêncio, da clausura e da distância. É a ausência do outro que nos salva. Os diálogos tendem a converter-se em monólogos. O olhar tende a carregar-se de sombras e de fantasmas.

Neste tempo, precisamos de uma outra pedagogia. Uma pedagogia da articulação e da inclusão epistemológica, organizacional e laboral. Na distância, precisamos de contruir proximidades outras que passam por uma outra gestão do currículo (mais articulado e integrado) que ligue o que sempre tem estado separado. Por uma outra organização do trabalho que combata a visão segregadora das disciplinas, a segmentação do tempo de aprendizagem, a divisão artificial dos espaços, grupos de professores e alunos. Precisamos de uma ordem educativa que nos resgate da “cruel pedagogia do vírus” e de um modelo de escolarização fabril que perdeu já o prazo de validade.

Neste tempo tão difícil para todos, seria muito importante que se pudesse construir uma grande aliança entre professores, alunos e pais. Que se evitassem os excessos das práticas de escolarização, os mal-entendidos, as reclamações que não têm em conta os contextos turbulentos da ação. Sabendo as óbvias dificuldades deste programa, enuncio-o, acreditando no horizonte de possibilidades. Frágeis e contingentes, certamente. Mas confiando nas inteligências e nas sensibilidades dos que fazem da *educação o primeiro de todos os ofícios*.

18. A sala de aula: um lugar sem lugar definido.

Letícia Silva | leticiarfs@gmail.com

Colégio da Trofa – Grupo Ribadouro

A 14 de março as escolas fecharam. Foi-nos pedido isolamento e distanciamento social em nome do um bem preciso: a nossa saúde. As aulas deixariam a escola e a proximidade da sala de aula, e passariam para um espaço virtual e distante. Mas como chamar a este lugar sala de aula?

A sala de aula é mais que um local de transmissão de conhecimento, é um local de afetos, de partilha, de olhares que se cruzam e sorrisos que se trocam. A linguagem não verbal e a relação que se estabelece entre professor e aluno, é das ligações mais importantes na dinâmica de todo o processo de ensino aprendizagem. Então como seria possível ensinar e aprender sem a presença desta tão poderosa relação? Como seria isto possível através de um ecrã? E a estas inquietações, somavam-se todas as outras relacionadas com a verdadeira transformação tecnológica que o ensino à distância obriga.

As aulas on-line começaram. E, ultrapassado os constrangimentos técnicos, comecei a sentir falta de ver os meus alunos, de ler-lhes no rosto os seus pensamentos, senti a ausência do seu olhar e acima de tudo, senti um gigantesco silêncio. Aos poucos, todos fomos aprendendo a conviver com este ensino à distância. Foi para todos um período de descoberta e aprendizagem em ação. Também eu aprendi, com os alunos, as melhores formas e estratégias a adotar em cada momento e o meu modo de trabalho docente foi-se ajustando às suas necessidades. De uma forma natural o ecrã, que ao início nos separava, tornou-se no ecrã que nos unia.

Continuo a sentir falta do seu olhar e de ler-lhes o pensamento pelo seu rosto, mas cedo percebi que a relação professor-aluno não esmoreceu, apenas se manifesta de outra forma. E os receios iniciais (meus e deles) aos poucos foram desaparecendo. E descobri que este ensino à distância poderá ser surpreendente.

Uma tarefa de trabalho autónomo do 6.º ano que pedi que os meus alunos realizassem, para estudar a influência da luz no desenvolvimento das plantas, foi a execução da atividade experimental, simples, mas sempre fascinante experiência de colocar um feijão a crescer em diferentes condições de luminosidade. Ao longo de duas

semanas os alunos foram registando e fotografando a evolução dos seus feijoeiros. Posteriormente, em aula síncrona, iríamos analisar os resultados obtidos. Para isso, criei uma apresentação com as várias fotografias, vídeos e registos que os alunos tinham enviado, e com o suporte teórico para a análise e discussão desses resultados.

Quando entrei, antecipadamente, na plataforma para preparar os materiais a utilizar na aula, deparo-me com vários alunos já ligados. Fiquei uns instantes a ouvir as suas conversas. Que saudade tinha de os ver e ouvir assim, a falar e a rir. Parecia que estava passar pelos corredores da escola em direção à sala de aula, enquanto eles aproveitam o intervalo até ao último instante. E, tal como quando atravesso o corredor, meti conversa com eles, e perguntei como estavam. Lá me foram dizendo que estavam bem, até que o G. me perguntou:

- “Oh professora! A aula já começou?”

- “Não. Ainda não está na hora, e ainda faltam colegas teus.” – respondi eu.

- “Então podíamos falar? Tenho saudades de conversar com a professora!”

Surpreendida com esta demonstração de saudade lá lhe perguntei sobre o que queria conversa. E ele me contou como têm sido os seus dias, que tem saudades da escola, dos amigos e dos professores. Até me mostrou o seu cão - companheiro inseparável deste confinamento. Claro, que todos os outros colegas quiseram contar como têm sido os seus dias e mostrar o seu animal de estimação. Compreendi naquele momento, que os alunos não precisavam que eu lhes transmitisse conteúdos de Ciências Naturais. Necessitavam que os escutasse, precisavam de partilhar comigo o seu dia-a-dia. Ensinar e aprender é isto. É a partilha, é a escuta ativa, é dar aos alunos aquilo que eles precisam. E naquele momento os meus alunos precisavam que eu os escutasse. E quando já pensava que seria uma “aula perdida” para as Ciências Naturais, a M. quis mostrar-me os seus feijoeiros. Estava preocupada, pois enquanto um crescia vivaço e verde, o outro, o que estava dentro da caixa, estava enorme, mas caído, prostrado e de cor esbatida.

- “Será que fiz alguma coisa mal?” perguntava ela enquanto tentava ajeitar a câmara do computador para que eu pudesse ver o seu pálido feijoeiro.

Mas antes que pudesse responder, a R. interrompe empolgada e diz:

- “Eu sei o que aconteceu! Posso dizer professora?”. E num discurso que não estava decorado nem escrito em papel algum, a R. lá explicou que sem luz as plantas

não realizam fotossíntese, nem produzem clorofila e, por isso, ficam brancas, mas crescem muito para procurar luz. A R. rematou dizendo que a irmã a tinha ajudado a procurar na internet, pois tinha acontecido o mesmo com os feijoeiros dela.

- “Ah então é por isso que o meu feijoeiro tentou sair pelo buraco que tinha na caixa de sapatos! Ele foi à procura de luz.” disse o T. com entusiasmo. E assim, sem ensaio ou explicação e sem o saber, o T. conclui que o feijoeiro apresenta fototropismo positivo, conteúdo que nem faz parte do currículo de 6º ano, mas que naquele momento lhe fazia todo o sentido.

Separados por uma pandemia e isolados em suas casas os outros colegas compreenderam o que tinha acontecido com os seus feijoeiros, e levados pelo entusiasmo de quem descobriu a resposta para o seu problema, lá me foram mostrando, orgulhosamente, que aos seus feijoeiros tinha acontecido o mesmo que à R., à M. e ao T.

Este momento de construção de aprendizagem foi fascinante. A paixão e o entusiasmo demonstrados pelos alunos, permitiram uma aprendizagem muito mais rica e consistente, do que aquela que seria construída através de qualquer apresentação, vídeo ou explicação minha. De uma conversa de circunstância, se fez conhecimento, e o meu papel foi secundário. Não foi o professor que esteve no centro do processo de ensino-aprendizagem, foram os alunos, que com as suas ferramentas, e entusiasmo, descobriram a solução para o problema que tinham à sua frente.

A aula terminou e o seu objetivo foi cumprido. Segui a planificação? Não. Utilizei o material que tinha preparado? Não. Houve aprendizagem? Claro que sim, e das mais significativas de todas. Aquelas que fazem sentido para os alunos.

A sala de aula pode ter mudado, pode ter deixado a escola, mas não mudou a sua função. O isolamento que o vírus SARS-CoV-2 nos obrigou, fechou a porta (física) da sala de aula, mas abriu novas janelas de oportunidade. Criou novos espaços de aprendizagem, novas dinâmicas, novas formas de aprender e de ensinar. Este distanciamento não nos isola, pelo contrário aproxima-nos. A “minha sala de aula” é agora a casa de cada um dos meus alunos, e continua a ser um lugar de partilha, de aprendizagem, de conversas e desafios. De facto, a sala de aula poderá acontecer em qualquer local, é um lugar sem lugar definido e que não tem fronteiras. Tem apenas as fronteiras que os que nela se encontram não têm coragem de ultrapassar.

19. Da Escola ... Epicentro da Economia e do Mundo

Lídia Santos Sousa | lidiamsantossousa@gmail.com

Professora de Inglês e Alemão, Vice-Presidente da CAP do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

“As politicians and business leaders talk about reopening the economy, one looming question goes unanswered: How can parents go back to work when it may not be safe for kids to go to school? In Alex Sherman, CNBC – The Next Normal: <https://www.cnbc.com/2020/05/04/will-schools-be-open-in-september-experts-weigh-in.html> (acedido a 14 de maio de 2020).

Deste momento insólito que a humanidade atravessa, causado pela pandemia da Covid 19, emerge a Escola como reduto de estabilidade e segurança, responsável, em grande medida, pela ratificação da normalidade social entre as pessoas e o mundo.

Em todo o planeta, os *media* fazem depender questões relativas ao relançamento da economia do início das atividades escolares, que, segundo referem, libertarão a sociedade para a retoma dos compromissos rápida e eficazmente cancelados pelo coronavírus.

Independentemente do rumo desta pandemia, no decurso da qual a realidade rapidamente ultrapassou a ficção, é inequívoca a perceção, cada vez mais nítida, do impacto da Escola à escala mundial, não só sob o ponto de vista socioeconómico, mas também no plano educativo e instrucional, inscrito na sua matriz. Registam-se, de resto e a este propósito, inúmeras preocupações por parte de prestigiadas instituições de ensino, dependentes de avaliações e progressões de alunos para planeamento e estabelecimento de prioridades em termos de ofertas educativas sem as quais está em risco a...

... Espaço Suspenso

“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. [...] O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Ruben Alves

Simultaneamente à cadência apressada de notícias e projeções, nos recreios escolares por calcorrear, os pássaros, imperturbados, ensaiam voos calmos entre árvores e beirais. As salas de aulas, corredores e demais espaços permanecem limpos,

vazios e imersos no silêncio. Em modo de suspensão. Na expectativa do encorajamento de muitos outros voos.

... Vista do Interior da Nova Normalidade:

Pelos Alunos

“Covid-19. Inquérito revela que mais de 80% dos alunos estão preocupados ou muito preocupados com a pandemia - e têm saudades da escola”

Isabel Paulo In Expresso: 9/04/2020

São 8 horas. Não é que corra propriamente o risco de chegar tarde, mas o João é um aluno pontual. Lava-se, veste-se, toma o pequeno almoço e prepara-se para as aulas. Olha pela janela do quarto, já pronto, e observa a escola do outro lado da praça: o campo de jogos, o recreio, o edifício. Respira fundo e liga o computador que o pai foi buscar à escola, a título de empréstimo, para ele e para a irmã mais nova. O João frequenta o 8º ano e sabe que, por enquanto, terá de ser assim; mas tem já muitas saudades da escola, dos amigos, dos intervalos, dos professores e até da D. Etelvina do corredor que lhe põe os cabelos em pé, com as manias das arrumações da sala de aula e os ralhetes da praxe. Porém, comparada com as irmãs, com quem tem estado em casa permanentemente... o João até teve um sonho que contou na aula de Português, em que a D. Etelvina aparece com asas de anjo. Todos deram umas boas gargalhadas.

São quase 9 horas. A Mariana, irmã mais nova do João e aluna do 2º ano, entra na sala com a energia habitual para assistir ao #EstudoEmCasa pela televisão. Mal pode esperar pela Hora da Leitura! Sente muito a falta das histórias que a professora Clara Melro costumava ler-lhe e ao resto da turma, todas as manhãs, depois do intervalo: em dias de sol, no jardim; com chuva, na sala de aula. A professora lê, às vezes, pela plataforma e a Mariana gosta sempre muito de a ouvir, mas não é a mesma coisa! Não pode oferecer-lhe as folhinhas ou o desenho para agradecer a história do dia. Da janela do quarto dos pais a Mariana consegue ver o telhado da escola EB1 e um cantinho do recreio, lá muito ao fundo. Que saudades!

São 10 horas. A Ana entra na sala, onde a irmã mais nova assiste à Hora da Leitura. Pela porta entreaberta do quarto do irmão, João, reconhece no écran do computador o professor António Justo de matemática, também seu professor. Abana a cabeça enquanto pensa que ainda não se habituou verdadeiramente a esta rotina: “Que filme!”

Ao passar pela sala, a Ana esforça-se por se manter silenciosa, mas está numa inquietação fora do habitual. Acabou de ler um email da diretora de turma que anuncia o regresso às aulas a partir da próxima semana. Sente um frio na barriga, um misto de alegria – por saber que vai rever os colegas de turma e amigos de tantos anos – e de medo, por voltar à realidade numa fase em que ainda não há vacina para a Covid 19.

Da janela do seu quarto, a Ana bem assistiu à chegada de veículos militares que estacionaram na praça, em frente à escola, de onde saíram soldados com fatos brancos, encapuzados e mascarados, quais habitantes de outro planeta, que tomaram de assalto o edifício, “em processo de higienização e desinfeção”, como explicou a diretora de turma.

Todos os alunos da turma têm agora uma lista quilométrica de normas para ler, percursos para fixar, procedimentos para interiorizar e, aqui entre nós, a Ana acha que o contacto com os amigos a 2 ou mais metros de distância vai ser “simplesmente surreal”. “Tudo isto por 2 exames –, é a loucura!”, pensa para consigo. Não nutre especial simpatia pela nova normalidade!

Mãaaae! Paai! Quando puderem interromper o teletrabalho, temos de falar.

Pelos Professores

*“Cada dia me traz com que esperar
O que dia nenhum poderá dar.
Cada dia me cansa da esperança...
Mas viver é esperar e se cansar.”
Fernando Pessoa In Poesias Inéditas*

São 11 horas. Clara Melro e António Justo, professores já nossos conhecidos, fazem um intervalo entre as aulas síncronas e os apoios assíncronos. São casados e têm 3 filhos em idade pré-escolar e escolar. Revezam-se na supervisão dos filhos em aulas e apoios. Não têm mãos a medir e o tempo é escasso: além dos alunos, há que orientar, esclarecer e apoiar, sempre que necessário.

A partir da próxima segunda feira, dia 18 de maio, o António terá de deslocar-se à escola para lecionar Matemática ao 12º ano, o que lhe causa alguma apreensão, pois, além dos filhos, vive lá em casa a mãe de Clara, idosa e considerada “de risco”.

“Além disso ficam “as tropas” a descoberto cá em casa, sem contar com a necessidade de nova definição do horário e a conseqüente desorientação. Em menos de

2 meses, cada um de nós, exceto a D. Piedade”, refere com um sorriso, “recebeu 3 horários diferentes para gerir. São 15 horários. Em confinamento, nestas condições... é inacreditável. Pergunto-me se será esta a melhor solução para o 12º ano...”, continuou: “... é preciso que se faça o que for melhor para os alunos!”

A professora Clara Melro ouvia em silêncio: “Assim se ensina e aprende em tempo de COVID 19”, pensava. Aquela seria a hora do conto, num dia bonito como aquele, seguramente no jardim. Por momentos, pareceu-lhe sentir o cheiro das folhinhas que recebia no final como recompensa. Sentiu saudades da escola e de todos os alunos, mesmo dos que acabara de ver na aula; do mundo tal como o conhecia, da vida, da escola, de...

Respirou fundo, sorriu e voltou para as aulas, por enquanto, mesmo ali ao lado. António seguiu-lhe os passos ao encontro virtual dos alunos: “Fazer o que fazemos melhor!”, pensou..., “o que fazemos melhor...”.

20. Certezas que o vírus não abalou

Lília Silva | lilia.silva@aeg1.pt

Diretora do Agrupamento de Escolas de Gondomar 1

“Cada pessoa deve trabalhar para o seu aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, participar da responsabilidade coletiva por toda a humanidade.”
Marie Curie

Nunca nenhum de nós imaginou viver na situação em que nos encontramos fruto de uma pandemia de proporções incomensuráveis provocada pela Covid-19 com origens ainda nebulosas, na região de Wuhan, na China. Nunca nos passou pela cabeça ficar em casa por tempo indeterminado, restringir os nossos contactos sociais ao mínimo ou ter, em tempo de aulas, escolas sem alunos. É assim que, desde 16 de março de 2020, data a partir da qual as atividades letivas presenciais foram suspensas, os sentimentos de medo e de angústia nos vão assolando, provocados pela incerteza do desconhecido.

Abruptamente, fomos confrontados com novas circunstâncias que nos obrigam a trilhar novos caminhos, incertos ainda, todavia mantendo o foco no essencial da nossa ação: as aprendizagens dos nossos alunos.

Vivemos dias em que a realidade parece mudar cada vez que pestanejamos, por isso, os próximos tempos serão marcados, em todos os setores, pela capacidade de adaptação e pela rapidez com que o conseguirmos fazer. A Escola não vai ser alheia a esta realidade, antes vai ser parte nuclear, todavia mantemos algumas certezas que o vírus não abalou.

1. Tecnologias, para que vos quero?

Importa enfatizar os benefícios da existência e da utilização das novas tecnologias. Alguém consegue imaginar o desastre que estes tempos de confinamento teriam provocado, em termos de acesso às aprendizagens e à educação, se não tivéssemos à nossa disposição os instrumentos de que agora dispomos? É evidente que as novas tecnologias permitiram uma maior democratização de acesso à informação e, por isso, até pareceu fácil fechar as escolas em tempo de aulas e instituir a existência de “atividades letivas não presenciais” como se todos estivéssemos familiarizados com diferentes modos de operacionalização deste novo conceito.

Todavia, não tenhamos ilusões. O impacto destas aulas à distância não é igual para todos. Pode, seguramente, potenciar as vulnerabilidades, com repercussões negativas para os alunos com condições socioeconómicas mais frágeis.

Mesmo sabendo que ainda há uma percentagem muito significativa de crianças e de jovens em cujos lares não existe net ou equipamento informático, o acesso, por si só, à tecnologia fica muito longe de ser suficiente para garantir a construção de aprendizagens significativas. Muito mais do que os meios utilizados, o que verdadeiramente gera essas aprendizagens são as estratégias planeadas e implementadas pelos professores, bem como as interações que estes conseguem estabelecer com os seus alunos.

2. Os alunos devem ser conduzidos a construir as suas aprendizagens

Como sempre, tempos de grandes constrangimentos são, também, espaços de oportunidades. Se não plasmar a tradicional aula *magister dixit*, a utilização das novas tecnologias permite a introdução de modos mais significativos de ensinar e de aprender, permite o desenvolvimento de aprendizagens mais sustentadas, isto é, aquelas que não desaparecem logo após a realização de um teste.

Só avançamos para novas e significativas aprendizagens se, designadamente:

- partirmos dos conhecimentos prévios dos alunos, relacionando o que ele já sabe com o que deve aprender de novo,
- estimularmos a realização de tarefas que induzam a aprendizagens ativas e reconfiguradoras dos esquemas cognitivos existentes como, por exemplo, a pesquisa orientada, a análise de documentos, a elaboração trabalhos (escritos, áudio, vídeo) a partir de guiões estruturados,
- induzirmos a experimentação e a resolução de problemas,
- levarmos à colocação de hipóteses para a resolução de um problema,
- promovermos aprendizagens colaborativas e em grupo,

É claro que este trabalho, se feito à distância, exige que o professor assuma, ainda mais, o papel de orientador e de mediador, obrigando-o a um muito maior esforço de planificação, de definição de objetivos de aprendizagem, de dinamização e acompanhamento do trabalho e capacidade de inovação curricular.

3. A avaliação tem de estar ao serviço da melhoria das aprendizagens

É fundamental a preparação sistemática de atividades que levem os alunos a recuperar os conteúdos já ensinados e, conseqüentemente, as aprendizagens que foram, ou deveriam ter sido, feitas. Por isso, a aposta na qualidade do *feedback* transmitido em tempo útil aos alunos é crucial para que eles possam aprender a autorregular as suas aprendizagens. Compete ao professor ir fornecendo aos alunos níveis sucessivos de apoio diversificado (“*scaffolding*”) até que estes atinjam patamares mais elevados de conhecimentos e capacidades. Finalmente, e na hora de balanço, interessa mesmo perceber: i) se o aluno ficou a saber, ii) como foi possível ultrapassar as dificuldades, iii) as razões subjacentes à permanência das dificuldades, iv) o que foi feito pelo aluno e pelo professor para ultrapassar as dificuldades, v) o que vai ser feito para atingir as aprendizagens essenciais.

4. A importância das lideranças das estruturas de gestão curricular intermédia

A partilha, por um lado, e a assunção de responsabilidades, por outro, são aspetos determinantes para o desenvolvimento ou mesmo para a criação de sinergias conducentes a um trabalho mais eficaz e mais eficiente dentro de uma escola / agrupamento. Nestes tempos de incerteza e instabilidade, estas lideranças ganharam ainda maior relevância, pois são elas que verdadeiramente são capazes de esbater a nossa natural resistência à mudança e conseguem abrir caminhos para a renovação e para a reinvenção de soluções.

5. O trabalho colaborativo é fundamental

O trabalho de planificação, de articulação curricular, de construção das estratégias capazes de, mesmo em tempos de confinamento, incentivar os alunos e envolvê-los nas aprendizagens só será profícuo se for desenvolvido em conjunto. O trabalho colaborativo é, pois, uma estratégia fundamental para lidar com problemas que se afiguram demasiado pesados para serem enfrentados em termos puramente individuais. É, ainda, a oportunidade para criar laços de confiança pessoal e profissional securizadores da ação de todos.

São estas cinco certezas que presidiram à construção do Plano de Ensino a Distância do Agrupamento de Escolas nº1 de Gondomar (AEG1) e no qual os professores, os alunos e as famílias têm investido o seu melhor para que os nossos alunos continuem presos ao desenvolvimento, às aprendizagens, à motivação. Sabemos bem que o medo pode paralisar, pode desorientar e deprimir. Todavia, é com coragem que o AEG1 o tem enfrentado, mas também com a humildade de confessar que trilhamos um caminho feito de incertezas e, por isso, de tentativas e erros, mas sempre com o foco no essencial da nossa ação: os nossos alunos, as suas aprendizagens e o seu bem-estar.

Finalmente, relembro as palavras de Louis Pasteur, referindo-se ao papel da Escola: “Qualquer criança me desperta dois sentimentos: ternura pelo que ela é e respeito pelo que poderá vir a ser.”

21. O sentir dos alunos num novo contexto de aprendizagem

Luísa Pereira | diretora@aert3.pt

Diretora do Agrupamento de Escolas de Rio Tinto 3, Gondomar

A situação de rutura da relação presencial dos professores com os seus alunos motivou um enorme esforço de criatividade e a reinvenção de novas estratégias. Foi um passo muito importante na capacidade de adaptação, de aprendizagem, de novas formas de comunicar, de ensinar e aprender e de nos relacionarmos.

Os professores ficaram, de repente, colocados perante novos desafios e a necessidade de, em conjunto e à distância, encontrarem soluções para novas dinâmicas pedagógicas, desde logo as relativas ao domínio dos meios tecnológicos de comunicação, o que provocou um acelerar de métodos de ensino através de meios digitais e da diversificação de métodos de estudo.

E os alunos? Desde a suspensão das atividades letivas presenciais ficaram confrontados com diferentes condições de acesso ao currículo, o desenvolvimento das competências a nível do seu saber tecnológico, autonomia e responsabilidade. Este novo cenário obrigou-os a repensar o processo de ensino e também da própria aprendizagem. Os alunos ficaram confrontados com a forma como adquirem e desenvolvem o próprio conhecimento, promovem a sua autonomia e capacidade de reflexão.

Numa dinâmica de auscultação dos alunos que está a decorrer no agrupamento, reconhecendo-os como atores em todo este difícil processo de mudança, referem-se alguns testemunhos de alunos que frequentam diferentes ciclos e níveis de aprendizagem.

“Como aluno de 12º ano que regressou à escola para as aulas de matemática e português, sinto que, apesar de o Ensino à Distância não ser um substituo perfeito das aulas presenciais, foi uma alternativa que permitiu o contacto permanente com a matéria e os professores, facilitando este regresso. De um modo geral, é possível afirmar que, apesar dos constrangimentos que estão associados ao Ensino à Distância, a forma como foi gerido pelo nosso Agrupamento permitiu o desenvolvimento de várias competências e valores previstos no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade*

Obrigatória, dos quais se destacam o Desenvolvimento Pessoal, a Autonomia e a Responsabilidade.”

Hugo 12.º – Ciências Socioeconómicas

“O ensino à distância nem sempre foi fácil. Surgiram alguns problemas, como a organização do tempo de trabalho e a tecnologia imperfeita. Apesar disso, foi a melhor opção para não perder o contacto entre professores e alunos, e para continuar o nosso percurso escolar.”

Daniela 12.º – Artes Visuais

“Nas aulas *online* foi, sem dúvida, efetuado um trabalho muito mais autónomo do que era presencialmente. Na fase inicial, tive alguma dificuldade em adaptar-me, uma vez que tive de aumentar o meu poder de concentração para não me distrair com o que se passava ao meu redor. Felizmente, os meus professores também fizeram os possíveis para que as aulas fossem produtivas, e alguns deles faziam, até, aulas de esclarecimento de dúvidas. Isto era muito importante, pois quando se passou para o regime *online* a carga horária de cada disciplina diminuiu, fazendo com que as aulas fossem utilizadas apenas para o lecionamento da matéria, deixando a realização de exercícios para trabalho individual. Se me questionarem acerca da minha preferência entre aulas online e aulas presenciais eu direi que prefiro muito mais as aulas presenciais, pois sinto que consigo aprender mais rapidamente os tópicos, isto é, considero que as aulas têm maior produtividade. Contudo, nem tudo foi mau nas aulas *online* pois melhorei a minha capacidade de organização, concentração e de autocontrolo”.

Inês 12.º – Ciências e Tecnologias)

“Na adaptação a esta nova realidade tive algumas dificuldades. Por um lado, o trabalho tornou-se autónomo, e tem sido difícil obter o entusiasmo para trabalhar e realizar as tarefas cujos conteúdos não tinham sido abordados nas aulas – agora tenho de pesquisar, investigar e estar mais interessada, para poder verificar os meus conhecimentos nas aulas *online* (síncronas). Tive de criar novos hábitos, para sentir-me mais cómoda a trabalhar e, ao mesmo tempo, gerir o *stress*. Por outro lado, vi o trabalho individual como uma prova a superar, e consegui desenvolver a minha autonomia e

força de vontade. Agora, cada dia é mais fácil! Embora tenha algumas saudades da escola, já me adaptei a este modo de trabalho e, quando regressarmos à escola, poderei adicionar às minhas competências novas ferramentas que adquiri neste período. Por fim, quero destacar que esta realidade teve aspetos positivos e negativos, e que, apesar de ter sido mais difícil aprender sem estar numa aula presencial, a ajuda dos professores foi um grande apoio”.

Páris 10º Ano – Línguas e Humanidades

"Sobre as aulas: a forma de ensinar é muito boa 😊, a criação de grupos de alunos por aulas está bem pensada. Sobre os colegas: em geral são bons colegas e penso que também entendem e gostam da forma como são dadas as aulas. Como estão a correr as aulas: estão a correr muito bem, consigo tirar dúvidas sempre que preciso, a professora está sempre disponível para ajudar. Penso que não fiquei parado no tempo e continuo a aprender apesar da forma ser um pouco diferente. 😬"

Tiago 4º ano

"Gosto de ver os meus amigos...e também a ti. Adoro as histórias que tu contas e também os trabalhos que fazemos....acho que não tenho mais nada a dizer".

Tiago 5 anos

É, de facto, um tempo diferente que abruptamente veio colocar novos desafios a todos e mostra a importância das competências sociais e emocionais na educação. Podemos, no entanto, numa primeira abordagem, concluir que esta vivência é percebida pela generalidade dos alunos como geradora de melhores aprendizagens decorrentes de um processo produtor de maior autonomia.

22. O que não cabe nos formulários [Sempre_Nunca_Às vezes]

Manuela Gama | manuelagama@sapo.pt

Professora do ensino secundário, Consultora do SAME da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

As fabulosas possibilidades do digital podem, nas práticas que estamos a instituir, pré-formatar os caminhos da aprendizagem em dicotomias tão simplificadoras que pouco têm a ver com os processos de construção do conhecimento.

Ao telefone com o António, vou preenchendo o questionário dirigido aos alunos que não têm internet suficiente para acederem às aulas na plataforma onde os seus colegas trabalham online sob a direção dos professores.

“Escolhe a opção que corresponde à tua situação. O meu encarregado de educação acompanha o trabalho escolar realizado no ensino a distância: nunca/ às vezes/ sempre”

É tão mais agradável falar contigo agora, António. Mais senhor da tua vida, da organização dos teus dias, contas-me desenvolto como resolves as tarefas que te mandamos, primeiro pelos Correios agora através de um portador da Junta de Freguesia, explicas até o que pensaste a propósito de uma ou outra questão e ... lê!!! Na sala de aula, sentado numa cadeira desconfortável para a tua altura, raros eram os momentos em que te entusiasmavas. A chegares aos 17 anos e ainda no 9ºano, às vezes parecia que o único interesse na escola eram as raparigas. Sem lhes conseguires a atenção que outros tinham fácil, lá andavas pelos corredores quase sempre fechado, quase sempre triste. A não ser daquela vez que fomos recebidos no quartel e na torre do rappel foste o mais rápido, um autêntico show de destreza e de camaradagem a apoiar os outros que bem queriam fazer tudo, mas na hora da verdade hesitavam e quase cediam às lágrimas.

Agora estás em casa e eu andava tão absorvida a seguir ao 13 de março que deixei passar três semanas sem te dizer nada. Foste tu que telefonaste. “Atão, professora?” Pois é, ando para te ligar e olha ainda bem que o fizeste tu. Não tens mesmo internet, não é? Até tenho, professora, no telemóvel, mas não dá para aceder às aulas. E ao mail da escola? Já lá foste? Ó professora, não preciso desse mail porque tenho o meu pessoal. Ora cá está o nosso António habitual. Mas é para o da escola que os professores

mandam as tarefas, rapaz. Vais lá ver? Não queres desfasar-te dos teus colegas, lá acabaste por dizer que sim e que te arranjasse um livro porque é coisa que em casa não há “e depois faço um áudio para falar do livro. A professora de Português tinha pedido isso em janeiro, mas eu não fiz. Por acaso, dicionário tenho, que me deram um no sexto ano e até gosto de, às vezes, me pôr a ver palavras”.

Andavas nos terrenos com a tua mãe quando liguei um fim de tarde, depois das aulas da televisão, a pensar que já estarias em casa. Não, hoje não vi as aulas, tive de vir acartar água que a minha mãe está grávida e não pode ser ela a fazer tudo. Mas, ligue-me mais logo que já li “A Ilíada” e até fiz o áudio. Não ficou é como eu queria e tenho de voltar a gravar. Acorreu a mãe para dizer que deixasse: andou a chumbar, este ano já se sabe que está perdido e pró ano, vai mas é trabalhar.

“O meu encarregado de educação acompanha o trabalho escolar realizado no ensino a distância? Nunca? Às vezes? Sempre?” Nunca, professora. E se acompanhasse de que servia? A minha mãe fez só o primeiro ciclo.

E tem 3 filhos e outro a caminho. E dá horas em casa da patroa. E também numa quinta onde lhe dão trabalho. Ao fim da tarde grangeia os seus terrenos. É uma mulher valente. “Não viro a cara a nada!”, disse-me, quando o filho veio transferido de outra escola.

Eu, eu é que acompanho a minha mãe. Sou o mais velho. Está a ver, professora?

A simplificação

Àquele NUNCA, assim absoluto, apetecia-me acrescentar uma explicação. Que não deixasse margem a interpretações de desinteresse, negligência da família: pois é, quando os têm em casa não ligam nenhuma! Mas não há caixa de observações no questionário, estamos no tratamento ágil de dados, no sim ou não, sem matizes nem estados de alma. Tudo mudou com o confinamento. No digital nada. A não ser a expansão exponencialmente acelerada. Para o bem e para o mal.

Finalmente, por força da situação, os instrumentos de alta tecnologia de que os alunos dispõem têm de servir para o trabalho e desenvolvimento cognitivo. Na realidade dos factos, o uso era sobretudo recreativo. Numa percentagem muito alta. Agora há que desenvolver competências digitais em situação de trabalho a par de uma ética na pesquisa e tratamento de dados. É possível sim, um maior protagonismo e controle do

aluno no seu processo de aprendizagem. As sessões *online* propiciam a participação síncrona de vários alunos, se fizermos agir o oral com a reação escrita imediata. Cada um não tem de estar à espera que o colega termine de dizer a sua resposta para escrever a sua frase. Trabalha-se mais “a quente” e as interações podem ser mais vivas. Consegue-se às vezes uma fluência de comunicação extraordinária, porque as respostas escritas individuais são visíveis para todos e propiciam interações múltiplas. Escritos sérios, originais, produzem efeitos de reflexão em todo o grupo. O total dos diálogos de cada aula fica registado e é visível para revisitação, se necessário e desejado. Está aberta a possibilidade de uma interlocução mais exigente e mais imediatamente controlada no tratamento da informação.

Porém, no quotidiano, colocar o diálogo em linhas de autenticidade é uma batalha dura, bruta e... desalentadora. Porque a tentação é grande de ir buscar o que já está feito para vir colar na linha da resposta. “Então o que queres dizer com esta expressão? Estarás a usar, como se fossem tuas, palavras de que nem sabes o significado?” Imenso é o mundo da informação, tudo lhes parece aceitável e mesmo entre professores não são consensuais os parâmetros orientadores.

Se os ventos correm a favor, porque não pode o aluno fazer o que “toda a gente faz”? O que interessa é ter a resposta certa e não o andar à procura de qual é a questão.

Como nos concursos da televisão.

23. As incertezas da segurança ou as inseguranças da Certeza

Maria José de Figueiredo Tavares | miftavares@gmail.com

Agrupamento Escolas Infante D. Henrique, Porto - Presidente CAP

“É preciso ensinar a compreensão humana, porque é um mal do qual todos sofrem em graus diferentes. Começa na família, onde filhos não são compreendidos pelos pais e os pais não entendem seus filhos. Pode continuar na escola, com os professores e os colegas. Continua na vida do trabalho, no amor e acho que temos que ensinar também a enfrentar as incertezas. Porque em todo destino humano há uma incerteza desde o nascimento.

A única certeza é a morte e não sabemos quando. Mas, é claro que estamos em meio, não apenas das incertezas que chamaria de normais, de saúde, casamento, trabalho, mas também uma incerteza histórica impressionante.

Antes, a gente achava que existia um progresso certo e agora o futuro é uma angústia. Por isso, suportar, enfrentar a incerteza é não naufragar na angústia, saber que é preciso, de certa forma, participar com o outro, de algo em comum, porque a única resposta aos que têm a angústia de morrer é o amor e a vida em comum.”

Edgar Morin, 2019, Entrevista:

<https://www.pensarcontemporaneo.com/>

Naquela tarde de um março triste, como que parado no tempo, tivemos por fim a certeza – fora decretado o Estado de Emergência.

Um friozinho de medo, e ao mesmo tempo de expectativa, nos inundava o corpo e a alma. O coração tímido batia baixinho para não perturbar a razão. E as ideias assolavam em turbilhão de dúvidas e incertezas, desarmando-nos de todas as correntes de convicções e certezas.

A equipa, composta de mulheres maduras pelo tempo da experiência, sentiu-se, de repente, melancólica e triste. Um silêncio quase ensurdecador embalava as copas despidas das árvores do jardim interior da escola. Tirámos umas fotos e houve quem dissesse que pressentira que nada seria como dantes.

Deixámos a direção, levámos connosco os registos e os códigos das plataformas que necessitaríamos, quando a escola encerrasse. Sim, encerrasse, porque estávamos em crise pandémica e em confinamento social.

Urgia recolhermo-nos em casa, como se, qual crisálida, voltássemos aos nossos casulos para nos protegermos da ameaça do contágio.

Despedimo-nos com um risinho de nervoso miudinho, dissemos piadas sobre Covid(es) e projetámos cenários e desenhámos estórias, cujas personagens eram figuras

reais da escola. Foi uma espécie de vivência fugaz de uma qualquer e nostálgica adolescência tardia.

No entanto, no dia seguinte, após a efabulação da gestão a distância, soubemos que a Escola não fecharia.

A Escola mudaria. E pela primeira vez alteraria o seu paradigma, a sua matriz, o seu *modus operandi* de tantos anos, de tantas décadas. E não foi necessário nem teses, nem estudos avançados, nem legislação, nem absolutamente nada. Só a necessidade imperiosa e primordial de preservar aquilo que é a sua missão de formadora, aprendente, transformadora de vidas, porta de conhecimento, reduto de inclusão.

Então, qual borboleta a sair do casulo, reinventou-se. As salas de aulas, vazias no espaço físico da escola, transformaram-se em espaços virtuais. O quadro foi substituído pelo écran do computador. A sala de aula pela sala de jantar. O autocarro pelo corredor, que liga o quarto à sala. A aula “apareceu”, ali, junto à chávena de café com leite. O cheiro e os sons dos recreios da escola foram substituídos pelos da torradeira, do pão com manteiga e dos flocos de cereais.

E o professor ...?! Esse continuava lá. Do outro lado da tela, com o timbre da sua voz, a sua mestria, a sua experiência, o seu rosto. O aluno também permanecia à sua espera e da aula que começasse, no Zoom, no Skype, no *Google Classroom*...

O meio não importava. O importante era o fim. Nesse “agora”, fazia mais sentido o título do livro de Richard Bach *Não há longe, nem distância*.

Havia que fazer cumprir a determinação da tutela – a Escola organizou-se, gizou um plano a partir de um Roteiro, tendo por base uma reconfiguração do ensino-aprendizagem, e construiu o seu Plano de Ensino a Distância. E todas as escolas do país fizeram o mesmo. E houve reuniões a distância, e reconstruíram-se horários e construíram-se pontes. Era imergente (re)pensar as práticas pedagógicas e as práticas avaliativas, salvaguardando as condições de uma verdadeira inclusão pedagógica e social que, nesse momento de Ensino a Distância, fazia, ainda, mais sentido. E criaram-se e consolidaram-se laços, ainda que virtualmente liados.

A Escola fechada e sequestrada em si mesma, abriu-se, transmutou-se, superou-se.

A verdadeira e almejada Mudança aconteceu. E foi só preciso um vírus de uma dimensão nanoscópica para mudar a vida, para mudar o mundo, para alterar a(s) perspectiva(s).

E um novo léxico irrompeu, pleonasticamente, pela escola dentro – confinamento, ensino a distância, “TeleEscola”, plataformas, aulas síncronas e assíncronas.

E fomos, assim, exorcizando-o medo com álcool gel!

Fomos os atores e gestores da emoção, dada a emergência do momento de desafios e de reconfiguração da Escola. As interpelações de uma nova realidade provocaram uma revolução na sala de aula, uma revolução na aprendizagem, como diz António Nóvoa.

Mas não tenhamos ilusões. Existem, ainda, muitos guardiães de velhos paradigmas que prendem a mudança com as amarras da insegurança e os grilhões das suas arrogantes certezas. Opositores movidos pelo medo e pela angústia dos novos tempos, dos novos ares, das novas golfadas de ar fresco e puro.

E vem-nos à memória o momento em que, naquele Conselho Pedagógico, uma mistura de comoção e de raiva assolou quando líamos as palavras daquela criança do 1º ciclo: “Gostava que a minha professora pudesse falar ao vivo no computador com todos, porque tenho saudades de a ver e aprender com ela”.

E nós, tal como aquela criança, manifestamos um desejo – o de que nenhum profissional docente desligue a câmara de vídeo para o seu aluno, com receio de que um qualquer hacker pedagógico roube a sua identidade, ainda que falsa, de professor.

24. Acesso, equidade e aprendizagem: Desafios em tempos de Covid 19

Marisa Carvalho | mscarvalho@porto.ucp.pt | Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Diana Soares | dsoares@porto.ucp.pt | Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

O atual cenário pandémico em que nos encontramos trouxe (e continua a trazer) às escolas, professores e estudantes, o desafio de uma adaptação e transformação, até então, inimagináveis (OECD, 2020a) Na ausência de orientações e recomendações, baseadas numa experiência prévia semelhante à vivida, o sistema educativo vê-se na necessidade imperiosa de alterar o seu *modos operandi*, passando de um modelo tradicional presencial para um modelo à distância, 100% online, e ainda por testar. Na verdade, “the COVID-19 outbreak is also a major education crisis” (UNESCO, 2020).

Neste ponto, os três eixos norteadores de uma educação de qualidade: o acesso, a participação e a aprendizagem efetivas de todos os alunos, precisam de ser reequacionados. Estes têm sido mote de um conjunto de iniciativas relacionadas com a educação inclusiva e a promoção do sucesso escolar (e.g. DL 54/2018, DL55/2018). Nas últimas décadas, em termos nacionais, fizemos largas conquistas do ponto de vista do acesso. Podemos afirmar que, globalmente, as crianças e os jovens estão hoje nas escolas, estando garantido o acesso. Contudo, o confinamento imposto pela situação pandémica que vivemos coloca em situação de risco crianças e jovens deste ponto de vista. Se é verdade que o ministério, as escolas e os professores têm feito um enorme esforço no sentido de resolver ou minimizar a questão, também é verdade que esta questão nos confronta com fragilidades e necessidades que devemos remediar agora e resolver no futuro próximo. É central que estas mudanças se façam acompanhar de garantias de acesso às múltiplas e diversas oportunidades de aprendizagem organizadas pelas escolas. Mas esta urgência também se aplica as questões da participação e da aprendizagem. Como garantimos que todos os nossos alunos participam e aprendem nas circunstâncias que vivemos? Alguns estudos, todos eles muito recentes, dão conta da falta de preparação, “*readiness*”, sentida por estudantes, sobretudo aqueles com maiores fragilidades socioeconómicas, no que respeita às suas competências digitais e

à sua “capacidade” para aprender neste modelo online (Alipio, 2020; Basilaia & Kvavadze, 2020).

Claro está que não é esperado que o modelo de ação seja o mesmo e replique as práticas do ensino presencial. Não é possível para os alunos, mas também não o é para os professores. O desafio é imenso para alunos e para professores, já para não falar das famílias, mas ambos têm dado provas do seu espírito de responsabilidade, compromisso e resiliência neste momento particular. Tal implica, por parte do sistema educativo, o repensar de mecanismos de planeamento estratégico e de gestão de qualidade (Alipio, 2020), nos quais as questões inerentes a uma educação inclusiva de qualidade sejam pedra basilar da ação educativa, tanto ao nível das políticas educativas, como das lideranças escolares e dos diferentes agentes educativos.

Com este intuito, e numa lógica de (re)organização do próprio sistema educativo, a OECD (2020b) apresenta um conjunto de recomendações que importa assinalar:

i) a necessária redefinição dos objetivos curriculares, definindo-se o que é “realmente” importante aprender/ensinar num período de distanciamento social;

ii) a clarificação do papel do professor no suporte efetivo à aprendizagem dos alunos, combinando a instrução direta (à distância) e a orientação para uma aprendizagem auto-guiada;

iii) a garantia do suporte e apoio necessários, aos estudantes e famílias mais vulneráveis, fomentando a sua participação ativa na implementação destes planos educativos alternativos;

iv) a relevância de se implementar um sistema de comunicação, adaptado a cada estudante, no sentido de um acompanhamento, de perto, da sua aprendizagem.

A um nível mais micro, pensando na ação concreta do professor, tendo como inspiração o modelo Desenho Universal para a Aprendizagem (cf. DL 54/2018), apresentamos seis sugestões específicas. Sugere-se que cada professor tenha em atenção o seguinte:

1. Apresente explicitamente, de forma clara e regular, as expectativas

O ensino à distância é distinto do ensino presencial e, por isso, professores e alunos necessitam de tempo e de orientação para uma melhor adaptação a este modelo. Por este motivo, é necessário apresentar de modo claro e sistemático as expectativas relativamente ao processo e aos produtos esperados por parte dos alunos. É necessário

garantir que todos os alunos compreendem as expectativas e dar-lhes tempo para que as integrem em mecanismos de aprendizagem.

2. Proponha atividades de ensino na modalidade assíncrona

Para além das questões do acesso já referidas, poderá haver alunos com mais dificuldade em processar e integrar a informação na modalidade síncrona. A possibilidade de estudo autónomo através da exploração de materiais, da revisão de vídeos das aulas (se gravadas ou transcritas) ou da realização de tarefas/atividades são estratégias facilitadoras da aprendizagem a adotar na modalidade assíncrona.

3. Prescreva a realização de notas ou resumos das aulas

Para alguns alunos, pode ser difícil manter-se focado, sentir-se conectado, processar a informação ou identificar ideias chave durante as aulas síncronas. Propor tarefas que consistam na redação de breves notas ou resumos sobre o conteúdo das aulas, por exemplo a pares, pode ser uma estratégia que facilita uma melhor compreensão e integração do conteúdo, mas também a conexão com os pares e com as atividades em curso.

4. Utilize materiais acessíveis

Não são apenas as aulas que têm de estar acessíveis. É crucial que os materiais (imagens, textos e outros que os compõem) sejam compreensíveis e usáveis por todos os alunos. Por exemplo, elabore descrições breves das imagens e vídeos apresentados, evite utilizar imagens com baixa nitidez ou textos pouco claros/precisos.

5. Dê voz aos alunos

Ouvir os alunos é especialmente importante aumentando a conexão e interação tão necessárias neste momento. Além disso, eles serão os melhores “consultores” na reflexão acerca do ensino à distância, dando contributos e sugestões sobre modos e ferramentas de apoio ao trabalho e ao estudo. Ouça-os muito.

6. Faça da turma uma comunidade

Mais do que nunca é fundamental construir e manter relação à distância e, deste modo, contribuir para o sentido de conexão e de pertença bem como de bem-estar físico e emocional de todos os envolvidos. Por exemplo, promova assembleias de turma ou discussão em pequeno grupo por videoconferência.

Enfim, faça deste momento de crise uma oportunidade de crescimento! Garanta que todos, sem exceção, participam e aprendam!

Referências

Alipio, M. (2020). Education during COVID-19 era: Are learners in a less-economically developed country ready for e-learning?. Available at SSRN 3586311. or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3586311>

Basilaia, G., & Kvavadze, D. (2020). Transition to online education in schools during a SARS-CoV-2 coronavirus (COVID-19) pandemic in Georgia. *Pedagogical Research*, 5(4), 1-9.

OECD (2020a). Supporting the continuation of teaching and learning during the COVID-19 Pandemic Annotated resources for online learning. Paris: OECD Publishing

OECD (2020b). A framework to guide education response to the COVID – 19 Pandemic. Paris: OECD Publishing

<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition/>

(Acedido em 22.05.2020)

25. O Moleskine de bolso

Pedro Jesus | pedro.jesus@cadoroteia.info

Professor do Colégio de Santa Doroteia e Doutorando de Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

maio de 2020

São frequentes os relatos, provenientes de diversos contextos educativos, das transformações nos respetivos modelos de ensino, que permitiram muito rapidamente passar do ensino presencial ao ensino a distância. Normalmente, são relatos de sucesso e satisfação por se ter encontrado, num curtíssimo espaço de tempo, um novo modelo de funcionamento. O sentido de urgência nessas mudanças parece ter sido compreendido e aceite pelas comunidades educativas, que terão reconhecido os esforços de uma transformação rápida e eficiente. Há, certamente, muitos motivos de contentamento. Algumas oportunidades de alteração dos elementos da *gramática escolar* tornaram-se, inesperadamente, uma realidade. Algo tão difícil de renovar como, por exemplo, a lógica de construção dos horários letivos, subitamente perdeu o seu carácter de imutabilidade. Mas estamos perante uma mudança (mais ou menos) generalizada nos modos de pensar e nas lógicas de ação em educação?

Ao fim de uns dias de confinamento acabaram-se-me os cadernos. Ou melhor, deixei de ter folhas livres onde listar tarefas, escrever, organizar ideias. Decidi, por isso, fazer a compra *online* do caderno habitual. Passado uns dias foi-me entregue um caderno, mas não o que eu pensava ter comprado. Chegou-me a casa um *moleskine* de bolso. Este desencontro entre o que comprei e o que queria ter comprado serve aqui como representação análoga de outros desencontros possíveis do tempo escolar que vivemos. O olhar desatento que não valorizou a diferença entre comprar *online* e comprar na papelaria pode ajudar a iluminar e, porventura, a compreender outras divergências entre o que está a acontecer e o que pensamos ou gostaríamos que estivesse.

Quando e se os professores entenderem

Nos últimos dias da pausa letiva da Páscoa, a minha filha mais velha, que se encontra a frequentar o ensino profissional artístico-especializado no correspondente

ao 11º ano, recebeu indicações por email sobre o funcionamento do ensino a distância no 3º período. Teria uma aula síncrona no início da manhã do primeiro dia de aulas. À hora marcada, ela e os colegas entraram na sala virtual para poder participar na aula. Qual não foi o seu espanto, o professor que a lecionaria não compareceu. Tentando perceber o que teria acontecido, os alunos procuraram uma explicação junto do diretor de turma, que veio através da resposta: “as aulas síncronas acontecerão, de acordo com o horário, mas apenas quando e se os professores entenderem”.

O cumprimento das tarefas

Um amigo descreveu-me, há umas semanas, ter participado numa reunião de professores em que se discutiu, durante grande parte do tempo, formas de controlo e registo do incumprimento de tarefas por parte dos alunos e consequente comunicação aos encarregados de educação. E expressava algum desconsolo por não ter ainda discutido também: o que ensinar e para quê? com que ações? como chegar mais aos alunos, a todos os alunos, e motivá-los?

Gostaríamos de trabalhar a pares

Andou a circular pelas redes sociais uma imagem de um computador com a inscrição em francês “*Ceci n’est pas une école*”. Considerei irresistível utilizá-la como provocação numa conversa com os alunos da minha direção de turma, a frequentar o 7º ano. Apoiado na ideia “isto não é uma escola”, questionei o que poderíamos fazer para poder afirmar: “mas nós somos”. A partir daí, os alunos partilharam o que desejariam que este tempo escolar lhes proporcionasse. Expressaram de modo quase generalizado o desejo de realização de trabalhos a pares e de ocorrência de algumas aulas interativas, com recurso a aplicações que permitissem reunir, em tempo real, as realizações de uns e outros. E lamentaram isso não estar a acontecer.

Receio que esteja a baixar o nível de exigência

Procurou-me há dias um encarregado de educação e partilhou a dificuldade que sente, no atual contexto, de acompanhar a progressão das aprendizagens do seu filho. Manifestou ainda algum receio de que o nível de exigência do colégio esteja a baixar: a maioria dos seus amigos tem os filhos noutros colégios cujas aulas decorrem todas no

horário antigo, sendo todas as aulas síncronas. E pediu ajuda para compreender o que se está a passar.

Recuperar o tempo perdido

Em mais do que uma ocasião, de mais do que uma pessoa ouvi a ideia que no próximo ano letivo se iria “recuperar o tempo perdido”. Sem querer esvaziar os múltiplos sentidos que a expressão pode comportar, até porque o atual contexto social e educativo é substancialmente diferente do que sempre tivemos, senti sempre algum desconforto quando a escutei. Questiono-me se, no fundo, se acredita pouco nas aprendizagens que se podem fazer nesta altura e se não pode estar a crescer uma espécie de *fome* que conduza, na retoma do presencial, a um reforço do que ficou para trás e do modo como sempre se fez.

A urgência de uma mudança em andamento no modelo de ensino gerou, naturalmente, múltiplas respostas coletivas e individuais, e originou diferentes representações e expectativas. Estes episódios curtos parecem relatar mal-entendidos, incompreensões, olhares divergentes sobre o momento que vivemos e sobre o que ele pode trazer. De certa forma, desvendam também alguns riscos e oportunidades.

Riscos:

- as desigualdades no acesso e fruição de uma educação de qualidade, que parecem ficar mais a nu: as originadas pela condição social dos alunos, mas também as desigualdades entre escolas, lideranças pedagógicas e professores tornam-se mais visíveis;

- a tendência a reproduzir, individual e coletivamente, o modo de pensar e agir próprio do modelo escolar dito tradicional, afinal de contas a nossa “língua materna”, expresso, por exemplo, na insistência em preocupações de controlo burocrático, algumas com sentido, outras talvez sem tanto;

- o “estacionamento” no *ensino remoto de emergência*⁶, sem desenvolver aprendizagens individuais e coletivas do ensino-aprendizagem *online* e sem as capitalizar na preparação de um novo modelo presencial, mais eficaz na promoção das aprendizagens de todos os alunos;

⁶ expressão de Xavier Aragay, Reimagine Education Lab

- uma maior invisibilidade dos alunos, ou pelo menos de alguns, habituados de há muito a ter pouco a dizer sobre a sua escola;

- a ausência ou diminuição da comunicação com as famílias, que conduza a uma quebra na compreensão dos caminhos pedagógicos que estão a ser percorridos e das dificuldades que estão a ser experimentadas.

Oportunidades:

- a desconstrução da imagem dos alunos enquanto massa e a emergência da pessoa do aluno - estranhamente, a distância, aliada a novas formas de comunicação, parece potenciar interações personalizadas;

- o desenvolvimento efetivo da autonomia e autorregulação das aprendizagens;

- a capacitação docente na utilização de metodologias ativas, apoiadas por recursos digitais, e de novas formas de avaliação de aprendizagens;

- a facilidade de promoção de formas de participação na vida escolar (de alunos, professores, pais), e de partilha e disseminação de aprendizagens importantes que estejam a ser feitas e possam ser alargadas;

- uma maior flexibilidade na organização dos tempos e do agrupamento dos alunos, que favoreça a aprendizagem institucional e permita “recuperar tanto tempo perdido” neste campo.

Não devemos estar perante a alvorada de um novo sistema educativo como alguns anunciam, mas “ensinar e aprender em tempo de COVID19” abre, inesperadamente, algumas janelas de oportunidade que seria uma lástima não rentabilizar em projetos

educativos que procurem, constantemente, a melhoria gradual da escola, ou seja, da vida dos seus membros.

Quanto a mim, quando precisar de novo caderno, comprarei exclusivamente um *moleskine* de bolso? Provavelmente não. Mas, entretanto, aprendi que consigo dele resultados inesperados quando o utilizo com outra orientação. E poderei levá-lo, mesmo, para todo o lado!



figura 1 - o moleskine de bolso
(fotografia do autor)

26. Nada será como antes...

Raquel Duarte | raquel.duarte@agesc-arouca.pt

Coordenadora de departamento do 1ºCEB do Agrupamento de Escolas de Arouca

Sou do tempo do crucifixo e do retrato de Salazar na sala de aula.

Do tempo do livro único, da bata, dos estojos de madeira, da caneta permanente, do manual escolar herdado dos irmãos, da pasta que carregava apenas a lousa, o caderno escolar de duas linhas e o lápis preto da “Viarco”. Do tempo da palmatória na secretária e da cana atrás da porta. Do ecoar do hino nacional pelos corredores da escola, nos inícios das aulas. Da fila dos “burros” no final da sala. Da tocada do sino a anunciar a retirada. Da “prova” no final do ano letivo, em folhas de 25 linhas, com dobra no lado esquerdo para registo da nota e da assinatura do pai. Do tempo do respeito e da relevância de ser professor.

Um tempo de memórias e afetos que me fez querer ser professora. Finalizado o secundário, realizei por minha iniciativa e à revelia da família, os exames de admissão ao Magistério Primário, sendo das primeiras a ser admitida. Anunciado o resultado e o propósito à família, fui proibida da frequência do curso. Depois das férias “grandes”, iria trabalhar. Não compreendiam a minha decisão, eu, uma boa aluna, com possibilidades para tirar um curso “superior”, optar por um curso “médio”. Tinham outros projetos para mim, esperavam “mais” de mim.

Não cedi. O que para a família era muito pouco, para mim era tudo o que queria. Se não podia ser professora, não iria continuar a estudar. Mas depois de algum tempo, uma contraproposta. Na esperança de que com o “amadurecimento”, eu mudasse de ideias, foi-me proposto completar o 12º ano e, aí, tomar uma decisão definitiva. Aceitei, e exatamente pela mesma razão, na esperança de que com o tempo digerissem a situação e compreendessem que não se tratava de um capricho, mas de uma convicção. E assim foi concluído o 12º ano, ingressei orgulhosamente e cheia de expectativa na dita “Escola Normal”.

Guardo as melhores memórias desse tempo. Absorvi todos os ensinamentos, pedagogias, didáticas, aspirando a ser uma profissional da educação idealista e pronta para mudar o mundo, a escola, a vida das crianças.

Piaget, Pestalozzi, Dewey, Vygotsky, Montessori, Decroly, Freire, e o muito amado Freinet, iam entrando nas minhas rotinas acadêmicas, inspirando-me para ser uma futura seguidora e uma alternativa aos métodos tradicionais escolares, com os seus modelos e teorias inovadoras.

Inovação que, após quase quatro décadas de ensino, se “perde” por não ser, de todo, nova.

Porque se resiste. Porque somos toldados por convicções e conformismos que nos impedem de mudar, de evoluir. Porque, apesar da consciência de que a escola se deve adaptar às exigências da contemporaneidade, constata-se uma inércia e uma morosa transformação dos sistemas educativos.

Passados quatro décadas sob o “paradigma” da inovação, prevalece este enquanto “estigma” ao longo dos tempos, prisioneiro de um modelo escolar tradicional persistente e defensivo.

Passados quarenta anos, apesar de algumas significativas mudanças, persiste o confortável ensino livresco, a obsessão aguda pela “fichite”, a ausência de uma perspectiva alargada sobre colaboração e cooperação, que subvertem qualquer tendência de inovação, para já, mais instituída que implementada.

Ainda prevalecem as “reguadas” marcadas nas pautas, a “fila” transformada em “lista” dos ditos alunos “fracos”, as disciplinas “disciplinadas”, os padrões de interação na sala de aula, com as filas de cadeiras direcionadas para o quadro e um padrão de trabalho centrado no professor.

A Covid-19, trazendo à tona todas estas fragilidades, acabou por ser a oportunidade para tomar consciência de que a escola tem que mudar. À força de um vírus e de uma situação de pandemia, foi invertida toda uma lógica da responsabilização pela aprendizagem centrada no professor, para a devolver ao aluno no seu comprometimento com a mesma.

Surpreendentemente, as medidas de confinamento acabaram por apaziguar ambientes hostis à inovação. Num real movimento de escola moderna, foi-se ao “baú” buscar metodologias e estratégias ativas implementaram-se cenários de aprendizagem profundos, duplicaram-se os canais de comunicação, alterou-se a disponibilidade para o apoio ao estudo e à aprendizagem, aumentou o controlo, a regulação e a autorregulação das aprendizagens.

Nesta lógica de experimentação social a que a pandemia nos obrigou, a criatividade, o pensamento coletivo, a solidariedade, obrigaram, a uma rutura com os modelos tradicionais e ao recuperar de ideais adormecidos pelo cansaço. A inclusão e a equidade educativa revelaram-se uma preocupação social e comunitária, nesta escalada progressiva de combate à desigualdade, nunca antes vista, nunca antes pensada.

Em semanas, escolas são equipadas com os meios e as condições tecnológicas para que aulas à distância e plataformas digitais façam parte das rotinas escolares. Em dias, é alterada a gramática escolar tradicional, passando a fazer parte do discurso escolar, como nunca, a flexibilização de tempos de aprendizagem, o trabalho colaborativo, a gestão articulada do currículo, a planificação conjunta, as tarefas, os registos contínuos, a monitorização constante, a avaliação formativa, o feedback, o foco no aluno, em cada aluno. O ensino à distância trouxe a proximidade à comunidade educativa, e com ela uma comunhão inovadora de procedimentos.

Tão pouco foi preciso para uma tão grande mudança no sistema instalado. E tão rápido todos os intervenientes se prontificaram na defesa de um sistema educativo de qualidade. Afinal, é possível.

Tem encerrar a minha carreira profissional sem ver estas práticas generalizadas e apenas reservadas a professores mais afoitos e visionários.

Satisfaz-me saber que esta vontade de melhor escola estava apenas adormecida. E agrada-me ouvir que nada será como antes da Covid-19.

Sorrio, porque era isto que queria viver, era isto que queria sentir, quando tomei a decisão de ser professora. Nada será como antes...

27. Quando as aulas entraram em casa

Rui Pedro | Aluno do ensino básico

Estou a acabar o ensino básico e fui desafiado a escrever um texto sobre a minha perspetiva de aluno em relação às aulas em tempos de Covid-19. E cá estou eu a escrever sobre a minha vida de estudante desde que as escolas de todo o país fecharam.

Depois de ter sido decretado o fecho das escolas, eu apenas tive dois dias sem nada que fazer, pois logo a seguir a minha escola implementou a política de aulas online. No início eu estava eufórico, pois a escola tinha fechado e iríamos ter algo nunca antes pensado, que eram as aulas *online*. A minha escola deu a todos os alunos tudo o que necessitávamos para não ficarmos prejudicados com este sistema. Quando tudo isto começou, penso que todos estávamos a gostar, pois era tudo novo e diferente. Porém, com o passar dos dias fui-me desinteressando, pois como já nada era novo, eu comecei a perceber que algumas coisas que fazíamos não faziam muito sentido (pelo menos para mim). Pouco a pouco comecei a aborrecer-me com as aulas *online* e a cansar-me de estar tanto tempo ao computador. Não aguentava mais, mesmo tendo menos aulas. Isto porque, para as aulas assíncronas, havia aplicações com uma quantidade absurda de trabalho autónomo. Se já nos queixávamos durante o ano todo que não tínhamos quase tempo nenhum para nós próprios, agora nem para fazermos todo o trabalho autónomo temos tempo. Isto, se quisermos continuar a ter um pouco de sanidade mental e tempo para fazermos o que gostamos. Parece que os professores pensam que, como estamos sempre em casa, não temos mais nada que fazer. Mas isso não é verdade. Nós todos temos atividades em casa que adoramos. Eu, por exemplo, adoro jogar PlayStation 4 com os meus amigos, pois nestas circunstâncias é o único contacto que tenho com eles. Também adoro fazer edição de clipes de jogos, como por exemplo *highlights* (os melhores momentos) e isso tudo leva tempo. Mas também serve para continuarmos felizes a fazer o que gostamos, mesmo em época de quarentena, porque a vida não é só estudar nem trabalhar. Penso que devemos viver, e não ser uma máquina que só pensa em estudar. Na minha opinião, apenas um robot conseguiria fazer todo o trabalho que nos pedem e ainda poder fazer o que se gosta. Claro que em tempo de aulas normal isso vai sendo possível, mas neste momento não dá.

Outra coisa que eu odeio é ameaçarem-nos que ligam para nossa casa, caso não realizemos o trabalho autónomo. Eu já nem quero saber disso, pois prefiro que a minha mãe receba uma chamada e eu continue mentalmente são, do que ficar completamente absorvido pelo trabalho da escola. Também, quando o fazem, como a minha mãe comunica comigo, sabe o absurdo que são os trabalhos autónomos. Por isso, apenas me alerta para o que se passou e diz-me para tentar fazer o máximo que conseguir. Mas eu sei que nem todas as mães e pais são assim, e estes telefonemas podem fazer com que os alunos se sintam mais revoltados ainda. De qualquer forma, aconselho os alunos a tentarem dar sempre o seu melhor, porque lá por não dar para fazer tudo, também não quer dizer que devam nada fazer. Por isso, a minha dica é que tentem sempre fazer o máximo que conseguirem para a escola, mas para continuarem bem, façam também o que gostam. Bem, com tudo isto, pareceu-me que as últimas duas semanas do segundo período tinham sido meses, exceto os primeiros três dias em que, como já escrevi, estava em época de descoberta.

Depois vieram as abençoadas férias que, sem dúvida, foram a melhor parte desta quarentena. E lá estive eu de férias sem pensar um minuto em aulas e trabalho autónomo e também não sabia nada do 3º período. Mas se soubesse, não tinha ficado tão despreocupado...

Dois dias antes de acabarem as férias recebi um email da minha escola a explicar como seria o terceiro período. Naquele email veio a terrível notícia de que não existiriam mais aulas presenciais neste ano letivo... Fiquei completamente chocado, pois não sabia como iria aguentar um período inteiro de aulas *online* se aquelas duas semanas tinham sido um inferno. E eu tinha razão... O 3º período está a ser uma tortura. Continuamos sem tempo para nada, mas agora existe uma nova aplicação nas nossas aulas, que se chama *OneNote*. Essa aplicação pode ser fantástica, se for bem usada. Alguns professores usam-na como uma espécie de caderno diário, onde põem as lições todas e o que se deu na aula. Também existe uma aba de sugestões onde podemos dar a nossa opinião sobre as aulas, um local onde podemos pôr o nosso trabalho autónomo, para os professores terem evidências do nosso trabalho, e também onde eles nos dão instruções em semanas em que não temos aulas dessas disciplinas. Se esta aplicação for usada assim, ela de facto dá muito jeito, mas nem tudo é perfeito. Alguns professores pedem-nos para pôr lá **TUDO O QUE FAZEMOS DURANTE AS AULAS**. Isto, no meu ponto de

vista, revela uma grande falta de confiança em nós. Também não entendo para que necessitam de evidências do que escrevemos numa aula *online*, quando em sistema de aulas presenciais não nos vão verificar os cadernos para ver se passamos tudo no final de cada aula.

Agora, vamos deixar o trabalho autónomo de parte e vamos focar-nos nas aulas *online*. As aulas *online* podem ser fantásticas e super interativas, quando os professores as preparam a pensar em nós e em formas de aprendermos enquanto nos divertimos. Às vezes há quem não dê valor a isso, mas era importante que déssemos. Mas, também existe o professor que usa um *power point* para dar as aulas e isso não tem mal, caso o *power point* seja só um apoio ou sirva de guião e a aula possa fluir naturalmente. Mas há quem passe a aula inteira a partilhar o *power point*, que nem sequer foi feito pelo professor, e mande os alunos lê-lo. Esse tipo de aula é a coisa mais *secante* do universo para nós. Por isso, a todos os professores que estejam a ler isto, peço, por favor, que tentem ser criativos. Por favor, não usem *power points* para passar durante a aula inteira, especialmente em aulas *online*, pois os alunos podem deixar o computador ligado na aula e simplesmente irem fazer outra coisa.

Quero terminar esta reflexão a dizer que sei que esta situação é difícil para todos nós e para os professores também. Sei que não deve ser fácil adaptarem-se a estas mudanças e importa referir o esforço e o trabalho que alguns professores estão a ter. Mas, seria tudo melhor se os professores pudessem pensar em formas mais criativas de dar aulas nesta altura que vivemos.

28. Estar à distância

Sónia Soares Lopes | soniasoareslopes@gmail.com

Professora de Matemática no ensino básico e doutoranda na área das Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Desempenhar a função de Professor a partir de casa tem sido um desafio, tanto a nível profissional como pessoal. Tenho tido muitas dificuldades em gerir o tempo, em separar o tempo pessoal do profissional.

Gerir o espaço da casa, o sinal de wi-fi, o silêncio, com os filhos que também estão em casa com aulas em aulas não presenciais não tem sido fácil. No entanto, como já são jovens universitários são bastante autónomos e partilham das tarefas da casa. Enquanto que a minha filha tem mantido o horário normal chegando a ter 4 horas seguidas de videoconferência, sem intervalos entre as diferentes disciplinas, atingindo, em alguns dias 8 horas de aulas por videoconferência, o meu filho tem um número muito menor de videoconferências, tendo que realizar algumas tarefas depois de ver alguns powerpoints.

Esta mudança brusca e inesperada implicou (re)agir. Apesar de já ter algum conhecimento sobre plataformas digitais e a sua utilização no ensino, não estava preparada para uma mudança brusca como a que vivemos, tendo procurado assistir a muitos Webinars sobre Ensino à Distância e lido alguns tutoriais.

A preparação do plano de trabalho semanal que envio aos alunos ocupa-me muito tempo. Como estratégia de ensino-aprendizagem, **tenho utilizado o método da Aprendizagem invertida**. Elaboro um plano de trabalho onde dou a indicação para os alunos verem determinados vídeos, fazerem exercícios interativos, realizarem alguns desafios matemáticos, copiar umas sínteses para o caderno diário e realizar alguns exercícios no caderno diário. **Procuro colocar o aluno como protagonista da sua aprendizagem promovendo a sua autonomia**. Nesse plano, **utilizo linguagem simples, direta e concisa**. Manifesto a minha disponibilidade para o aluno procurar esclarecer as suas dúvidas quer por email, através da Classroom (Fórum da turma) ou através de dois momentos síncronos de 30 minutos semanais através de videoconferência. Envio, posteriormente, a resolução dos exercícios propostos e como não tenho écran tátil, escrever em linguagem matemática num editor de texto demora algum tempo. Saliento

que todos os meus alunos têm acesso a meios tecnológicos, quer através do telemóvel ou computador. No entanto, alguns têm dificuldade com o sinal de rede e/ou renovação de dados. Para que o contacto com os alunos não fique fragilizado **tenho também grupos do Whatsapp com cada turma.**

Além dos dois momentos semanais síncronos com os alunos através de videoconferência, de 30 minutos cada, por turma, passo muito tempo a classificar o trabalho dos alunos e dar o respetivo feedback. Estes dias assisti a um Webinar sobre as Neurociências na Matemática onde a língua oficial era o Castelhana e quando se abordou a questão da **importância do feedback**, o orador em questão falava em retroalimentação. Muitas consideram o feedback apenas como um retorno, mas não é apenas isso. Deve ser um retorno que alimenta. **Um retorno que dá forças para continuar. Os alunos tiram fotografia aos exercícios que realizam no caderno e colocam na plataforma (classroom) onde só o Professor vê e onde os comentários podem ser particulares.** Este processo de análise é lento. Abrir as fotografias, procurar ler e compreender o trabalho dos alunos (que nem sempre é o melhor devido à qualidade das fotografias e da caligrafia) e dar feedback. Verificar a qualidade do trabalho, os erros, se está completo ou não e dar pistas (ajudas) para que o aluno consiga terminar a sua tarefa. Por vezes, nas videoconferências, proponho a resolução de um pequeno exercício no caderno, os alunos tiram fotografia imediata e enviam logo. Procuo, desta forma, verificar as aprendizagens efetivas do aluno. **Os alunos recebem sempre feedback do trabalho que enviam. Uma palavra de felicitação, uma palavra de apoio, uma ajuda.**

As turmas do 7º ano beneficiavam de um tempo semanal de coadjuvação na aula de Matemática, em regime presencial. Uma das sessões síncronas através de videoconferência que marquei é na hora previamente marcada para a coadjuvação. Nesses 30 minutos, eu fico com um grande grupo de alunos da turma e a outra Professora fica com um pequeno grupo de alunos, cerca de quatro, que têm revelado mais dificuldades ao longo do ano letivo. Procuramos, desta forma, dar um apoio mais diferenciado aos alunos. Muitos destes alunos têm dificuldade em expor as suas dúvidas e em grupo mais pequeno é mais fácil.

Creio que o mais importante para os alunos tem sido o contacto com o Professor. Saber que o Professor está lá. Longe, mas perto. E tem sido reconfortante receber as

mensagens dos alunos a pedir ajuda no exercício tal e tal. **Um das principais vantagens neste tipo de ensino-aprendizagem é poder ajustá-lo às necessidades do aluno.** Apesar dos planos de trabalho semanais terem uma data definida e serem muito poucos a não entregar, dou sempre oportunidade para que os alunos possam completar a tarefa. Esta forma de trabalho permite, também, aos alunos com um ritmo de aprendizagem mais rápido realizar os planos de trabalho seguintes, sem perder o envolvimento, o interesse. Claro que exige do Professor mais trabalho, mais horas em frente ao computador. Mas temos de procurar manter o envolvimento dos alunos. Não é isso que queremos? O envolvimento dos alunos no processo ensino-aprendizagem? E é curioso notar, também em conversas com outros Professores, que **muitos dos alunos que revelavam muitas dificuldades de concentração numa sala de aula normal, estão a dar uma resposta extremamente positiva a este tipo de trabalho.**

Além das mudanças no trabalho com os alunos, **este novo regime de trabalho também trouxe mudanças no trabalho entre os Professores. Aproximou-os.** Temos tido muitas reuniões (de Conselho Pedagógico, de departamento, de grupo disciplinar) para planificar e monitorizar, participação em grupos do Facebook para e-learning, mas sobretudo para apoiar-nos nesta mudança brusca com o entendimento que o trabalho colaborativo fortalece, edifica o Professor e reflete-se nas aprendizagens dos alunos.

O que virá depois? Creio que ninguém pode ficar indiferente a esta mudança. Apesar de muita relutância em modificar o processo de ensino-aprendizagem por parte de muitos Professores ao longo dos anos, **esta mudança brusca trouxe um sentido para a mudança.** E os Professores fizeram um esforço enorme em se adaptarem, em se ajustarem, em aprender coisas novas para poderem estar lá para os alunos. Foi “preciso dar o salto” e não se pode voltar atrás!

Para concluir, creio que, mais do que ensinar à distância, é fundamental ESTAR, mesmo à distância, porque os alunos precisam de nós e nós deles!

29. Impactos: metamorfoses, desigualdades e... expectativas

Vitor Alaiz | vitoralaiz@gmail.com

Consultor do SAME da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Aposentado e confinado não tenho conhecimento de terreno sobre o ensino que se vai praticando e a aprendizagem que vai ocorrendo em tempo de covid 19. Só disponho de dados ocasionais provindos de pais, de docentes e de algumas crianças/jovens em idade escolar, complementados com informações provenientes de textos da comunicação social portuguesa, e de revistas especializadas, blogs e websites. Em resumo, informação não estruturada, amostras aleatórias e reduzidas, desaconselhando fortemente generalizações apressadas. As linhas que se seguem são por isso um breve esboço impressionista de alguns aspetos que suscitaram a minha particular atenção.

Impacto

Antes de mais, a dimensão impressionante do impacto do covid19 nos sistemas educativos a nível mundial. A UNESCO mapeou o fenómeno com a criação de uma esclarecedora infografia dinâmica (<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>). Assim, dia 3MAIO2020, a situação era a seguinte: 160 países fecharam todas as suas escolas, donde mais de mil milhões (ou, mais especificamente, 1 598 099 008) de alunos afetados, correspondendo a 90% do total dos alunos matriculados. Fenómeno nunca visto com impactos pessoais e sociais que só parcialmente se vão conhecendo.

Metamorfoses

As escolas, secularmente amuralhadas, segmentadas em unidades produtivas designadas *salas de aula*, de repente viram-se obrigadas a transpor os muros e a estender-se pelas habitações dos alunos (andares, moradias, mansões, mas também casas térreas, barracas, ...).

Para quem se habituou a considerar que o sistema educativo mundial se encontrava demasiado ligado a um modelo escolar tradicional, inadaptado aos novos tempos, convenhamos que surpreende a rapidez da metamorfose que foi capaz de

realizar. Diríamos que a escola, na senda da profecia de M. McLuhan, ao mesmo tempo que se alargou, que se estendeu geograficamente, também encurtou distâncias: entre professores e alunos (aumentando as interações diferenciadas); e, sobretudo, entre filhos e pais.

Em Portugal, a resposta das “escolas” ao fechamento foi, temos de convir, surpreendente! Rapidamente os seus professores – numa “linha da frente” de que injustamente pouco se falou - se adaptaram ao ensino a distância. Com maior ou menor eficácia e proatividade, construíram materiais de apoio às suas preleções bem como tarefas para os alunos realizarem. Do outro lado, e no caso português, milhares de alunos sentaram-se regularmente em frente de algum monitor, ouvindo os professores, realizando os exercícios, conversando através de plataformas. Não houve uma revolução nos modos de ensinar, mas apenas nos meios. Dado o distanciamento dos docentes, a aprendizagem tornou-se inevitavelmente mais autónoma. E a interação com os pais, em torno das atividades escolares, aumentou significativamente. Muitos encarregados de educação, também eles confinados, viram-se obrigados a prestar mais atenção à atividade de aprendizagem do que à nota do teste ou à classificação final. Alguma coisa de positivo ficará para o futuro destes alunos e seus pais. Queremos crer que a atenção às aprendizagens dos respetivos educandos terá a médio prazo um impacto muito significativo.

Claro que alguns aspetos positivos não podem fazer-nos esquecer outros factos importantes que o encerramento das escolas tornou inevitáveis. Em particular, a supressão de atividades curriculares importantes como a educação física, a realização de experiências científicas são lacunas que só não são mais preocupantes porque se prevê o regresso à normalidade a médio prazo. Além disso, parece-nos de destacar um aspeto que as novas tecnologias só parcialmente conseguem resolver: a ausência de convivialidade que pode afetar significativamente o desenvolvimento afetivo e social dos alunos.

Desigualdades

Graças à comunicação social pudemos ficar a conhecer como este novo modo de ensino e aprendizagem tornou mais chocante a desigualdade social. Mais do que nunca, a disparidade dos contextos familiares e das condições de vida dos alunos mostrou a sua

articulação direta com os processos de aprendizagem. A diferenciação social, não sendo tão gritante como em outros países, revela o caráter injusto da sociedade em que vivemos. É certo que, nesta situação particular do ensino a distância, houve um vasto conjunto de diligências tendentes a ultrapassar algumas destas substanciais desigualdades. Iniciativas de autarcas, de associações locais, de mecenas, de cidadãos anónimos, bem como decisões de algumas escolas, resolveram por agora algumas das insuficiências de equipamento tecnológico de muitos alunos. Mas, as políticas públicas não podem continuar a secundarizar as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão de largos sectores da sociedade portuguesa.

E depois do confinamento?

Agora que estamos a entrar no período de desconfinamento, começa a ser útil refletir como deverá ser a escola pós-covid19, sobretudo num ponto crítico: a avaliação das aprendizagens. Conhecemos bem os efeitos retroativos (*os backwash effects*) que os modos de avaliação têm produzido sobre as práticas pedagógicas. Não temos dados quantitativos precisos sobre a dimensão do fenómeno, mas sabemos que uma percentagem significativa de professores *teach for the test*. Se dúvidas houvesse, bastaria ler a esmagadora maioria dos documentos com os *critérios de avaliação dos alunos* das escolas básicas e secundárias. Neles verificamos como o eixo central é constituído pelas normas de cálculo (as percentagens de ponderação) da avaliação sumativa. A ocorrência de expressões como “avaliação formativa”, “feedback” ou até “avaliação para a aprendizagem” é muita reduzida ou quase nula.

Por nós, tivemos a ilusão de que o covid19 iria mostrar à generalidade dos docentes a possibilidade de se preocuparem exclusivamente com a avaliação para as aprendizagens. Isto, tanto mais quanto é certo que agora a legislação vigente estipula condições institucionais facilitadoras dessas práticas. Chegámos a pensar que durante o confinamento se poderia dizer: *não há testes para ninguém*. Acabámos por verificar que foram encontradas formas de controlar o comportamento dos alunos em provas online e o teste (apesar de mais ameaçado na sua fiabilidade) manteve-se em muitas disciplinas como a forma quase única de avaliação.

Muitos de nós desejaríamos que as mudanças ensaiadas no período de confinamento se prolongassem como uma mudança paradigmática que centrasse

definitivamente toda a atividade das escolas nas aprendizagens dos alunos. Para isso, é necessário que as práticas de avaliação formativa ganhem o protagonismo que merecem. Para isso, precisaríamos de coisas tão simples como uma formação intensiva dos professores em pelo menos um modelo de feedback sustentado em larga investigação (Hattie e Timperley, 2007; Machado, 2013; Carroll et al., 2019).

Se isso vier a acontecer, acabará por ter razão Stefania Giannini, diretora-geral adjunta da UNESCO quando, em declarações à TSF (15Abril2020), afirma que apesar do impacto negativo desta situação nas escolas, “onde vemos um risco, também podemos ver uma oportunidade”. Gostaríamos de acreditar que esta “crise vai mudar a educação” e que “o ensino nunca mais será como antes” (ibid.).

Faculdade de Educação e Psicologia

Porto, maio de 2020